



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**VICTOR MATHEUS GONÇALVES DE FIGUEIREDO**

**ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA E CÍRCULO DE LEITURA LITERÁRIA NO  
DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO COM JOVENS DO  
ENSINO MÉDIO**

**FORTALEZA**

**2022**

**VICTOR MATHEUS GONÇALVES DE FIGUEIREDO**

**ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA E CÍRCULO DE LEITURA LITERÁRIA NO  
DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO COM JOVENS DO  
ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Profa. Dra. Sandra Haydee Petit

**FORTALEZA**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- F493e Figueiredo, Victor Matheus Gonçalves de.  
Escrita (auto)biográfica e círculo de leitura literária no desenvolvimento do letramento racial crítico com jovens do ensino médio / Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo. – 2022.  
103 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydeé Petit.
1. teoria racial crítica. 2. letramento racial. 3. autobiografia. I. Título.

CDD 370

---

**VICTOR MATHEUS GONÇALVES DE FIGUEIREDO**

**ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA E CÍRCULO DE LEITURA LITERÁRIA NO  
DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO COM JOVENS DO  
ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 28/01/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Sandra Haydeé Petit (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Vasconcelos da Costa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico esta pesquisa a minha mãe, irmã, companheira, amigos e participantes do grupo étnicoleituras.

Dedico a todos os meus parentes que partiram durante a pandemia e infelizmente não puderam ver a conclusão dessa pesquisa e partilhar o momento de felicidade.

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria de Fátima Vasconcelos da Costa, pela excelente orientação, por toda paciência e carinho nesses tempos difíceis de pandemia.

À Profa. Dra. Maria de Fátima Vasconcelos da Costa, pela excelente orientação, por toda a afetividade e por ensinar que a escrita também é uma forma de cura.

Às professoras participantes da banca examinadora Profa Dra. Geranilde Costa e Silva e Profa. Dra. Veriana de Fátima Rodrigues Colaço pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos amigos Ianes Augusto Cá e Tiago Sousa de Jesus por toda a colaboração, força e carinho durante essa caminhada.

Às colegas de mestrado Katia e Joicimara, por todas as contribuições e partilhas.

Aos jovens que aceitaram participar dessa pesquisa disponibilizando tempo e solidariedade em tempo de dificuldades para todos.

À minha mãe, Dona Alcina, minha irmã, Mayara, Carolina e Angélica, por terem acompanhado essa etapa da minha vida.

A seu Zé Pilintra, pretos velhos, Oxóssi, exus e pomba giras que sempre me aconselharam e abençoaram.

“Viver e não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar, e cantar, e cantar  
A beleza de ser um eterno aprendiz”  
Gonzaguinha

## RESUMO

A prática de letramento racial crítico para a formação das identidades etnorraciais é o objeto de estudo dessa dissertação, tendo como objetivo compreender as contribuições do letramento racial crítico e das narrativas (auto)biográficas para o pertencimento étnico-racial das/os jovens participantes do grupo etnicoleituras. A escola como instituição formal de ensino, regulada pelo Estado, é local de reprodução de uma ordem vigente que aborda as questões étnico-raciais como algo de menor valor, podendo assim levantar o questionamento sobre como a escola aborda o ensino da cultura afro-brasileira e os impactos desse ensino para a afirmação das identidades dos estudantes. Partindo das minhas vivências enquanto homem negro e minha atuação como professor de sociologia no ensino médio, procuro refletir sobre a utilização do letramento na escola. A presente pesquisa foi efetivada no contexto da pandemia de covid-19, na modalidade remota online, e teve como finalidade analisar por meio das narrativas (auto)biográficas a compreensão dos jovens participantes do grupo etnicoleituras, sobre as questões étnico-raciais e o desenvolvimento do letramento racial crítico. Os sujeitos da pesquisa foram jovens estudantes do ensino médio, da região metropolitana de Fortaleza, participantes do grupo online Etnicoleituras. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a de narrativa (auto)biográfica, na qual são analisados os discursos e trajetórias de vida dos participantes do grupo de etnicoleituras. E tendo como principais referências Ferreira (2015), Costa (2011), Soares (1998), Street (2014) e Nascimento (2019).

**Palavras-chave:** teoria racial crítica; letramento racial; autobiografia



## **ABSTRACT**

The practice of critical race literacy for the understanding of the formation of ethnoracial identities is the object of study of this dissertation. The objective is to understand the contributions of critical race literacy and (auto)biographical narratives to the affirmation of the identities of young participants of the group Ethno-Literatures. The school as a formal educational institution, regulated by the State, is a place of reproduction of a prevailing order that represents the black in a certain way, raising the question about the role of school in the teaching of Afro-Brazilian culture and the impacts for the affirmation of the identities of students. Besides understanding that the school reinforces and reproduces the racist structures present in Brazilian society. From the conception of critical race theory, the practices of racial literacy make it possible to question the performance of the school for ethnoracial relations. The methodology used in this research will be the (auto)biographical narratives, where the speeches and life trajectories of the reading group participants will be analyzed. Through this method it will be possible to reflect through the writings and speeches of the students the training for ethnoracial relations.

**Keywords:** critical race theory; racial literacy; autobiography

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cartaz de divulgação do grupo de leitura .....	42
Figura 2 – Charge escolhida por Ângela .....	44
Figura 3 – Imagem escolhida por Ângela .....	44
Figura 4 – Charge escolhida por Ângela .....	45
Figura 5 – Pintura escolhida por Olga .....	48
Figura 6 – Capa do livro Quarto de Despejo .....	68

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>MINHA (AUTO)BIOGRAFIA: CRUZAMENTO ENTRE VIDA E PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Pandemia de covid-19 e mudanças na pesquisa.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2</b>	<b>Relações Etnorraciais como um marcador de exclusão e resistência.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>Falar, ouvir, escrever .....</b>	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>DAS LETRAS A LEITURA DE MUNDO.....</b>	<b>35</b>
<b>4.1</b>	<b>Letramento.....</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>ETNICOLEITURAS: FORMAÇÃO DO GRUPO E CONTEXTO.....</b>	<b>40</b>
<b>5.1</b>	<b>Como cada um entende a sua identidade.....</b>	<b>50</b>
<b>5.2</b>	<b>Educação racial e racismo na escola.....</b>	<b>60</b>
<b>5.3</b>	<b>Leitura do livro quarto de despejo.....</b>	<b>66</b>
<b>5.4</b>	<b>Percepção dos participantes ao fim das discussões.....</b>	<b>76</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>80</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>85</b>
	<b>ANEXO A – AVALIAÇÃO DO GRUPO.....</b>	<b>88</b>
	<b>ANEXO B – COMENTÁRIOS DOS PARTICIPANTES SOBRE O LIVRO QUARTO DE DESPEJO.....</b>	<b>93</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se insere no campo das ERER (Educação para as relações etnorraciais) que abrange a compreensão da sociedade brasileira por meio da raça e sua relação com a educação nos mais diversos espaços. Esse conhecimento também perpassa por propostas educacionais como forma de dialogar sobre o preconceito racial, a importância de políticas públicas voltadas para o combate à desigualdade racial e o uso de africanidades nas escolas. O letramento está comumente vinculado ao processo de alfabetização, aquisição do código de escrita relacionado ao uso social das palavras, já o letramento racial está ligado a educação para as relações etnorraciais ao envolver as palavras e a leitura crítica de mundo com os estudos raciais.

O interesse pela temática de estudo remonta à minha primeira experiência de trabalho com crianças na comunidade da Vila Garibaldi, através da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 2016, durante a graduação de licenciatura em Ciências Sociais. Foi por meio da extensão universitária que conheci a comunidade da Vila Garibaldi. O projeto em que atuei era intitulado de: “Promoção de direitos humanos, usos e apropriações de uma cultura digital reflexiva e segura com crianças, adolescentes e educadores em espaços de educação formal e não formal”. O projeto era coordenado pela professora do curso de ciências sociais, doutora Catarina Tereza de Farias e tinha bolsistas dos cursos de ciências sociais e serviço social.

O estudo que apresento aqui foi realizado com estudantes do ensino médio, residentes na região metropolitana de Fortaleza, mais especificamente nas cidades de Maracanaú, Pacatuba e Guaiuba. O lócus da pesquisa foi um grupo de leitura online sobre as relações etnorraciais, do qual faço parte como coordenador juntamente com outros dois colegas professores. Os sujeitos da pesquisa foram os participantes do grupo de leitura, atualmente fazem parte 20 estudantes, sendo todos jovens, entre 15 e 17 anos, dos sexos masculino e feminino. Aceitaram participar da pesquisa seis estudantes, cinco mulheres e um homem. É importante dizer que foi realizado durante a Pandemia de Covid-19 que assolou o mundo inteiro e que no Brasil gerou mais de 600.000 vítimas fatais. Em razão disso, foi necessário realizar o trabalho de campo de modo remoto e pela plataforma meet.

Tendo conhecimento sobre a contextualização histórica do racismo no Brasil, procurei investigar se seria possível fazer com que esses jovens elaborassem suas identidades raciais e assim possam refletir sobre o racismo existente na sociedade brasileira. Tinha por hipótese

que o letramento racial crítico, alinhado a metodologia de narrativas (auto)biográficas é um meio favorável para que os jovens realizem essa reflexão e compreendam a importância das ações antirracistas no cotidiano.

Essa pesquisa teve como finalidade analisar por meio das narrativas (auto)biográficas a compreensão dos jovens participantes do grupo etnicoleituras, sobre as questões étnico-raciais e desenvolvimento do letramento racial crítico. A pesquisa está dividida da seguinte maneira:

Primeiro capítulo: Apresentação geral da pesquisa

Segundo capítulo: Aspectos da minha (auto)biografia.

Terceiro capítulo: discussão metodológica sobre narrativas (auto)biográficas e a utilização dos círculos de leituras.

Quarto capítulo: reflexão teórica sobre o letramento racial crítico, apontando o conceito alinhado aos estudos sobre letramentos múltiplos e estudos raciais.

Quinto Capítulo: análise das narrativas (auto)biográficas dos estudantes, compreensões sobre as leituras e reflexões do grupo.

## 2 ASPECTOS DA MINHA (AUTO)BIOGRAFIA: CRUZAMENTO ENTRE VIDA E PESQUISA

Refletindo sobre a dificuldade de ler e escrever das crianças retomo as minhas vivências de infância. Ler e escrever era algo que eu não gostava por ter tido traumas na escola que me fizeram desenvolver tardiamente o gosto pela leitura e a escrita. O processo de alfabetização que passei foi marcado pelo *bullying* dos meus colegas de turma e por falas de professoras que provocavam minha exclusão na sala de aula. Relembrar essas memórias é perceber que esse *bullying* na verdade era racismo. Uma das situações mais marcantes foi durante uma aula em que estavam proferindo diversas ofensas contra mim, quando a professora, ao invés de confrontar a agressão e fazer a turma compreender e rever suas atitudes e ações, pediu para os estudantes fingirem que eu não estava presente na sala e prestassem atenção só nela.

Não lembro bem quais palavras eram utilizadas como xingamento, mas recordo o quão traumático foi para mim a professora não interferir nas ofensas e ao invés de isso, reforçar que eu deveria ser ignorado pela turma. A omissão da professora em relação a essas situações foi marcante, pois eu era uma criança passando pelo período dos anos iniciais de alfabetização e não tinha uma figura de autoridade para defender-me. Revendo as fotos desse tempo, eu era uma das únicas crianças negras da escola e durante esse período não tive nenhuma professora negra. Essas situações provocaram uma resistência no meu aprendizado de leitura e escrita, quando tive que mudar de escola e acabei repetindo a alfabetização.

Nos anos iniciais da educação, a escola foi esse lugar de traumas e de não acolhimento. Nessa mesma época ocorreu o falecimento do meu pai. Eu, minha mãe e minha irmã passamos por um período conturbado em relação as questões emocionais e financeiras. Minha mãe era professora e passava o dia fora, em casa ficávamos minha irmã e eu brincando e assistindo televisão, brincar com ela era o melhor período do meu dia. O racismo sofrido na escola e a ausência do meu pai em minha família foi uma junção de situações que fizeram de mim uma criança retraída.

O meu prazer pela leitura tem início no contato com os quadrinhos de super-heróis, principalmente os quadrinhos do Homem Aranha, por ser um herói tido como “normal”. Era um personagem com o qual eu me identificava por ser um herói que ainda estava na escola e passou por traumas na infância em virtude da ausência de uma figura paterna. A literatura fantástica, que engloba ficção científica e fantasia, possibilitou a minha exploração das letras

como forma de ler o mundo partindo de narrativas irreais, mas que tinham um “pé no chão” em relação a determinadas situações e sentimentos. O herói tem superpoderes de ficção, mas seus dilemas podem ser encontrados no cotidiano da sociedade. Ter o irreal ancorado na realidade é uma maneira de escrever o mundo, partindo de alegorias e símbolos que possibilitem uma reflexão.

Durante os anos finais do ensino fundamental, a escola tornou-se o meu principal lugar de socialização com outras crianças, onde estudar era importante, porém, brincar era sempre mais legal. A minha casa era um lugar de ler quadrinhos de super-heróis, assistir televisão e ficar com minha família. Cresci ouvindo de diversos parentes que falo muito, que tudo eu queria saber e tudo eu queria explicar. Nos meus estudos sobre racismo percebi que desde pequeno o desejo de falar e de ser ouvido, era um desejo de existir. Informar aos outros que eu estava presente, que eu poderia contribuir com determinada ação, o desejo de conversar sobre os livros e quadrinhos que li, os filmes e desenhos que assisti e jogos que joguei.

No decorrer da minha infância não tive muito contato com outras crianças, o contato com adultos prevaleceu e moldou as minhas interações. Eu gostava de falar sobre o que eu lia e estudava, porém, como na maior parte das vezes eu estava com adultos, o que eu falava era constantemente ignorado ou chamado de nerd. A sensação era que eu não tinha um lugar no mundo. O silenciamento sentido nos mais diversos lugares, como reuniões familiares e nas aulas de alguns professores, foram motivos para que eu repensasse a ocupação de determinados lugares. A minha interação dependia de como as pessoas reagiriam a minha presença nos espaços. Tais silenciamentos dizem respeito a minha consciência de ser uma pessoa negra, passando a perceber as manifestações do racismo.

Reflito que determinadas situações que passei durante a minha infância são semelhantes ao relato das crianças da Vila Garibaldi. A família tendo a mãe como principal provedora e responsável, poucas condições financeiras, a escola como principal meio de socialização, o gosto por desenhos animados e super-heróis e a vontade de ser ouvido.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) estima-se que a porcentagem de mulheres responsáveis financeiramente por seus lares é de 45% no ano de 2018, um total de 34,4 milhões. Em comparação ao ano de 1995, houve um crescimento de 20% na quantidade de mulheres responsáveis pelos lares.

A minha identificação em relação ao projeto do clube do jornal também teve relação com minha formação em licenciatura no curso de ciências sociais, o qual não ficou restrito somente a pesquisas sobre o ensino de sociologia no nível médio. O projeto expandiu a minha

visão sobre educação ao me permitir atuar na área do ensino infantil, mesmo que por meio da educação não formal e, assim, ter maior aproximação e engajamento social com a realidade cotidiana daqueles que viriam mais tarde a ser os meus alunos na escola pública. A educação não formal possibilitou-me compreender como os conhecimentos do cotidiano poderiam ser utilizados para o ensino formal.

O projeto de extensão tinha por sujeitos as crianças residentes na comunidade Vila Garibaldi, no bairro Serrinha, cidade de Fortaleza, região que segundo o censo de 2010, possui uma população de 28.770 habitantes, sendo 23,4% composta por crianças de 7 a 11 anos de idade. O bairro enfrenta, ainda hoje, a negação de direitos básicos por parte das autoridades políticas, como acesso a saneamento básico de qualidade e distribuição de renda, que tem impacto direto no IDH do bairro (0,282916147). Na contramão do que é noticiado pela mídia, a comunidade Vila Garibaldi, através de seus moradores e parceiros, procura reverter a imagem estigmatizada de lugar violento. Há atuação de movimentos sociais que lutam e reivindicam por melhorias para os moradores desempenham atividades de conscientização, sobre os cuidados com o lixo, através de mutirões de limpeza, reuniões e informativos locais. Um desses movimentos é a Associação dos Moradores do Bairro da Serrinha (AMORBASE), que atua no bairro a mais de 20 anos, assim como na Vila Garibaldi. A organização filantrópica Instituto Irmã Giuliana Galli é outra organização atuante na comunidade há mais de 15 anos. Por meio de parcerias tanto com os movimentos sociais populares, quanto com o Instituto, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) realiza projetos de extensão, principalmente, na área de educação popular.

Na época, a minha percepção sobre o ensino infantil era de que eu, enquanto professor, ainda em formação no curso de ciências sociais, deveria controlar a aprendizagem o máximo possível e o planejamento ser cumprido integralmente para desenvolver as ações de leituras, escritas e atividades lúdicas. Durante os primeiros meses do desenvolvimento das atividades fui mudando essa percepção na medida em que conhecia mais sobre o dia a dia da comunidade, das crianças e de suas famílias.

O projeto tinha a proposta de discutir direitos humanos, uso e acesso consciente de internet através da parceria com a escola municipal localizada na comunidade Vila Garibaldi. No entanto, o que deveria ser uma pesquisa sobre o uso da internet, transformou-se em uma ação de elaboração de um jornal escolar com as crianças dessa instituição educacional, o uso e acesso consciente da internet mostrou-se inviável pois, naquela ocasião, ano de 2016, a maioria das crianças não tinha acesso à internet, por não ter computador, smartphones ou



internet em casa. A maioria delas acessava a internet por meio de lan house ou quando visitava algum parente que possuísse algum meio eletrônico que possibilitasse o acesso.

As primeiras ações propostas nas atividades eram direcionadas a estimular as crianças a produzirem, cada um, uma redação jornalística acerca de um tema de sua preferência. Porém, por desconhecimento da realidade vivenciada pelas crianças, as propostas iniciais tiveram que ser redimensionadas, pois algumas crianças tinham dificuldade de acessar a internet, ler e escrever, o que acabou tornando difícil a produção de textos que dariam desenvolvimento aos conteúdos para o jornal. A pesquisa, inicialmente, seria com crianças da comunidade Vila Garibaldi, por meio de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Estadual do Ceará, mas por conta da pandemia de covid, o lócus da pesquisa foi mudado.

O clube do jornal surgiu porque a escola municipal não tinha acesso à internet e nos foi solicitado pela gestão da escola, fazer um informativo escolar com as crianças. No primeiro ano foi chamado de clube do jornal, sob a coordenação da professora doutora Catarina Tereza de Farias, responsável direta pelo planejamento e ação do projeto, contando com a participação de 15 crianças, ocorrendo um encontro por semana no período da tarde no Instituto Irmã Giuliana Galli. As crianças estavam nos 4º e 5º anos do ensino fundamental e tinham entre 9 e 11 anos de idade, de ambos os sexos, sendo todas crianças residentes no bairro da Serrinha.

Instituição filantrópica criada em 2009 por membros da igreja católica vindo em missão da Itália, que desenvolve atividades de cunho social e educacional na comunidade Garibaldi. Atualmente, o instituto mantém parceria com órgãos educacionais do Governo do Estado do Ceará e Prefeitura de Municipal de Fortaleza. O instituto coordena e mantém uma creche dentro da comunidade. A relação que o instituto tem com a escola municipal é de parceria, o prédio é cedido pelo instituto e o funcionamento da escola é mantido pela prefeitura municipal.

O meu interesse pelo letramento ocorre na medida em que foi sendo elaborada a primeira edição do jornal, que tratou da temática da ecologia, bem como a produção do segundo número que abordou as brincadeiras preferidas das crianças, percebi mais do universo infantil e as possibilidades das práticas da educação não formal. O trabalho de elaboração do jornal passou a problematizar o quão difícil era fazer um jornal expressivo da infância, que não representasse apenas as demandas da escola, mas manifestasse os jeitos de desenhar, escrever e de expressões da cultura infantil. Dialogar com as duas demandas

mostrou-se um desafio a ser superado, o caminho escolhido foi o de realizar as atividades tendo como foco as crianças e a distribuição das edições dos jornais seriam feitas na escola onde o projeto ocorria.

Durante a escolha das temáticas das edições do jornal, fizemos uma enquete com as crianças após o primeiro jornal e o tema mais votado foi brincadeiras, desse modo optamos por utilizar jogos que tivessem temáticas que gostaríamos de abordar com elas. Nesse sentido, reformulamos o jornal que antes era dividido em sessões de matérias e passamos a juntar todas as crianças em uma única oficina por semana, onde o resultado da oficina era convertido em matéria para o jornal. Dessa maneira, foram discutidas temáticas como: saneamento básico, brincadeiras, festas natalinas, *bullying* e lugares/memórias da comunidade Vila Garibaldi.

O clube do jornal foi desenvolvido por uma demanda da escola, com base em leituras e escrita, porém, houve uma incompatibilidade sobre o que esperávamos encontrar na escola e a realidade vivenciadas pelas crianças. O cotidiano do clube do jornal evidenciou que a demanda dos sujeitos eram outras, no caso, práticas lúdicas. Ao tentar juntar as duas demandas percebemos uma recusa na abordagem educacional que resultou em um rompimento de parcerias. Ressalto que esse ponto de ruptura foi essencial para o desenvolvimento do projeto de extensão pois o desconhecimento da realidade escolar levou o projeto a repensar as ações para a continuidade do clube do jornal.

Isso gerou em mim o interesse pela temática sobre relações etnorraciais, por influência da professora Fátima Vasconcelos, primeira orientadora dessa dissertação, que no decorrer do desenvolvimento da pesquisa apresentou-me a literatura acadêmica sobre relações raciais e educação. Durante os estudos, passei a aprofundar sobre minhas vivências de homem negro, pois apenas na graduação comecei a problematizar, de maneira mais teórica, as relações etnorraciais e as consequências do racismo no Brasil. Na graduação, ao ler determinados textos sobre a exploração das pessoas negras e o desenvolvimento do país, textos esses escritos por intelectuais negros, pude repensar algumas questões na sociedade brasileira, porém ainda não tinha conseguido relacionar esses textos com as minhas vivências. Compreender que passei por muitas dessas situações que essas autoras e autores descreveram e teorizaram foi um momento de abrir algumas feridas, e por meio da escrita, curar algumas dores.

Em seu livro intitulado: *a Integração do Negro na Sociedade de Classe* (1964), Florestan Fernandes analisa a situação dos negros após a abolição da escravatura e sua

inserção em uma nova sociedade que estava se estruturando no capitalismo. Sua obra é uma importante contribuição para compreender o pensamento social brasileiro, além de destacar a importância dos estudos de raça e classe, considerando ainda o rigor metodológico de sua pesquisa, em que os dados estatísticos são uma importante fonte de análise. Kabengele Munanga (2004) na sua obra *Sobre a mestiçagem*, apresenta uma ampla análise sobre a formação da identidade negra no Brasil e analisa as ideologias de intelectuais tidos como importantes, que se debruçaram nos estudos raciais no Brasil e Estados Unidos.

A autora e ativista Ângela Davis<sup>1</sup>, (2016) por sua histórica atuação como líder feminista e militante negra, denunciou o encarceramento da população negra. Além de sua participação em movimentos históricos, como os panteras negras<sup>2</sup> e por ser central em sua obra as questões de raça, classe e gênero. Esses foram alguns dos autores que me trouxeram a importância de me reconhecer enquanto pessoa negra e de ressaltar essa luta na educação.

Durante o andamento das ações do projeto de extensão observei situações de racismo que as crianças daquela comunidade passavam. Muitas dessas situações haviam sido os meus traumas de infância. Os xingamentos e perseguições aos estudantes negros, as “brincadeiras” em que estudantes negros são sempre o alvo de palavras associadas à sujeira diante as quais as professoras respondem com passividade em relação ao racismo.

Destaco também que o contato com o grupo de pesquisa Ludicidade, Discurso e Práticas Educativas (LUDICE), ao ingressar na Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, em 2019, deu-me a oportunidade de conhecer a produção de integrantes e ex-integrantes, que hoje são mestras e mestres, doutoras e doutores, e acompanhar discussões que em primeira ordem não constavam no projeto de submissão à seleção. O contato com a produção acadêmica do LUDICE sobre metodologia em pesquisa com crianças e sobre pesquisas em relações etnoraciais e pesquisa (auto)biográficas presentes nos livros: *Discursos, Fronteiras e Hibridismo*, *Infância e relações etnoraciais em pesquisa* (2017) e *Brincar e Escola: o que as crianças tem a dizer* (2012), foram importantes para repensar a metodologia da pesquisa e o referencial teórico.

---

<sup>1</sup> Escritora, militante pela luta contra o encarceramento e teórica sobre as questões envolvendo raça, classe e gênero. Teve papel importante na luta contra a segregação racial nos Estados Unidos, ao lutar junto aos panteras negras por mais direitos.

<sup>2</sup> Movimento político, criado na década de 60 pela população negra, que lutava pelo direito a igualdade racial nos Estados Unidos. Ficaram bastante conhecidos por utilizarem a autodefesa armada, organização de autogestão e implementação de ações sociais.

## **2.1 Pandemia de covid-19 e mudanças na pesquisa**

A pesquisa, originalmente, pretendia estudar sobre cultura da infância por meio da elaboração do jornal escolar. Eu, enquanto educador e pesquisador, após entrar em contato com a produção acadêmica do LUDICE, com orientação da professora Fátima Vasconcelos, reestruturei a pesquisa para abordar as práticas de letramento sob o enfoque das questões etnorraciais. Por conta da pandemia de covid-19 dificultar as ações para o desenvolvimento da pesquisa, que foi inicialmente submetida, o projeto demandou mudanças que acarretaram uma nova proposta de pesquisa. Considero esses pontos de inflexões importantes para delimitar a minha posição enquanto pesquisador e como alguém que pode intervir para combater situações de racismo que se cristalizam como traumas nos processos educativos, também promovendo discussões sobre uma problemática que não é individual, mas de cunho social e estrutural na sociedade brasileira.

O Brasil ultrapassou a marca de mais de 660 mil mortos, com uma estimativa de mais de 22 milhões de infectados desde o início da pandemia, e o Estado do Ceará atingiu a marca de mais de um milhão e duzentas pessoas infectadas. Esses números são mais preocupantes quando constatados que a covid-19 tem tido disseminação mais forte em lugares de maior desigualdade social. O contexto político, de forte conservadorismo, alinhado ao negacionismo, por parte das autoridades que deveriam realizar protocolos para combater a disseminação da doença, favoreceu o grande número de propagação e morte. Na figura máxima do executivo do país, o presidente negou a compra de vacinas, fez discursos quase que diariamente espalhando mentiras e desinformações, estimulou a não utilização de máscaras, questionou a eficácia de vacinas, posicionou-se contra o fechamento do comércio e a distribuição de auxílio financeiro por tempo determinado. O Ministério de Saúde se viu em meio a escândalos de compra de vacinas superfaturadas, divulgação e distribuição de remédios sem comprovação científica, criação de site que estimulava a automedicação, troca de vários ministros da saúde em menos de dois anos, uma CPI para investigar sobre como o governo federal atual durante esse tempo. No estado do Ceará, foram expedidos decretos para fechar o comércio, toque de recolher e obrigatoriedade do uso de máscaras. O Brasil ainda passa por uma crise sanitária que teve e tem impacto direto na economia como o aumento dos preços dos alimentos e combustíveis e o crescente aumento do desemprego.

Todos esses fatores políticos e econômicos afetaram a vida social do contexto brasileiro, assim como o cotidiano escolar que passou do ensino presencial para o ensino

remoto, em que a maioria de estudantes não tiveram acesso a equipamentos tecnológicos e internet para acompanhar as aulas.

Por esse motivo tornou-se inviável realizar uma pesquisa em um bairro periférico, como a Serrinha. Infelizmente, as crianças da comunidade Vila Garibaldi não puderam mais ser os indivíduos da pesquisa. Tornou-se impraticável realizar uma pesquisa com as crianças por medidas de segurança, que impõem manter o distanciamento social. A escola, local onde seriam feitos os encontros, estava funcionando de maneira remota, nem todas as crianças tinham acesso à tecnologia que possibilitaria encontros virtuais e seria irresponsável expor crianças à contaminação.

Assim a mudança acarretou várias modificações, mudando por completo o foco mesmo mantendo a questão de letramento racial: os sujeitos da pesquisa passaram a ser os participantes de um grupo de leitura online sobre temáticas etnorraciais, na qual fui um dos idealizadores. Esse grupo intitulado de Etnicoleituras foi proposto durante o período de aulas remotas quando ministrava aulas de sociologia para alunos do ensino médio público, onde os professores Ianes Augusto Cá, de literatura, e Tiago Sousa de Jesus, de história, e eu, sentimos a necessidade de aprofundar tal temática com os estudantes. Um ano antes do início da pandemia já articulávamos aulas e semanas temáticas que falavam sobre cultura afro-brasileira. Com a pandemia e necessidade de proximidade com os estudantes, decidimos propor, paralelo as atividades escolares, encontros para discutir esses assuntos. A escola não fez parte do desenvolvimento do grupo, logo o interesse de participar dos encontros era por conta própria. Os encontros do grupo ocorreram uma vez por semana no período da tarde por meio de uma plataforma de vídeo chamada meet. Durante a semana, os estudantes compartilhavam notícias e vídeos que consideravam pertinentes para a discussão em um grupo de whatsapp.

O impacto da pandemia também foi sentido em campo pessoal, familiar e de trabalho. O contato apenas com pessoas de casa, o medo ao sair para comprar algo, as diversas crises de ansiedade, o recebimento de notícias de falecimento de parentes por conta da Covid e não poder ir ao velório, a situação social e política do país também teve grande impacto, todas foram situações que interferiram no desenvolvimento da pesquisa. Os obstáculos foram desde ordem de exercício para o equilíbrio de uma inteligência emocional, quanto de questões de aplicação metodológica que fizeram com que a pesquisa fosse um desafio pessoal e acadêmico.

## **2.2 Relações Etnorraciais como um marcador de exclusão e resistência**

Para entender as relações etnorraciais, faz-se necessário compreender raça como categoria de estudo, e conseqüentemente como categoria de análise científica no campo das ciências sociais. Gomes (2005) analisa a discussão em torno dos conceitos de relações raciais, pontuando que o termo raça ainda é usado por dar conta da complexidade existente nessa relação entre negros e não negros, além de ser empregada por militantes do movimento negro e intelectuais negros que usam o termo partindo de uma ressignificação que permite delinear as questões históricas, culturais e sociais do negro na sociedade brasileira. Quijano (2009) destaca que a ideia de raça utilizada pelos europeus para classificar os povos que eles consideravam inferiores foi uma forma de justificativa a dominação colonial da América Latina e fortalecimento da mundialização do sistema capitalista. As estruturas de dominação colonial fundadas no período de expansão territorial europeia são reinventadas na modernidade mantendo as relações de poder que reforçam a dualidade de pensamentos, entre povos superiores/inferiores, considerando os europeus brancos como mantenedores do progresso mundial e os povos não brancos como atrasados e dependentes. O autor nomeia esse processo de exploração cultural, econômica e social da América Latina de colonialidade do poder, onde o branco colonizador utiliza de mecanismos para manter seu poder epistêmico, monetário, explorador de recursos naturais e gerador de conflitos com a finalidade de manter a dominação.

Almeida (2019) analisa três concepções em que a sociedade brasileira assimila o racismo: individual, institucional e estrutural. Segundo o autor, a concepção individual diz respeito ao caráter individualizante das práticas racistas, sendo uma abordagem comumente utilizada para justificar de maneira comportamental atos racistas de um indivíduo ou grupo isolado. A concepção institucional analisa o racismo levando em conta o poder como questão central na dominação de grupos raciais por meio de mecanismos institucionais. Enquanto o racismo individual tem a centralidade em pessoas ou grupos, o racismo institucional tem a política, economia e o direito ocupado por grupos hegemônicos que se utilizam de regras e padrões para que sejam aceitas suas dominações. Outra diferença importante de ser ressaltada é o caráter menos explícito do racismo na dominação institucional, tornado assim mais difícil de ser “percebido”.

Na concepção estrutural há o questionamento de ordem social que entende as instituições como a materialização das estruturas que regem o racismo, tendo o entendimento de que o racismo é fruto da sociedade. Almeida (2019) afirma:

O racismo é uma ocorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais processos institucionais são derivados de uma sociedade cuja racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2019, p.30)

O autor destaca que tal concepção não é justificativa para atos racistas, tornando as práticas de antirracismo meios necessários para combater as desigualdades raciais nas instituições e na sociedade. Entendendo a escola como uma instituição do Estado, faz-se necessário compreender que a educação deve ser um espaço de aprendizagem antirracista. Gomes (2005) defende a formação cidadã pautada nos saberes escolares, na realidade social e diversidade ética-cultural. Tal entendimento tem como obstáculo a prática educacional dos professores, pois assim como na sociedade brasileira, a escola afirma a existência do racismo, mas mantém um discurso de negação do mesmo. Gomes afirma:

Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/ a e aluno/a e dos alunos/as entre si. (GOMES, 2002, p. 45)

Romper com o racismo na escola perpassa pela formação de professores, a implementação de políticas para a igualdade racial, além da utilização de ações voltadas para as relações etnoraciais. As metodologias de alfabetização e letramento têm como ferramenta o uso de imagens e textos, Lima (2005) destaca o uso da literatura como instrumento que pode reforçar a representação de subalternidade por meio de imagens que animalizam pessoas negras e de personagens em que mulheres negras são sempre retratadas apenas nas profissões de empregada doméstica ou cozinheira. Theodoro (2005) enfatiza a utilização da musicalidade como ferramenta para conhecer sobre a origem das palavras de origem africanas, além do uso da linguagem oral. As autoras evidenciam que a escola está em um contínuo processo de letramento dos seus estudantes para as questões sociais, mesmo que seja um letramento que reforce uma leitura colonial da sociedade.

### **2.3 Falar, ouvir, escrever**

A fala e a escrita são os meios principais que a escola utiliza para comunicar-se com os outros, expressar-se culturalmente de maneira a passar uma mensagem. A comunicação

também é uma maneira do indivíduo existir, demonstrar que está em um determinado local e ocupar uma posição. A compreensão da dimensão da fala e da escrita, perpassa pelo direito de ser ouvido, ser tratado como um ser humano que faz parte do mundo. Destaco a compreensão da fala em duas perspectivas, mas que refletem muito como a população negra é tratada. No primeiro destaco o papel da língua, do português que falamos como influências da colonização de Portugal. Essa língua se modifica e sofre variações, porém, a forma culta é regradada por uma academia intelectual que aponta o que é certo ou errado na fala. Rattz e Rios (2010) destacam que Lélia Gonzalez, importante intelectual brasileira do movimento negro, defendia a utilização de expressões e palavras de origem africana na linguagem, que são usadas na população em geral. Ela denominava essa linguagem de *pretuguês*, uma forma de falar que valorizava as origens africanas e dialogava mais facilmente com a população em geral.

A segunda perspectiva que destaco é em relação a poder ser ouvido, ter direito a voz e não ser silenciado. O silenciamento é posto em prática por diversos meios, e a violência é a principal estratégia utilizada, ainda hoje, pela colonialidade. Kilomba (2019) evidencia, ao citar Spivak (1995), o que é esse poder de fala dentro de uma sociedade estruturalmente racista:

Nesse ponto, Spivak oferece uma visão bastante significativa, questionando a noção de falar. Ao argumentar que a subalterna não pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teoria, em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo. (KILOMBA, 2019, p.47)

A colonialidade foi a forma pela qual os brancos europeus exploraram as Américas, África e Ásia, considerando todos os povos não europeus como inferiores e passíveis de serem explorados e escravizados. Pautado em teorias científicas evolucionistas, o chamado racismo científico, e na religião cristã, países como Portugal, França, Inglaterra, Holanda, Alemanha e Espanha, justificaram suas atuações perversas contra povos ameríndios, asiáticos e negros. Almeida (2019) diz que os estudos do homem sobre o homem perdem força no campo filosófico e são pautados por questões biológicas, levando a crer que a cor da pele e a localização geográfica de determinados povos é justificativa para criar uma hierarquia de raças, onde o branco se coloca como civilizado e inferioriza o negro, localizando-o socialmente de forma subalterna. Ngoenha (1993) pontua que o racismo científico e a religião cristã corroboraram para as ambições do imperialismo europeu. Essa inferiorização também vem acompanhada de um epistemicídio, em que os saberes e as culturas desses povos tidos



como inferiores são menosprezados e a população europeia passa a se colocar no centro do conhecimento científico, cultural e político do mundo. Ainda segundo Ngoenha (1993), o modo como o conhecimento é desenvolvido no continente africano difere do europeu, pois as formas de compreensão da ética são pautadas na solidariedade comunitária e sagrada:

A ética, na África negra, consiste, portanto, no reconhecimento da unidade do mundo e do agir para manter o equilíbrio das forças, a ordem e a estabilidade. Desta concepção deriva a ideia do sagrado, fulcro de toda a vida africana, onde cada ser, cada coisa, tem uma força vital, portanto de energia divina; onde o homem está ligado à planta, ao animal, aos seus semelhantes, vivos e mortos, e ao cosmo através do ritmo vital, e a Deus através do sacrifício ritual. (NGOENHA, 1993, p.64)

A revolução Haitiana evidenciou como a Europa colocou em prática a colonialidade. A luta por mais direitos, chegando a criar o que viria a ser o marco para os direitos humanos, durante a revolução francesa era restrita apenas aos europeus, as colônias eram lugares de desumanização de pessoas negras. O Haiti, que era uma colônia Francesa, realizou uma revolução para derrubar o escravismo pautado nos princípios de Liberdade, Fraternidade e Igualdade e sofreram repressões violentas. A revolução teve início no fim do século 18 e durou mais de 13 anos, encerrando com a vitória do povo haitiano sobre as tropas francesas e conseguem proclamar a sua independência.

Chegando ao Brasil, pode-se destacar que a atuação de grupos negros sempre esteve presente na luta contra o racismo, Luiz Gama, José do Patrocínio, Zumbi, Dandara e Acotirene, são alguns nomes dos que lutaram durante a época do Brasil Colônia para a libertação dos negros e negras escravizados e precederam as reivindicações do que seria futuramente a formação de um movimento diverso e amplo, o movimento negro. Para Gomes “o movimento negro é, portanto, um ator coletivo e político, construído por um conjunto variado de grupos e entidades políticas (e também culturais) distribuídos nas cinco regiões do país. Possui ambiguidades, vive disputas internas e constroem consensos...” (2017, p.47).

Esse movimento de lutas históricas, tem alcançado conquistas políticas e sociais importantes como a Lei de Cotas (12.711 de 2012), Lei que tipifica como crime a discriminação racial (7.716 de 1989), Lei que institui o dia nacional da consciência negra (10.638 de 2003) e a Lei que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e todo os níveis do ensino básico (10.639 de 2003). Tais conquistas evidenciam que por mais que o racismo estrutural tenha incidências sobre o Estado, a população negra tem organizado suas pautas e conquistado espaços nas políticas públicas

As diversas formas de silenciamento que assolam a população negra no Brasil e consequentemente no Ceará está relacionada com a estrutura de Estado, destaco os campos da

educação, segurança pública, mercado de trabalho, judiciário e saúde, por serem de convívio essencial para o direito à cidadania e evidenciarem dados alarmantes sobre a violência de grupos considerados minoritários.

As políticas de segurança pública implementadas nas esferas federal e estadual estão relacionadas ao uso excessivo da violência e morte, sendo a população negra a mais afetada. Segundo o atlas da violência de 2020 o Brasil no ano de 2018 tem uma taxa de 60,4 homicídios a cada 100 mil jovens. O Ceará é o terceiro estado com maior taxa de homicídios, ficando acima da média nacional, com 118,4 homicídios a cada 100 mil jovens. Do quantitativo nacional a taxa de homicídio de mulheres é de 4,3 homicídios para 100 mil, tendo o Ceará 10,2 homicídios para cada 100 mil mulheres. Os dados informam que as taxas vêm baixando, porém, os índices de homicídios entre mulheres negras e homens negros aumentaram e de pessoas não negras diminuíram. Entre mulheres, a porcentagem nacional de homicídio foi de 69,3 para mulheres negras e de 30,7 para não negras, no Ceará a porcentagem foi de 90,1 para mulheres negras e 9,9 para mulheres não negras. Entre a população masculina negra a taxa de homicídio é de 37,8 por 100 mil habitante e não negros é de 13,9 por 100 mil habitante. No estado do Ceará ocorre 4,7 vezes mais morte de pessoas negras do que pessoas não negras.

Esses números evidenciam o genocídio que a população negra sofre, as mortes por ações policiais representam 69% da causa desses homicídios. Entre a polícia, o número de homicídios também é maior entre policiais negros, 65,1%. As políticas de segurança pública também promovem uma política de encarceramento em massa da população negra, possuindo o Brasil a terceira maior população carcerária do mundo, sendo constituído de 66,7% de pessoas negras.

No mercado de trabalho a população negra é maioria em empregos informais, taxas de desempregos, menor remuneração e ocupação de postos de trabalhos que requer esforço físico. Esses dados demonstram que a população branca é melhor remunerada, ocupam mais postos de gerenciamentos e possuem menor taxa de desemprego. Essas informações evidenciam que a desigualdade no mercado de trabalho tem a população negra como principal grupo afetado.

No contexto atual, em que o mundo vivencia a pandemia por conta da covid-19, o cenário de saúde pública brasileiro possui problemas graves de não atendimento à população negra, público esse que sofre mais com questões de mortalidade materna, violência obstétrica, doenças infecciosas, doenças infectas parasitaria e mortalidade por AIDS. A covid-19 tem

maior disseminação em lugares que a desigualdade social é mais profunda e acomete mais a população negra. Segundo dados do ministério da saúde, a mortalidade por conta da covid-19 é cinco vezes maior entre pessoas negras do que pessoas brancas, além da população branca ter sido inicialmente a mais vacinada.

No campo da educação, a população negra passou por negações de ensino, como dificuldades impostas para o acesso ao ensino escolar e universitário. Essas negações perpetuam discrepâncias educacionais até hoje, segundo o IBGE a taxa de analfabetismo e abandono escolar é maior para estudantes negros, conseqüentemente dificultando o acesso ao ensino superior. Nas universidades o número de estudantes negros tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, chegando pela primeira vez a serem mais da metade nas universidades públicas. Em relação ao número de docentes negros nas universidades a proporção total é de apenas 16,4%.

Os conceitos e dados demonstrados tiveram um impacto na maneira em que compreendo a minha trajetória, essas informações possibilitaram que eu interpretasse as situações vividas, relacionado ao contexto social. A proposta do letramento racial crítico é fazer com os indivíduos possam “ler” e “interpretar” o mundo relacionado aos estudos raciais.

### 3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse estudo, foi aplicado o método da pesquisa (auto)biográfica, em que foram analisados os discursos e trajetórias de vida dos participantes do grupo de leitura por meio de narrativas escritas pelos próprios sujeitos. Alinhado a esse método, foi aplicado o círculo de leitura como forma de estimular os participantes a produzirem suas narrativas (auto)biográficas. Para além de um método de pesquisa, a (auto)biografia pode ser entendida como um exercício de autoconhecimento, sendo possível refletir sobre as trajetórias, sentimentos e entendimentos dos indivíduos.

Segundo Passegi (2011), ao citar Deloy-Momberg (2008), as narrativas se entrelaçam em uma relação entre o fato biográfico e o ato de biografização. O primeiro conceito diz respeito ao relato inicial, na qual o indivíduo não relaciona sua narrativa a um contexto sócio histórico, não ocorrendo uma reflexão sobre o fato narrado e sua trajetória. Sobre o segundo conceito, a biografização é o emprego da grafia para narrar uma biografia de outros indivíduos ou sua autobiografia. Passegi resume esse entrelaçamento entre linguagem, pensamento e práxis social da seguinte maneira:

Em suma, a Pesquisa (Auto)Biográfica tem por ambição compreender como os indivíduos (a criança, o jovem, o adulto...) e/ou os grupos sociais (familiares, profissionais, religiosos, gregários...) atribuem sentido ao curso da vida, no percurso de sua formação humana, ao longo da vida, no decorrer da história.” (PASSEGI, 2011, pag.20)

Alinhado a esse desejo de compreender a vida por meio da linguagem, a autora destaca que existem três princípios que guiam as investigações. O primeiro é referente ao uso da linguagem para a construção da realidade social, que está em constante movimento com o indivíduo e os grupos. O segundo princípio diz respeito à linguagem como mediadora na produção de uma biografia de si mesmo. O terceiro princípio tem a pesquisa como epistemopolítica, na qual o indivíduo reflete sobre a construção de sua historicidade sem a pretensão de buscar uma realidade totalmente verdadeira.

No campo da educação para as relações etnorraciais, a utilização da (auto)biografia possibilita a formação dos sujeitos por meio de uma experiência de reflexiva de si, Costa (2011) ressalta que:

O processo narrativo mais do que uma lembrança de uma experiência é uma construção e sentidos, emergentes das vozes que disputam seu lugar no texto, possibilitando diferentes significações conforme as condições em que tal texto é produzido. O espaço narrativo como modo de dizer constitui, pela abertura a plurivocalidade, um fecundo movimento de relações alteritárias (com as diversas instâncias que compõem o quadro da experiência narrativa) que instituem modos de ser. (COSTA, 2011, pag.58-59)

A dinâmica aplicada nos encontros do grupo é o círculo de leitura, no qual Cosson (2014) destaca em seus estudos sobre letramento literário a utilização das fichas de leitura. A dinâmica do círculo de leitura compreende as etapas de formação do grupo, seleção das leituras juntamente com os participantes, leitura das obras escolhidas, discussão das leituras e produção de material autoral partindo das discussões realizadas. O uso da ficha de leitura é uma maneira de oferecer, inicialmente, um caminho para estimular a reflexão sobre a leitura, além de possibilitar diferentes perspectivas de um mesmo texto.

A ficha é composta de funções que o mediador de leitura tem a possibilidade de acrescentar novas funções ou escolher quais utilizar no círculo. As funções presentes na ficha proposta por Cosson (2014) são:

- a) Conector- liga a obra ou o trecho com a vida, o momento;
- b) Questionador- prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- c) Iluminador de passagens- escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- d) Ilustrador- traz imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista- escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
- f) Sintetizador- sumariza o texto;
- g) Pesquisador- busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
- h) Cenógrafo- descreve as cenas principais;
- i) Perfilador- traça um perfil das personagens mais interessantes (COSSON, 2014, p. 143).

A pesquisa (auto)biográfica e os círculos de leitura são abordagens metodológicas que permitiram dar continuidade a pesquisa em um momento de isolamento social, sem que houvesse um prejuízo para a produção dos dados. Os círculos de leitura ocorreram semanalmente por meio da plataforma de videochamadas *Google Meet*. As leituras foram realizadas por meio de doações de livros físicos, textos em PDF e sites de notícias. O uso de aplicativo de mensagem instantânea, *WhatsApp*, também foi um espaço virtual utilizado para discussões e compartilhamento de materiais pelos interlocutores da pesquisa.

O grupo intitulado de Etnicoleituras foi o lócus dessa pesquisa, onde foram acompanhados os textos, reflexões e discussões de seis participantes do grupo. O critério de escolha dos sujeitos foi o de livre participação, em que foi realizada uma apresentação da pesquisa para o grupo e feito o convite. Dos 20 estudantes que fazem parte do grupo, 6 aceitaram fazer parte do estudo.

Ressalto que a pesquisa foi realizada de forma *online*, utilizando as ferramentas Google formulário, *Google Meet* e grupo do *WhatsApp*. Foi possível ter contato direto com os participantes da pesquisa, sendo possível ter maior aprofundamento nas questões abordadas durante os encontros.

Perfil dos sujeitos da pesquisa:

Ângela

<b>IDADE</b>	17 anos
<b>RAÇA/ ETNIA</b>	Preta
<b>GÊNERO</b>	Feminino
<b>ESCOLARIDADE</b>	3º ano do ensino médio
<b>LEITURAS</b>	Textos densos e detalhados
<b>ESCRITA</b>	Não gosta de escrever
<b>TEMAS DE INTERESSE</b>	Feminismo negro, Gordofobia, Padrões estéticos, Africanidade, Papel das mulheres na guerra, Autoconhecimento, LGBTQI+, Desigualdade de gênero/social/idade

Cristina

<b>IDADE</b>	16 anos
<b>RAÇA/ ETNIA</b>	Branca
<b>GÊNERO</b>	Feminino
<b>ESCOLARIDADE</b>	3º ano do ensino médio
<b>LEITURAS</b>	Textos densos e detalhados
<b>ESCRITA</b>	Gosta de escrever

<b>TEMAS DE INTERESSE</b>	Aborto, Intolerância religiosa, Preconceito no meio LGBTQI, Sistema de Cotas, Encarceramento da população negra, Educação sexual, Pressões (ou opressões), psicológicas, Redução da maioria penal, Gordofobia,
---------------------------	--

Olga

<b>IDADE</b>	16 anos
<b>RAÇA/ ETNIA</b>	Branca
<b>GÊNERO</b>	Feminino
<b>ESCOLARIDADE</b>	3º ano do ensino médio
<b>LEITURAS</b>	Textos densos e detalhados
<b>ESCRITA</b>	Gosta de escrever
<b>TEMAS DE INTERESSE</b>	Feminismo, Aborto, Educação sexual infantil, Gordofobia, Identidade de gênero e pronome neutro, Sexualização da mulher (desde a infância até adolescência e fase adulta), Prisão feminina, Sistema carcerário, Encarceramento em massa da população negra, Racismo velado, Acessibilidade para pessoas com deficiência, Saúde pública, Movimentos Sociais e suas conquistas, Separação de lixos, Poluição dos plásticos, Sacos plásticos biodegradáveis e ecobags, Veganismo: movimento elitista, Indústria de carne, ovos e leite, Redução no consumo de carne

Maria

<b>IDADE</b>	16 anos
<b>RAÇA/ ETNIA</b>	Preta\Parda
<b>GÊNERO</b>	Feminino
<b>ESCOLARIDADE</b>	3º ano do ensino médio
<b>LEITURAS</b>	Textos densos e detalhados

<b>ESCRITA</b>	Gosta de escrever
<b>TEMAS DE INTERESSE</b>	Aborto, Feminismo, a importância da educação sexual nas escolas, Opressão psicológica.

### Conceição

<b>IDADE</b>	16 anos
<b>RAÇA/ ETNIA</b>	Preta
<b>GÊNERO</b>	Feminino
<b>ESCOLARIDADE</b>	3º ano do ensino médio
<b>LEITURAS</b>	Textos densos e detalhados
<b>ESCRITA</b>	Gosta de escrever
<b>TEMAS DE INTERESSE</b>	*não especificou quais temas são de seu interesse

### Isaque

<b>IDADE</b>	16 anos
<b>RAÇA/ ETNIA</b>	Preta
<b>GÊNERO</b>	Masculino
<b>ESCOLARIDADE</b>	3º ano do ensino médio
<b>LEITURAS</b>	Textos densos e detalhados
<b>ESCRITA</b>	Não gosta de escrever
<b>TEMAS DE INTERESSE</b>	Mais conveniente com o momento

O processo de pesquisa foi realizado mediante 20 encontros, leituras do livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, discussão de notícias sobre racismo, e escritas (auto)biográficas. As discussões tiveram como motes: como estão se sentindo nesse momento



de pandemia, como elas/eles se veem, quando elas/eles perceberam que existia racismo, se estudaram sobre relações raciais na escola, e como é ser jovem na cidade em que residem.

## 4 DAS LETRAS À LEITURA DE MUNDO

Conceituar letramento é perpassar a utilização das letras, desde a alfabetização até os usos sociais das palavras, no cotidiano cultural e político no contexto de determinada sociedade. No decorrer dos anos, o letramento tem passado por interpretações em que autores têm explorado mais um lado social, envolvendo pressupostos ideológicos, e outros têm se debruçado na questão da problemática da superação da alfabetização no Brasil

Em um primeiro momento, faz-se necessário compreender que o letramento está intrinsecamente ligado à palavra, seja a palavra escrita ou a palavra falada, essa unidade linguística dotada de significado e que transmite uma mensagem. Segundo o dicionário Aurélio palavra é: “a unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, constituir enunciado; forma livre e alta expressão do pensamento; verbo”. Brito (2011), em sua tese, entende que as palavras são carregadas de significado que podem reforçar um poder colonial historicamente estabelecido, mas que os indivíduos subjugados por esse poder também utilizam as palavras como ato de resistir e subverter a ordem vigente.

Apropriando-me das ideias de Santiago, quando o crítico diz que “Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra” e que “falar é a própria práxis”, como define Orlandi e ainda que “dizer é fazer”, conforme postula Austin, quero acrescentar ao pensamento dos três, o significado do ato de enunciação, nas culturas tradicionais africanas. Ali a palavra com o seu valor performático é a potência que rege o mundo. A palavra tem a força de fazer acontecer, sendo premonitória, inclusive. (BRITO, 2011, p.10)

Ao pesquisar sobre letramento é recorrente entrar em distinções sobre alfabetização, analfabetismo, escolarização e as mudanças que o termo letramento passa em diferentes contextos geográficos. A relação entre letramento e os estudos raciais podem ser encontradas em pesquisas mais recentes que realizaram importantes estudos analisando o uso do letramento racial como ferramenta educacional em espaços de educação formal e não formal.

### 4.1 Letramento

O conceito de letramento recebe maior visibilidade ao longo dos anos 80, pois no cenário educacional da época o Brasil estava caminhando para a erradicação do analfabetismo, porém a problemática sobre a leitura e interpretação de textos persistia entre as crianças. Nesse contexto, Soares (1998) explica a distinção entre o conceito de letramento e de analfabetismo:

[...] inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que o indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser um analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuído a este adjetivo vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feitas por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para um alfabetizado as escrevas (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixadas em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma letrado, porque usa da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.”(SOARES, 1998, p.24)

A definição de letramento tem como princípio central a incorporação do uso prático da leitura e da escrita nas dimensões sociais envolvendo cultura, política, ideologia e economia, mesmo que o indivíduo não domine plenamente as regras da linguagem culta e as normas gramaticais. A partir de pesquisas e avaliações sobre alfabetização é que o termo letramento tem recebido maior evidência, por apontar a problemática referente ao ensino da leitura e escritas, e necessidade de serem discutidas as dimensões individuais e sociais de letramento. No âmbito individual, o letramento engloba as práticas de leitura e escritas, que podem ser entendidas como um conjunto de habilidades linguísticas, cognitivas e metacognitivas que envolve a decodificação de símbolos em letras, desenvolvimento de ideias, capacidade de interpretação, ações motoras e uso correto das regras gramaticais. Em uma dimensão social, o letramento tem características que podem variar de acordo com a estrutura de dada sociedade, sendo moldado dessa maneira por questões políticas que podem utilizar das práticas de leitura e escrita para manter uma ordem já vigente ou usar dessas práticas para instruir e superar injustiças sociais. Soares (1998, p. 78) ressalta a dificuldade em definir um único conceito para letramento: “É, assim, impossível formular um conceito único de letramento adequado a todos as pessoas, em todos os lugares em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político”

As pesquisas sobre alfabetização geralmente utilizam do censo demográfico e exames escolares para analisar os índices de analfabetismo ao longo da história do Brasil, não dando muita visibilidade para o letramento, podendo por meio desses resultados elaborar políticas públicas nas áreas educacional, econômica e cultural. Soares (1998) analisa os meios para avaliar e medir o letramento na escola e na sociedade. Os exames escolares, quando respeitadas as especificidades da realidade na qual a escola está inserida, podem dar conta dos níveis de letramento dos estudantes. Os censos populacionais podem evidenciar as

dificuldades sobre o entendimento desse conceito por levar em conta definições que a população não domina. A autora defende o uso de pesquisa por amostragem, por permitir maior coleta de dados para análises de desempenhos individuais. Sendo assim, uma maneira de medição mais efetiva para conhecer sobre os dados reais de uma sociedade.

O uso dessas avaliações mostra-se interessante para compreender a alfabetização no Brasil e relacionar com o letramento. Em termos de comparação os anos de 1900 o país tinha uma taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais de 65,3%, tendo queda no decorrer dos anos chegando no patamar de 6,6% segundo a atualização do censo de 2010. Mesmo alcançando níveis cada vez mais baixos de analfabetismo a longo dos anos, a região nordeste continua com a menor média de anos estudos de todo o país, com 8,1 anos. Entre brancos a taxa de analfabetismo é de 3,6% enquanto que entre pardos e pretos a taxa é mais que o dobro, chegando a 8,9%.

Rojo (2009) analisa o resultado de programas/sistema de avaliação, ENEM(Exame Nacional do Ensino Médio), SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), que demonstram as dificuldades dos estudantes em relação ao domínio da leitura e escrita nas escolas:

Isso vem demonstrar que a escola - tanto pública como privada, neste caso – parece estar ensinando mais regras, normas e obediência a padrões linguísticos que o uso flexível e relacional de conceitos, a interpretação crítica e posicionada sobre fatos e opiniões, a capacidade de defender posições e de protagonizar soluções, apesar de a “nova” LDB já ter doze anos. (ROJO, 2009. p.33)

Rojo (2009) defende uma educação linguística pautada na ética e democracia, para tanto será necessário que a escola adote os multiletramentos, ou seja, aborde as práticas sociais das palavras nas diversas culturas que os indivíduos estão inseridos. Segundo a autora, há pluralidade nas categorias de letramentos dominantes e letramentos “vernaculares”:

Os letramentos dominantes preveem agentes (professores, autores de livros didáticos, especialistas, pesquisadores, burocratas, padres e pastores, advogados e juízes) que, em relação ao conhecimento, são valorizados legais e culturalmente, são poderosos na proporção do poder da sua instituição de origem. Já os chamados letramentos “vernaculares” não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas. Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência. (ROJO, 2009.p.103)

Pautada nesse entendimento múltiplo a autora especifica que letrar para o mundo contemporâneo é trabalhar com letramentos multissemióticos, usar de linguagens orais, escritas e imagéticas, letramento multicultural, uso dos conhecimentos escolares e

conhecimentos populares e o letramento crítico e protagonista, uso de abordagens que permitam compreender textos identificando características ideológicas, éticas e democráticas.

Street (2014) também segue a linha de entendimento que o letramento deve compreender questões dos estudos sociais relacionado ao poder, segundo o autor o modelo ideológico é a melhor forma de análise das práticas de letramento. Ele propõe a distinção entre letramento “colonial” e letramento “dominante”, ambos referentes ao modo em como as estruturas sociais tem importância na maneira em que a leitura e escrita são transmitidas em uma dada sociedade. No letramento “colonial” ocorre o controle de uma sociedade sobre a outra, impondo a sua cultura e escrita, no caso do letramento “dominante” ocorre o controle de um grupo sobre toda a sociedade em que faz parte.

A transferência de letramento de um grupo dominante para aqueles que até então tinham pouca experiência com a leitura e escrita implica muito mais do que simplesmente transmitir algumas habilidades técnicas, superficiais. Ao contrário, para aqueles que recebem o letramento novo, o impacto da cultura e das estruturas políticas-econômicas daqueles que o transferem tende a ser mais significativo do que o impacto das habilidades técnicas associadas à leitura e à escrita. (STREET, 2014, p. 30-31)

Como exemplo de letramento “colonial” é possível citar a colonização portuguesa sobre os indígenas, que teve início por meio da catequização dos jesuítas. A imposição colonial feita através do ensino da língua para “salvar” os indígenas por meio da religião, mas que também era uma imposição dos costumes europeus. E também como letramento “dominante” pode ser citado que no decorrer da história do Brasil o europeu consolida seu poder, subjugando povos negros e indígenas como inferiores e exaltando sua própria cultura.

Na sociedade brasileira, o branco, descendente dos povos europeus, reafirma seu poder de todas as formas. Quando a abolição da escravatura é feita, os negros e negras não recebem nenhum tipo de ajuda ou ressarcimento por todo o período de tortura e trabalho forçado. Segundo Nascimento (2019) a população negra passou por um processo de apagamento da sua história com a queima de documentos referente a escravidão, a imposição da língua portuguesa, o branqueamento da raça, a falácia da democracia racial, a perseguição da religião de matrizes africanas e marginalização da cultura negra.

No sentido de apagar da lembrança do afro-brasileiro da horripilante etapa histórica brasileira do escravagismo, a camada dominante no Brasil não tem poupado esforços. Com essa providência se conseguiriam vários benefícios: primeiro, aliviaria a consciência de culpa dos descendentes escravocratas, os mesmo que ainda hoje continuam dirigindo os destinos do país; segundo, simultaneamente ao desaparecimento do seu passado, o negro brasileiro assistiria também à obnubilação de sua identidade original, de sua religião de berço e de sua cultura, o que resultaria

na erradicação da personalidade africana e do orgulho que lhe é inerente. A classe dirigente e seus porta-vozes teóricos – historiadores, cientistas sociais, literatos, educadores, e outros afins – formam uma consistente aliança que tem exercido, há séculos, a prática e a teoria da exploração dos africanos e de seus descendentes no Brasil. (NASCIMENTO, 2019, p.110)

É importante ressaltar que o movimento negro historicamente tem organizado maneiras de conscientizar a população, o Teatro Experimental do Negro é uma dessas, em que as atrizes e atores eram trabalhadores negros que recebiam formação, incluindo alfabetização, para atuarem em peças com temáticas de exaltação a cultura negra e reflexões sobre a sociedade. No campo do conhecimento científico Nascimento (2019) propôs o quilombismo como método em que a própria população negra estuda seu passado “Um método de análise, compreensão, e definição de uma experiência concreta, o quilombismo expressa a ciência do sangue escravo, do suor que este derramou enquanto pés e mão edificadores da economia deste país.” (p.290).

A educação formal e informal, tem sido um campo de luta e resistências para a efetivação de políticas públicas no combate ao racismo e conhecimento da cultura afro-brasileira. O letramento em uma perspectiva educacional antirracista ganha espaço relevante dentro da teoria racial crítica, classificando o letramento racial crítico como a necessidade de uma educação voltada a discutir raça e racismo nas práticas cotidianas. Segundo Ferreira:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais. (FERREIRA, 2015. p.138)

Gandin, Pereira e Hypolito (2002) entrevistaram a professora Ladson-Billings, importante estudiosa sobre a teoria racial crítica no campo da educação, e ela destaca a necessidade de ter a categoria raça como central nas análises sobre as sociedades, isso sem deixar de pontuar classe e gênero. Raça não estaria à frente em grau de importância em relação a classe e gênero, o seu destaque estaria como principal ponto de partida para análises sociais. Letrar para as relações etnoraciais no contexto escolar perpassa o uso das linguagens semióticas, o conhecimento da realidade social, da influência da cultura de origem africana e postura crítica para compreender a escola como um espaço de lutas contraditórias, onde o ambiente educacional combate e reproduz o racismo.

## 5 ETNICOLEITURAS: FORMAÇÃO DO GRUPO E CONTEXTO

O grupo etnicoleituras teve início no segundo semestre de 2020, período em que as aulas estavam ocorrendo de maneira remota por conta da pandemia de covid-19, a partir da elaboração de uma aula em que os professores Tiago, professor de história, Ianes, professor de literatura, e eu, professor de sociologia, propomos uma aula interdisciplinar sobre literatura e desigualdade social. Na época, nós três éramos professores da mesma escola e aula foi direcionada para as turmas do terceiro ano do ensino médio.

Com a proposta da aula os estudantes solicitaram que a aula tivesse continuidade ao longo do ano letivo e pensamos na elaboração de um grupo de leitura voltada para as questões raciais. Infelizmente, a escola em que estávamos trabalhando não cedeu espaço e apoio para a realização do projeto, sendo um trabalho que institucionalmente não foi acolhido pela escola. Com o ensino remoto e dificuldade em manter a frequência dos alunos nas aulas *online* as prioridades da escola era manter projetos que envolvessem as aulas de português e matemática voltadas para as avaliações externas.

Nesse contexto, decidimos, os três professores, criar um grupo no aplicativo *WhatsApp* para conversar com os estudantes que ficaram interessados em dar continuidade as aulas. Para a minha surpresa, a aceitação em participar do grupo foi bem positiva, vários estudantes convidaram amigos de outras escolas para participarem do grupo. A proposta do grupo tem início em uma aula interdisciplinar por meio da escola, mas a sua efetivação ocorre por meios de caminhos informais, meios não institucionalizados, distanciando-se da formalidade do cotidiano escolar. Mais uma vez a escola apresenta suas contradições, posicionando-se contra o racismo e não abrindo espaço para que o assunto fosse estudado.

Inicialmente, o grupo contou com uma média de 20 participantes, sendo alunos de várias escolas da região de Maracanaú, Pacatuba e Guaiuba. No decorrer dos encontros, alguns jovens saíram e outros entraram, o contexto de encontro remoto tinha alguns requisitos que nem todos possuíam, como acesso à internet, aparelho eletrônico para acessar o *meet* e disponibilidade de tempo. Em média, o grupo possui 20 participantes que interagem no *WhatsApp* e participavam de vídeo chamadas. O nome do grupo foi escolhido por meio de uma votação realizada no *WhatsApp*, o nome Etnicoleituras foi o mais votado entre todas as propostas submetidas.

Para os primeiros encontros, fiz algumas imagens para ajudar na divulgação do grupo e das temáticas a serem discutidas. A imagem era compartilhada no grupo com antecedência,

três dias antes do encontro e todos os participantes costumavam divulgar em suas redes sociais.

**Figura 1** – cartaz de divulgação do grupo de leitura



**Fonte:** Acervo do pesquisador

O encontro dia 11 de novembro foi o encontro que deu início ao desenvolvimento da pesquisa. Antes dessa data, ocorreram dois encontros em agosto, dois em setembro e dois em outubro, os assuntos conversados foram sobre a organização do grupo, apresentação das propostas de discussão para o desenvolvimento da pesquisa.

O tema desse encontro foi uma escolha minha. Observei o cansaço das pessoas em vários espaços, e no grupo não foi diferente. O desânimo e o pessimismo em relação a tempos melhores eram notados na escrita e fala deles e delas ao comentar sobre a pandemia de covid-19. A proposta de atividade era conversar sobre vivências em que cada um expressasse por meio da utilização de textos, imagens e músicas que demonstrassem seus sentimentos naquele



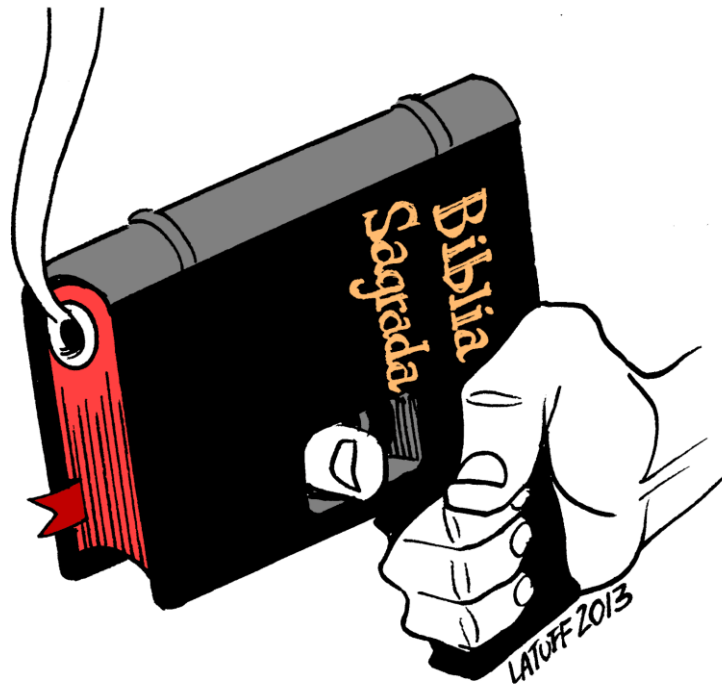
momento. A atividade tinha o intuito de ser um momento de acolhida e escuta dos participantes, tornar o grupo um espaço de confiança em que todos sentissem ouvidos. Ao final realizei o sorteio de um livro como forma de incentivar a participação do maior número possível. O encontro iniciava às 17 horas por meio do aplicativo *Google Meet*, porém, os 20 minutos iniciais eram a tolerância para o início das atividades, nesse tempo os participantes utilizam para jogar conversa fora.

Ângela deu início a atividade apresentando a letra de uma música e três imagens, duas charges e uma mensagem. Reproduzi a música no *meet* e fizemos a leitura da letra juntos.

Vozes do Silêncio  
Carlinhos Brow

Um furacão silencioso  
Um redemoinho mental  
Uma tormenta diária  
Uma dor abissal  
Eu te entendo, me coloco em seu lugar  
Eu te vejo e posso te escutar  
É difícil, e pra quem não é?  
Mas te garanto, é pior calar  
Em silêncio você morre aos poucos e morrer não é opção  
O que cê sente não escolhe quem afeta e nem tem definição  
Mas vem cá, fique sabendo que tudo pode mudar  
Fala, pode se abrir que tem gente pra te escutar  
Esse silêncio que consome  
Pode acabar, é só você falar  
Conta sua história  
Tudo que dói só dói até passar  
O primeiro passo é encarar  
Olhar de frente e falar  
Ainda tem muita vida para viver  
Você não está sozinho  
Vai rolar você vai ver (Cipollo, Lemos, 2019)

Figura 2 – Charge escolhida por Ângela



Fonte: Google Imagens

Figura 3 – Imagem escolhida por Ângela



Fonte: Google Imagens

**Figura 4** – Charge escolhida por Ângela



Fonte: Google Imagens

Ângela - Eu escolhi essa frase e essa última charge. “Você é a favor da liberdade de opinião? Claro, desde que sua opinião não seja contrária da minha!” (leitura da última charge) Gente, eu escolhi... primeiro vamos falar da música. Eu me vi muito nessa música, como eu já tinha conversado com o Tiago, tem coisas que a gente vê que é errado que você luta por aquilo, não é? Eu costumo sempre dizer para todo mundo que é meu amigo, que me conhece, que eu nasci errado ou esse mundo não é para mim, está entendendo? Por que eu não consigo aceitar que alguém pode ser tão cruel. Que alguém pode ser tão intolerante. Eu não consigo aceitar. Não é da minha índole deixar passar, está entendendo? Eu tenho que descobrir por que é assim. Por que que tu tem esse preconceito? Por que que tu é tão intolerante assim? Tá entendendo? E esses meses de pandemia eu tenho lutado muito sobre causas sociais e isso tem me desgastado muito, muito mesmo, ao ponto de que às vezes me sufoca. Você lutar tanto por uma coisa e não ver mudança. E nada você mudar a sua vida você se doar aquilo e as pessoas simplesmente ficarem não tão nem aí no esforço que tu faz. Eu vou continuar com a minha opinião e pronto, não é? É sobre essa intolerância que eu coloquei aí... Gente, eu estou falando baixo... Dá para vocês me escutar? Eu vou falar baixo agora porque eu estou perto da minha mãe e é exatamente sobre isso... eu vivo em um lar de pais religiosos, que são cristãos e a intolerância e a minha vida sempre andaram lado a lado. E esses últimos acontecimentos de intolerância vem acontecendo bastante na minha vida porque eu me propus, eu prometi a mim mesma, que eu não queria me calar... eu não queria aceitar uma coisa errada, uma coisa racista, uma coisa machista, uma coisa preconceituosa. Eu prometi a mim mesmo que eu não iria me calar independente... independente... que eu não iria ser mais uma pessoa pra passar pano, que bota para debaixo do tapete, eu prometi para mim mesmo que eu quero quebrar esse ciclo vicioso para os meus filhos, para outra geração por mais que eu nasci e morra eu quero muito, muito mudar pelo menos quem está ao meu redor. Eu passo muita dificuldade aqui na minha casa. Tipo assim, a opinião da bíblia é que importa e se você tem outra opinião você simplesmente se cala. Aconteceu um episódio aqui que

foi isso, eles me chamaram (seus pais) para conversar e ele disseram que se eu tivesse uma opinião contrária era para eu me calar porque a opinião deles é que vale acima de tudo e que eu não posso ter uma opinião. Eles respeitam, mas que eles não concordam e eu tinha que ficar calada para continuar mantendo a paz. Eu fiquei tão arrasada, tão destruída por dentro, você vê, você não consegue ver o sentido naquilo de lutar por que lutar se não está funcionando? E às vezes eu penso em parar... eu penso em chorar sabe? Eu penso em nunca mais voltar, em fechar as portas e ser só mais uma pessoa normal que tem uma vida, um trabalho, uma casa, nascer e morrer. Está entendendo? Mas eu lembro da minha promessa e eu olho para as minhas amigas que estão ao meu redor e elas olham para mim e dizem assim “olha, tu me fez olhar diferente” “tu me deu forças para que eu pensasse desse jeito” E é isso que me mantém continuar lutando não é? E é isso que eu tenho para esse ano... dizer que está muito difícil. (voz de choro) Mas eu prometi para mim mesma e para muitas pessoas que se inspiram em mim e eu sendo uma pobre estudante e tal... eu prometi que não iria desistir e eu estou aqui fazendo meu papel lutando. E é isso... a charge foi para isso. Tá bom! Eu vou desligar que eu vou chorar (voz de choro e risos)

Ângela apresenta a sua situação de maneira muito dolorosa, as palavras que usa para expressar seus sentimentos são relacionados ao conflito familiar em que seus pais são religiosos e não aceitam seu posicionamento sobre ser contra preconceito com mulheres, negros e gays. Esse conflito tem sido acirrado por conta do maior convívio familiar na pandemia. Após Ângela, a participante Conceição faz uma fala. As questões afetivas levantadas por ela também compreendem as suas amizades, em que ela ressalta seus posicionamentos para as suas amigas.

Conceição - Falar sobre a questão da religião e tal... eu acabei de lembrar de algo que aconteceu comigo. Eu participo da igreja evangélica e tipo mesmo muito nova eu acho que acabei desenvolvendo alguns argumentos fundados na bíblia para rebater pessoas que usam a bíblia para esconder o preconceito, sabe? E esses dias eu fui fazer o meu cabelo e uma moça que faz o meu cabelo, ela também é cristã só que ela tem a mente muito fechada, e ela começou a falar coisas que eu comecei a rebater, mas não de forma grosseira. Claro, tentando falar para ela de uma maneira que ela fosse entender... ela estava falando sobre o grupo homossexual, eu estava falando que a gente como cristão e como pessoas mesmas, a gente deveria se respeitar. É o nosso dever na verdade... é o nosso dever respeitar as pessoas que podem ser diferentes da gente. Não tem nenhum motivo dela falar isso ou aquilo outro, ninguém aqui nessa terra pode julgar outras pessoas. Ela falou para mim assim que nós como cristãos não poderíamos nem aceitar nem respeitar pessoas que fossem do grupo LGBT e nessa hora eu ia olhar para ela ia falar “irmã ,Jesus ele mandou a gente amar o próximo porque ele disse que quando a gente ama o próximo você cumpre as leis dele. Jesus ele mesmo sentiu tudo com amor”, mas eu não pude falar porque a minha irmã, ela pediu para eu ficar quieta. Porque aqui as pessoas da minha casa sabem como eu sou... tipo quando eu vejo alguma coisa que está errada e que eu tenho fundamento para falar eu não consigo ficar calado e eu aprendi isso até com a minha própria irmã porque como a gente é criado em um lar cristão tinha certas coisas que eram muito fechadas, mas a gente, a minha irmã ela é feminista e eu também sou por conta disso, os meus pais já sabem todos os nossos pensamentos. Minha mãe abriu a mente dela depois de um tempo... é tanto que acontecem coisas que às vezes eu dou a minha opinião, ela dá a dela, a minha mãe dá a dela, a gente acaba criando um grande debate, mas cada um respeitando a opinião do outro. Que eu acho que é mais importante é quando ela tava falando sobre isso (está se referindo a fala de Ângela) acontece muito de pessoas que usam a bíblia, que usam para esconder seu próprio preconceito. Acho que isso é o pior tipo de pessoa que pode existir, usa uma coisa que falam totalmente o contrário de tudo que eles falam... eles

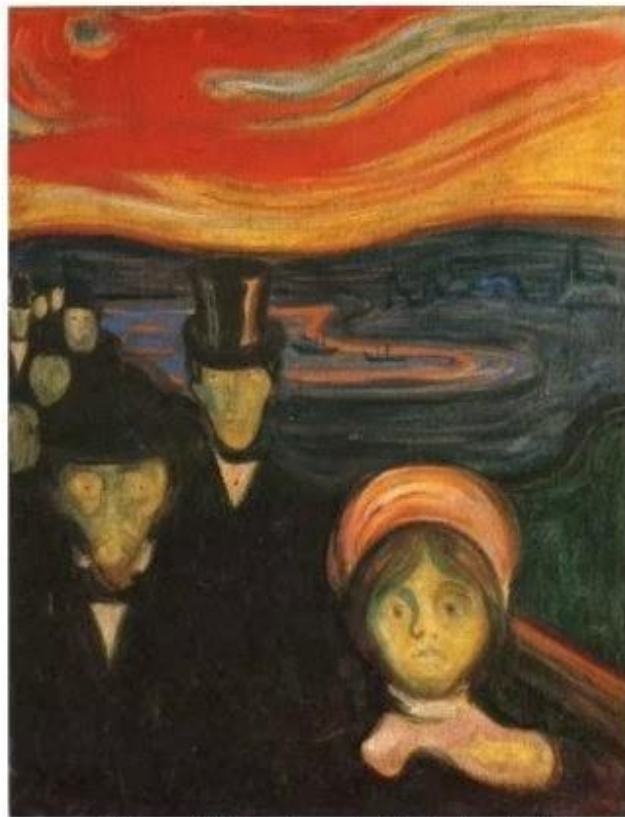
brigam... eles discutem... eles pregam ódio e tudo que tem na bíblia é sobre o amor é totalmente diferente do ódio. Eu acho que isso além de passar uma ideia muito ruim do que realmente é o cristianismo. O que é realmente seguir a Jesus ainda acaba afetando outras pessoas que também estão dentro da fé acabam tachando quase todos os religiosos como homofóbicos, preconceituosos, mente fechada e tudo mais, e na verdade não é. Eu conheço muitas pessoas dentro do meu ciclo de amizade cristão que tem a mente muito aberta. Como eu conheço quem tem a mente muito fechada tanto dentro e fora de religiões e essas pessoas sempre acabam usando algum argumento tipo totalmente ridículo para tentar esconder o próprio preconceito... se você tiver o mínimo de neurônio você derruba os argumentos daquela pessoa. Era isso.

Tanto na fala de Ângela, quanto na fala de Conceição é possível perceber um conflito familiar por conta de questões religiosas e suas famílias.

Ambas identificam que a religião é um elemento que reforça preconceito racial, homofóbico e machista, mas na família de Conceição existe uma mediação e aceitação dos posicionamentos, apoiadas por sua irmã, inclusive ela diz utilizar a bíblia como argumento para rebater posicionamentos preconceitos de pessoas religiosas. Na família de Ângela ocorre o silenciamento dela pelos familiares, impedindo que se tenha uma mediação sobre esses assuntos. As duas tem posicionamentos semelhantes, mas o convívio familiar é um fator importante na maneira como estão se sentindo. Igualmente importante é o apoio das amigas, que tem demonstrado ser um fator de força onde elas podem conversar nos momentos difíceis.

Continuando o encontro, Olga apresentou uma imagem.

**Figura 5** – Pintura escolhida por Olga



*Edvard Munch - Ansiiedade, 1894*

**Fonte:** Google Imagens

Olga - Passa uma mensagem de uma agonia compartilhada com todo o grupo, podemos imaginar sendo como todas as pessoas do mundo no qual se preocupam e temem essa situação atual, demonstrando seus medos e agonias mesmo sem fazer uso de palavras, com cores escuras e abafadas transmite um sufocamento, o ar pesado do lugar, as roupas pretas, o tom esverdeado da pele, é de uma ansiedade aparentemente guardada por um tempo. O medo, o temor desesperado, e o pensar "e agora?"

A imagem escolhida por Olga tem interpretação sobre como ela está se sentindo sobre a pandemia e também a maneira em que os relatos das outras participantes tem afetado a ela. O sentimento de agonia, medo e temor na sua fala tem um sentido de questionamento sobre o futuro, que pode ser entendido como um questionamento sobre a pandemia e também em relação as questões levantadas por Ângela e Conceição.

Cristina apresenta uma música:

Liberdade Pra Dentro Da Cabeça  
Natiruts

Liberdade pra dentro da cabeça  
Liberdade pra dentro da cabeça

Liberdade pra dentro da cabeça  
Liberdade pra dentro da cabeça

Quando você for embora  
Não precisa me dizer  
O que eu não quero, joga fora  
Você pode entender

Desigualdades e a luta  
A fim de encontrar  
A liberdade e a paz  
Que a alma precisa ter  
Oh, baby!

Estar com você na virada do sol  
É compreender  
Que o que há de melhor  
Tá na vida, na transformação  
Da natureza que me traz a noção

Na verdade eu não vou chorar  
Hoje sei, sei o que a terra veio me ensinar  
Sobre as coisas que vêm do coração  
Pra que eu possa trazer  
Pra mim e pra você  
Liberdade pra dentro da cabeça  
Liberdade pra dentro da cabeça (Carlo, 1997)

Cristina - Vocês conseguem me ouvir direitinho? Eu escolhi essa música no tempo que eu escutava muito ela era um tempo que eu passava por muita dificuldade e eu estava aprendendo ainda sobre os assuntos. Essa música me abriu muitos olhos para muitas coisas, dá liberdade pra dentro da cabeça por mais que você viva em um mundo assim que todo mundo tem a mente fechada você mesmo criar seus próprios sonhos e lutar. E Por isso sempre me motivou essa música.

Na última fala do encontro, Cristina apresenta a música escolhida por ela e traz um sentimento de perseverança. Ela ressalta sobre lutar pelos seus sonhos, compartilhando com os outros participantes a importância da liberdade para respeitar e não ficar preso em um mundo de preconceitos.

Na letra da música é possível destacar a frase “liberdade para dentro da cabeça” como uma forma de entender que existem pessoas com a mente fechada para assuntos relacionados a luta contra preconceitos. Essa dicotomia destacada por Cristina esteve presente nas falas de Olga, ao questionar como seria o futuro e nas falas de Conceição e Ângela, quando elas

questionam sobre o papel da religião. A liberdade almejada por essas jovens tem um sentido de lutar pela aceitação das pessoas que sofrem discriminação e que elas possam ser aceitas nas suas famílias por terem posicionamentos voltados para questões sociais.

O silenciamento e os conflitos familiares, causado pela religião, foram os temas mais ressaltados pelas participantes nesse dia. No grupo do *WhatsApp*, Conceição enviou um vídeo em que uma poetisa recita um slam e escreveu uma releitura sobre como se sente e como se vê.

#### A menina que nasceu sem cor

Eu tenho um problema: meu ascendente é em Ariés. E eu tenho outro problema: é que eu sou a menina que nasceu sem cor. Pra alguns eu sou "preta", para outras eu sou Preta, para muitos e muitos eu sou parda. Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel e a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto a auto-declaração de artista pop como Anitta quando pratica apropriação cultural. Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha, que faz da redenção de Can a sua obra prima, Monalisa da miscigenação. E ô ode ao milagre da miscigenação, calcado no estupro das minhas ancestrais, na posse de corpos que nasceram para serem livres, na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos. E eu tenho outro problema... pô, eu não sei dar cambalhota e não importa que pra alguns eu seja a menina que nasceu sem cor, que falte melanina pra minha pele ser retinta, que os meus traços não sejam tão marcados. O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos do meu pai herdado, me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse. Meninas pretas não brincam com bonecas pretas. Mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se armando, se amando. Porque me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom... Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor, mas um dia gritaram-me: NEGRA. E eu respondi. (Midria, 2018)

#### Rescrita do slam por Conceição

##### Negra sim

Eu já fui chamada de muita coisa, parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom "E esse corpo Moreno cheiroso e gostoso é um corpo Delgado da cor do pecado e me faz tão bem se fetichizado enquanto quase perfeito padrão de mulata exportação..." De repente umas vozes me gritaram Negra! Por acaso sou negra? Pensei... E o que é ser negra? como é difícil saber isso em um país que destruiu sua memória, com a população com amnésia que apagou da sua história todos os símbolos de resistência e luta do meu povo. Eu não entendi a triste verdade que aquilo carregava e me senti Negra como eles diziam, e recuei como eles queriam. E eu odiei, odiei meus cachos, meus traços, odiei me olhar e ver melanina demais na minha pele "tostada". E recuei, eu recuei alisei o cabelo escondi meus traços e aceitei ser parda! Apesar de que quando convia alguém minha negritude saltava aos olhos. Mas dentro de mim uma voz sempre ecoava sempre a mesma palavra Negra! Até que um dia eu recuei tanto que eu quase caí... Negra! Negra sim, eu sou negra, nega eu sou negra. E a partir daí não quis alisar meu cabelo. E vou rir daquela daquelas pessoas que por "educação" ou como eles dizem para evitar qualquer constrangimento ou discabar chamam a nossos negros de gente de cor. E que cor é essa? Negra! E que lindo soa negro!



E agora não importa que para muitos eu ainda seja parda, que me falte melanina que meus olhos não sejam lá tão marcados, mas eu sei que o colorismo é uma tática de embranquecimento do Estado que faz de sua obra-prima a miscigenação. Mas enfim compreendi e não recuei, mas avanço segura, eu avanço e espero, e olho para o céu e agradeço, pois, Deus quis, que na minha pele, tivesse a cor preta e enfim, compreendi que eu tenho a chave, Negra! Negra, nega eu sou Preta.

A reescrita do *slam* compartilhado por Conceição levantou os questionamentos iniciais sobre identidade racial. Em seu texto é possível notar um caminho de dúvidas sobre como ela se vê. Ao ser chamada de negra tem início uma reflexão sobre o que é ser negra e quais as diferenças entre negra, parda e preta. Ao fim do texto ela posiciona-se como negra e que a classificação de cores existente no Brasil é uma forma de embranquecer a população. A linha narrativa do texto permite identificar uma trajetória de dúvidas e descobertas em que o indivíduo passar até entender que ser negro é fazer parte de uma população que foi historicamente explorada e teve seus direitos negados.

Por meio de um *slam* Conceição abordou os assuntos discutidos no primeiro encontro e levantou questionamentos que foram debatidos nos encontros seguintes. O uso de imagens, textos, músicas e poema permitiram diversificar o debate e dinamizar as formas de como cada participante poderia se expressar.

Os sentimentos relatados no primeiro encontro, foi um vai e vem ao longo de toda a pesquisa. A pandemia teve um impacto nas relações sociais, o convívio maior entre as famílias, atrelado a problemas financeiros, gerou situações de conflitos que foram relatadas diversas vezes ao longo dos encontros.

### **5.1 Como cada um entende o seu pertencimento étnico-racial**

Ao final do encontro do dia 11 de novembro fiz a proposta de uma atividade que era responder, na forma de um texto, como cada um se identificava racialmente e poderia acrescentar elementos que cada um considerasse importantes para o seu pertencimento étnico racial

O encontro teve início com o vídeo que foi compartilhado por Conceição no grupo do *WhatsApp*, logo em seguida ela recitou o poema que reescreveu e falou:

Conceição - não é nenhuma questão de aceitar a minha pele por não ter uma melanina muito forte, as pessoas diziam “você é muito branca para ser negra e muito negra para ser branca” eu me perguntava o que eu sou. Você é parda aí eu paro para pensar o passado é muita coisa ao mesmo tempo, não é? É como se fosse simplesmente uma forma de dizer “você não é nem isso né aquilo” “você é um meio-termo” aí eu não me conformava. De um tempo para cá eu tive muitos

professores que me influenciaram muito até para me interessar muito por debates. Eu acho que eu comecei mais a mim profundar nessa questão quando eu conheci a minha ex professora de história no 9º ano, que ela tinha um grupo de resistência mesmo, e todo sábado de todo mês a gente ia fazer as reuniões do cacheando-se trançadas<sup>3</sup> e foi indo para as reuniões que eu aprendi que eu não sou parda eu sou negra. Foi aí que eu fui entendendo mais sobre toda essa questão.

O processo de reconhecimento que Conceição passou teve relação com o contato que teve com um projeto de uma professora no fim do seu ensino fundamental 2, a ações desse projeto tinha como foco discutir sobre identidade a partir das características físicas, principalmente os cabelos<sup>4</sup>. Esse reconhecer-se como negra teve a educação escolar, meio formal, como crucial no entendimento de seu pertencimento racial. Conceição ressalta que teve várias professoras e professores ao longo da sua trajetória escolar que trataram sobre questões raciais.

Ângela - Eu não sei se vocês estão me ouvindo direito porque eu estou no telefone... Tipo, assim minha família é assim banda, banda. Uma parte negra que é a parte da minha mãe e a parte do meu pai que é branca. Meu pai é um homem branco, daí nasceu meu irmão que é branco, e nasceu meu outro irmão que é preto e eu nasci no meio termo, não é? Todo mundo dizia isso. (Risos) Tipo assim, sério quando eu vi esse vídeo agora eu parei para prestar atenção, mesmo na primeira vez eu vi muito apressada e eu parei para perceber que é eu. É muito eu. Eu nasci sem cor porque as pessoas brancas dizem que eu sou preta demais e as pessoas pretas dizem que eu sou branca demais. E eu sou aquele tipo de pessoa parda. Eu sempre me reconheci como isso, minha mãe é uma mulher negra, não é? Mas ela nunca se reconheceu ao fato de me ensinar sobre racismo. É tanto que ela disse que não fez diferença nenhuma que ela não enxerga isso, que isso não tem afetado a vida dela, ela ser negra, mas ela já melhorou muito a ponto de reconhecer. Minha bisavó, que é negra, ela faz diferença por pessoas porque meu irmão, o preto, ela sempre teve mais aquela coisa assim que ele é lindo e tal, mas o branco que nasceu com olhos verdes, por incrível que pareça, ela disse que ele é maravilhoso, que ele é morto de lindo. E hoje em dia como a minha mãe se reconhece um pouco, ela é capaz de perceber essa diferença de cores, mas ela nunca foi aquela pessoa de me dizer “olha não existe gente parda” tanto que ela nunca estudou sobre esse assunto entendeu? Para ela não faz diferença ela ser negra, ela ser branca, isso foi muito ruim para mim porque com 7 anos eu decidi alisar o cabelo porque eu não gostava do cabelo cacheado. Foi aí que eu acho que anos passaram, eu sempre gostei de causas sociais, sempre, sempre, sempre eu amo falar sobre feminismo, gordofobia, eu sempre gostei, mas eu nunca tinha parado para pensar se eu era realmente branca ou se era preta. Passou acho que... pronto com 16 anos que foi agora quando eu conheci o professor de história. Eu disse pra ele “eu não sei que cor eu sou” e ele disse assim “olha tu é preta” e eu fiquei valha meu Deus! Será? Eu levei muito tempo para me identificar como uma mulher negra... eu fui parar para pensar e realmente eu sou e não importa quem disser o contrário. Ele me explicou sobre a colonização, o colorismo, não é? Como a sociedade quer nos embranquecer e desde quando ele falou isso eu me reconheci. Eu amo meu cabelo... eu já amava porque eu tive que cortar o meu cabelo, eu decidi cortar, minha mãe me ajudou muito eu cortei meu cabelo bem acima da orelha, eu sofri muito nesse tempo, muito mesmo. Mas aí eu superei, eu comecei a usar

---

<sup>4</sup> O projeto Identidade Étnicas Cacheadas, Crespas e Trançadas foi idealizado pela educadora Elonalva, professora do ensino fundamental de Maracanaú. As atividades envolvem apresentações culturais, recital de poesias, exposições fotográficas e palestras.

bandana, comecei a usar lenço, turbante, comecei amar o meu cabelo por mais que ainda aconteça muito isso das pessoas dizerem que eu não sou negra. Entendeu? Eu sou como o ditado popular diz “eu sou morena”. Olha o quanto eu demorei para me reconhecer, teve que 16 anos depois que eu nasci uma pessoa completamente estranha, para mim dizer que eu era preta e ter mudado tudo isso. Porque a partir do momento que ele disse isso para mim eu fui pesquisar e eu vi que é real isso... era a solidão da mulher negra, sobre mulher negra casar com homem branco e isso aconteceu na minha vida. Aconteceu com a minha mãe, eu vi o quanto que isso é verdadeiro, o quanto que isso é real e eu não via... eu não consegui enxergar isso. Eu acredito, sim, que educação pode mudar as pessoas, acredito que pela educação eu tenho um pensamento que eu tenho hoje e é isso.

Para Ângela o processo de reconhecer-se como mulher negra, também passou pelos caminhos de Conceição, mas em tempos diferentes. A dúvida posta sobre ela em relação a seu pertencimento étnico-racial surge em relação à comparação entre ela e os irmãos, onde ela é colocada no meio termo, nem branca e nem negra, e os irmãos são lidos um como branco e o outro como negro. A figura da mãe tem um papel muito decisivo na vida dela, ao entender-se como mulher negra ela volta-se para a mãe e reflete os motivos que não fizeram com que a mãe ensinasse isso para ela, já que ambas são negras. O Casamento interracial com um lado da família negra, o da mãe, e o outro, do pai, branco. Mãe custou a se reconhecer negra e isso repercutiu negativamente sobre ela, pois tentou esconder seus traços de negritude no cabelo, alisando e depois cortando. Suas características físicas, principalmente os cabelos foram determinantes para que ela mudasse o modo como se via. Passou a aceitar mais o cabelo, deixando de realizar procedimentos químicos para tentar alisar os cabelos e usando produtos para valorizar seus cachos. O contato com um professor de história, fez com que o meio termo racial em que se encontrava desse lugar a uma certeza de quem ela era. Ao explicar sobre colorismo<sup>5</sup> e que por motivos históricos pessoas negras foram divididas pela cor favorecendo o embranquecimento, mas que ela era preta. Ao ter uma afirmação de que ela era negra e ter explicações sobre os motivos que a faziam não se identificar dessa maneira, seu entendimento mudou. Além de ao ir pesquisar sobre esses assuntos ela passou a se encontrar e entender o porquê da solidão da mulher negra.

Conceição e Ângela tiveram na educação, e na figura de professoras e professores, a possibilidade de refletir sobre suas identidades. Conceição por meio de um projeto de uma professora e Ângela por meio de conversas e aulas com um professor de história. Ambas refletiram sobre si mesmas por meio da escola, sejam por projetos na escola ou por meio de conversas informais com seus professores.

---

<sup>5</sup> O colorismo é a forma de diferenciação de tonalidade de pele entre pessoas negras. O racismo é pautado na discriminação a partir da raça e no colorismo pessoas de pele negra mais escura tem dificuldade de acesso aos seus direitos enquanto pessoas de pele negra mais clara tem menos dificuldade em ter seus direitos.

Olga fala em seguida em como se vê em relação ao seu pertencimento étnico-racial:

Olga - Foi a mixagem que deu errado, rolou no útero da minha mãe. Eu peguei os traços do meu pai e nasci com a cor da minha mãe. Eu me vejo como uma mulher branca porque eu nunca passei racismo por conta do tom da minha pele. E o único preconceito que eu passei ao longo da minha vida foi questão do meu cabelo, do meu nariz, a sobrancelha alguma parte do rosto porque eu peguei esses traços mais do meu pai, mas eu não passei o racismo da questão da cor da minha pele, eu sou branca, tem parte que é quase transparente.

Olga relata o inverso de Ângela, filha de pai negro e mãe branca ela conta que tem a pele branca e os traços negros, não sofrendo racismo, mas sofrendo preconceito. Em sua fala é possível perceber como o racismo é um tema complexo de ser entendido, pois ela é branca e tem traços negros o que acaba tendo que ouvir comentários sobre sua aparência. Segundo Gomes (2005) o preconceito é uma representação mental que os indivíduos têm sobre algo, no caso do preconceito racial ocorre um juízo de valor sobre pessoas negras por conta de sua pele e suas características. Ou seja, a discriminação racial é a efetivação do preconceito racial. Olga tem a pele branca, o que lhe poupa de sofrer racismo, mas as suas características físicas não impedem que ela sofra comentários preconceituosos.

Texto de Isaque:

Isaque - Meu nome é Isaque, sou um jovem negro de 17 anos e me fizeram a seguinte pergunta: O que é ser jovem na cidade onde moro?  
Ser um jovem negro na região metropolitana é sentir a obrigação de estar preparado para dificuldades que testarão a sua persistência, Exclusões e falta de oportunidades te farão pensar que você é o problema, a cidade é bela e calma, mas não é o melhor lugar para alguém que quer crescer na vida, assim como eu, alguém sem muitos privilégios, que terá de ralar muito para seguir adiante, sentindo a necessidade de deixar a terra natal para assim criar um futuro promissor. Creio que essa breve resposta possa responder sua pergunta.

Isaque relaciona o seu pertencimento étnico-racial à localidade em que vive, ressaltando as dificuldades de ser um jovem negro e sofrer racismo. A exclusão é em um sentido duplo, tanto por conta do racismo, como pela falta de oportunidades na cidade, levando-o a ter que sair de onde mora para ter uma profissão. Sua fala tem um tom de melancolia, em que ele parece gostar da cidade, mas tem que esforçar-se em dobro para competir com os privilégios de outros. Ser um jovem negro e que não faz parte de nenhuma família rica da cidade dificulta manter-se estabelecido na localidade onde reside. As famílias ricas tem acesso aos cargos comissionados na prefeitura e desfrutam de acessos econômicos que o restante da população não tem. Para ele, sofrer racismo e preconceito de classe significar ter o dobro de dedicação tanto nos estudos quanto para o trabalho.

### Texto de Olga:

Sou uma adolescente branca de 17 anos, estudei a vida toda em escola pública, e quando você se encontra rodeado por diversos indivíduos diferentes de você, o notório abismo entre todos começa a se fazer presente, em muitas situações eu fui obrigada a reconhecer meus privilégios ao me fazer a pergunta "porque isso nunca aconteceu comigo" "porque nunca me seguiram no mercado mesmo eu estando com mochila?", São perguntas que me fizeram notar esse tão chamativo abismo social.

Pacatuba é uma cidade pequena, poucas praças, poucos restaurantes, não é um lugar atrativo para os jovens, mas pra quem já mora aqui consegue dar um jeito, junta aquele grupo e escolhe a praça que irão, qual pizza vão pedir, ou sanduíche, o rolê tem que começar cedo, pois quando chega às 22 toda a cidade começa a ficar esquisita, poucos carros, poucas motos, pouca gente, nenhuma segurança...

As noitadas ficam para aqueles grupos que são da farra, vão para algum paredão e chegam pela manhã em casa. Mas esses dois grupos, mesmo sendo distintos, são iguais em alguns pontos, entre eles, o mundo do trabalho. Aqui em Pacatuba você é obrigado a se manter dependente de um determinado monopólio, ser escravo de determinado lugar para ganhar uma miséria, quais oportunidades o jovem pacatubano pode encontrar? Em um município que é tudo a base da política, se você não tiver a sorte de ter conhecidos na prefeitura você não consegue nada aqui, são raros os casos, porque mesmo você aplicando concurso, mesmo você estudando muito pra fazer uma prova, a sobrinha do prefeito, o primo do vice, aquela moça colega da funcionária do gabinete, vão pegar seu lugar.

Projetos para jovens? Não se tem, algumas misérias de projetos sem noção da realidade são introduzidas nas escolas, projetos esses que não tem nenhum senso de realidade do jovem.

E se já é difícil pra mim sendo branca, imagine para um preto, uma preta, qual o futuro esses jovens devem almejar em uma cidade que só te motiva a ser escravo do capitalismo local, não te dando esperança de ter algo melhor, não te dizem que você é capaz e só te jogam em uma escola, te alfabetizam e deixam você descobrir o que esse mundo da falsa meritocracia tem a oferecer. Veem jovens quebrarem a cara por falta de estrutura, veem jovens desistindo da escola e não fazem NADA.

O jovem não tem apoio, todos adolescentes que conheço aqui da cidade tem ou teve ansiedade/depressão, e não conseguiram apoio aqui, o sistema educacional é falho, o governo é falho, logo, os estudantes já chegam a conclusão que estão destinados a falhar. O que podemos fazer quando as pessoas que deviam estar cuidando de nossos direitos estão nos ignorando? Tampam seus ouvidos para nossas necessidades e nos desejam sorte.

Como é ser jovem na cidade de Pacatuba? É desesperador, preocupante e revoltante.

O texto de Olga relaciona sua vivência na cidade de Pacatuba com vários elementos políticos e sociais. As faltas de oportunidades de trabalho, a falta de projetos por parte da prefeitura e o fim eminente que todos parecem aceitar, falhar nos seus sonhos e alimentar cada vez mais um abismo social na cidade. Nesse mesmo encontro, Olga se definiu como branca, e no seu texto afirma que se é difícil para ela, para pessoas negras percebe que é pior, ela entende que ser branca favoreceu sua vida. Esse entendimento que ela tem faz parte de uma compreensão que dentro desse abismo em que ela se encontra, pessoas negras sofrem mais, o que subentende que há racismo.

### Texto de Cristina:

Me perguntaram sobre como é ser jovem na cidade de moro, e por meio deste texto, vou lhes responder.

Guaiuba é a cidade onde sempre morei, desde pequena eu a observo. E nesse aspecto de juventude posso falar com propriedade.

Me chamo Carolina, sou uma jovem-adulta de 17 anos, beirando os 18. Sou branca, e tento dar voz às pessoas que precisam ser ouvidas. Desde os meus 14/15 anos, fui moldando minha personalidade estudando sobre temas relacionados à política e afins, faço questão de me desconstruir desde nova, porque a opressão é dolorosa... Mas agora que já me conhecem, como é ser jovem na minha cidade?

Guaiúba é um bom lugar se precisar de descanso, mas se precisar ascender socioeconomicamente, não posso dizer que é um bom ponto de partida dependendo do contexto social no qual estiver inserido. É bom para privilegiados, aqueles parentes de alguém da prefeitura, é bom para quem tem contatos, é bom pra quem tem a aposentadoria garantida, mas e nós jovens que estamos no início da construção de um futuro?

"Estudar dá futuro" é o que dizem por aqui, acredito nessa frase, mas ao falarmos sobre isso (e também sobre qualquer outra coisa), devemos nos atentar à falta de oportunidades e dificuldades nas quais a juventude se depara. Já ouviram falar do tal "abismo social"? Ele anda presente por todos os lugares, e são os problemas sociais que há, são as desigualdades.

Eu sempre estudei em escola pública, e atualmente tô concluindo o ensino médio técnico em outra cidade. Nessa mudança, percebi o tanto de eventos que tinham na minha nova escola, esses eventos tornam os estudos em algo prazeroso, e percebi que faltou investimentos em projetos e eventos escolares na minha cidade, não somente os escolares, mas projetos artísticos, que elevem o conhecimento.

Acompanhei alguns amigos desistindo por se sentirem pressionados ou oprimidos, outros por terem que trabalhar e ajudar financeiramente seus pais, e outros porque não conseguiram atingir a média. Acredite, dentre todos eles, durante minha trajetória nessa cidade, a maioria provavelmente estão com doenças mentais. E permanecem assim, por descredibilizarem nós, por acharem que somos uma geração que reclama demais, e por não fazerem nada a respeito. Todos precisam de terapia.

Ainda falando sobre educação, é uma cidade repleta por tabus. Por ser uma cidade pequena e com a população maior sendo os idosos, costumes antigos e falácias são espalhadas. Tabus que poderiam ser desconstruídos através de informação. Não há investimento em bibliotecas públicas para dar sapiência aos jovens, e agora em período pandêmico, não há atenção às dificuldades em casa para aprendizagem online, pois alguns jovens precisaram trabalhar nesse período ou tem problemas com a internet ou nem possuem celular/computador para o acesso.

A cidade é linda e acho atrativa, mas é parada, não inclui deficientes e julgam às diversidades. Não há oportunidades no mercado de trabalho que expanda a visão pra um futuro melhor.

Me perguntaram sobre como é ser jovem na cidade ondo vivo, lhes respondo: frustrante, decepcionante e reduz nossos horizontes.

Para Cristina, sua cidade natal não oferece oportunidades para os jovens, sendo boas apenas para quem já está estabelecido economicamente ou possui contatos políticos. A sua preocupação com causas sociais lhe faz refletir sobre a desigualdade presente ali, principalmente as desigualdades sociais geradas pelas faltas de oportunidades. Ela estuda em uma escola estadual de ensino profissionalizante e por isso tem acesso a estruturas diferenciadas, como laboratórios, projetos científicos e estágio, que é muito diferente do que acontece com as escolas de ensino regular. A estrutura da sua escola contrasta com a estrutura da sua cidade em que ela ressalta não ter biblioteca e espaços para capacitação e estudos. As possibilidades de aprendizagem em sua escola são muito diferentes do que a cidade pode

oferecer e isso afeta alguns jovens por não conseguirem crer que a cidade vai ofertar empregos para eles e isso tem reflexo na saúde mental dos jovens.

Sobre os espaços que ocupam, os jovens informaram que a praça é o principal ponto de encontro, mas consideram perigoso e hostil por conta do assédio que as meninas sofrem, do preconceito contra gays e negros.

Chat da vídeo chamada:

**Cristina:**

heterotop

**Olga:**

Kkkkkkkk

Os cara sem camisa ouvindo música

**Conceição:**

Na daqui da rua fica umas crianças um grupo de heterotop e os casais

**Olga:**

Já pararam até a Cristina pra darem em cima dela

É nesse estilo

Um dia desse tinha um casal lésbico se beijando na mix e apareceu um véi xingando

**Conceição:**

Sim sim Olga

Querendo ou não aqui ainda é muito preconceito

Nunca aconteceu comigo mas diversas vezes na calçada do nada o menino passa de bicicleta e o policial para de forma violenta

Dependendo da forma que eles abordam é muito triste

Já relataram que quando foram parados eles eram muito brutos

**Cristina:**

Meu amigo já passou por isso

Aqueles guardas que ficam rodando sábado estavam olhando direto para ele e aí o cara foi parou e revistou ele aí eu fiquei meio assim

Já é uma coisa assim para você ficar com pé atrás.

A família dele ficava com medo dele sair, andar na rua desse jeito sozinha tarde da noite por conta dessas coisas.

Em conversa no chat as participantes relatam suas vivências em alguns espaços que ocupam na cidade. Carolina dividiu os jovens em dois grupos, elas e o que chamam de heterotops. O nome do grupo foi dado por fazer referência a pessoas heterossexuais, que têm um corpo considerado o padrão para a sociedade e apresentam atitudes preconceituosas. Também relatam situações de abordagem violenta de policial e dos guardas municipais para com jovens negros em espaços como a praça e na rua onde residem. Suas famílias temem eles por conta da violência de facções e do tratamento violento da polícia.

Texto de Ângela:

Ao longo dos meus 8 para 9 anos de idade. A opressão estética era ainda maior.

E quase ninguém levantava para ir contra essa grande maré. E eu como toda criança queria representatividade, em comerciais, em novelas em filmes e etc. Só que tinha um probleminha. Meu cabelo era diferente, meu cabelo era black! Procurei sempre

representação e me decepcionei em todas. Minha mãe nunca foi muito de ter posicionamento, muito menos consciência racial. Para ela até alguns dias, ser preta não dificultou ela em nada. E olha que minha mãe teve uma vida muito difícil principalmente por questões raciais, mas isso não vem ao caso. Como minha mãe nunca foi de ter consciência racial ela nunca me ensinou a amar meus cachos, quando eu era mais criança, sempre queria deixar ele solto mas ela nunca deixava. Sempre amarrava por medo de alguém zombar de mim, ou de achar que ele não era uma boa mãe. Então com 9 anos eu decidi queria alisar meu cabelo. Minha mãe não concordou, mas, disse que se eu quisesse "reduzir" baixar o volume do meu cabelo ela aceitava. E eu logo aceitei a proposta. Enfim alisei, me senti incrível, ia ao mercantil e tinha milhares de produtos para cabelos lisos, o pessoal dizia que eu estava mais linda. Até que então meu cabelo começou a voltar ao original. Siiim, cachos volumosos. Então foi aí que decidi mais uma vez que queria alisar, uma amiga da minha mãe se ofereceu dizendo que era cabeleireira, (depois de 3 anos fui descobrir que ela era vendedora de cosméticos) então minha mãe aceitou. Alisei novamente, meu cabelo não suportou, ele torrou, ficou metade liso, metade cacheado, daí vocês pensam "então era só cortar as pontas" mas não, o liso ficou no meio do meu cabelo. Não tinha como eu cortar. Minha mãe ficou doida da vida, e eu continuei sem ligar, pois, pra mim era melhor estar com o cabelo assim e ser parecida com alguém. Depois disso, veio a onda da vergonha. Não conseguia mais sair com o cabelo solto, aí eu sempre amarrava ele, até que um dia eu fiquei me olhando no espelho, precisava de alguém que me ajudasse. Minha mãe pediu para eu cortar o cabelo aí eu sem pensar disse "sim" eles me levaram no salão e foi quando eu cortei pela primeira vez. Eu chorava e chorava horrores. Meu cabelo ficou muito feio, cortei ele acima da orelha, não conseguia sair de casa, não queria ir pra escola. Meus irmãos em casa mangavam de mim, eu me sentia horrível, chorava todo dia. Eu ia para escola todos zombavam de mim, até que um dia eu bati em um garoto na sala, dei um susto nele, aí todos me respeitaram. Então fui cortar de novo. Quando cortei os cachos eram lindos, ficou acima do ombro ainda, mas, tinha um detalhe, eu me sentia bem. Na minha transição não tinha apoio de blogueira, não tinha TV e muito menos era "moda" ter cabelo cacheados. Eu sentia me olharem torto, muitas pessoas perguntavam como que eu penteava ele, escutei piadas racistas, como "entra pente" "cabelo duro" "cabelo de bombril" entre outros. Muitas pessoas também acharam lindo, e só 1 ano depois veio essa onda de transição capilar, foi quando meu coração se dedicou total a amar meu cabelo natural. E hoje eu ajudo muitas meninas a passarem por essa transição também.

Fala de Ângela sobre o seu texto:

Ângela - Não era que a minha mãe não gostasse do cabelo dela, minha mãe sempre gostou do cabelo dela, mas ela não se reconhecia, entendeu? A gente nunca teve aquela conversa mãe e filha e tal "eu sou negra, eu já passei por isso" mas pelo contrário ela sempre acreditou que ser negra não tinha dificultado muito a vida dela até um dia desses que eu perguntei quantas oportunidades na vida dela já tinha perdido por ser negra e foi aí que ela foi pensar. Ela só alisava porque era moda, minha mãe sempre gostou muito do cabelo dela só que ela não se reconhecia como uma mulher negra, ela não passou esse amor para mim do cabelo dela para mim ela não me ensinou amar o meu cabelo. Era eu que queria alisar. Eu gostava muito do meu cabelo solto aí as tiazinhas da escola pegava para fazer trança para poder baixar o volume, tá entendendo? Eu sempre gostei muito do meu cabelo solto e isso sempre foi uma problemática para minha mãe porque ela achava que se ela deixasse eu de cabelo solto o pessoal ia achar que ela era uma mãe desleixada, achar que eu estaria desarrumada, descabelada, que ela não tinha tempo para pentear o meu cabelo. Aí ela disse que se eu quisesse abaixar eu poderia abaixar o cabelo e eu alisei. Naquela época não era que nem hoje que tinha produtos próprios para cabelo cacheado, não era assim, entendeu? As blogueiras eram todas de cabelo liso, meninas do YouTube era todo de cabelo liso, então se você queria representatividade você não tinha de jeito nenhum. Quando eu alisei houve também mais aceitação, foi no tempo que os meninos da escola me acharam mais bonita porque as pessoas achavam mais bonito



cabelo liso. Então aquilo dali foi muito pesado para mim eu tinha mais aceitação em todo canto e eu achava o máximo. Alisei o meu cabelo, meu cabelo caiu muito, meu cabelo torou no meio, tipo, ele ficou na raiz. Ele ficou cacheado no meio do cabelo, até um pouquinho das pontas ficou liso e nas pontas ficou cacheado. Eu não podia cortar meu cabelo porque ia cortar tudo, tinha que raspar. Passei por muita humilhação na minha vida quando eu cortei esse cabelo, ficou espichado, uma coisa tão horrível. Esse tempo já estava estudando com as meninas, eu estava no 8º ano, aí eu sofri muito, muito, mesmo era uma coisa horrível. Não podia nem olhar para mim mesma, foi um tempo que muita gente se afastou de mim, foi o tempo que eu mais fiquei solitária na minha vida também. Eu só sei que eu passei por muita humilhação, eu passei por tanta humilhação pessoal quanto da minha família também por estar fazendo isso, meus irmãos mangavam muito de mim. Fui amar o meu cabelo de novo já estavam os cachinhos as coisas mais lindas, aí foi outra onda de racismo também. O pessoal perguntava se eu penteava, agiam como se eu fosse uma pessoa de outro planeta, se eu podia molhar, se eu molhava todo dia, se travava o pente.

Ângela entende-se como mulher negra na escola ao entrar em contato com um professor de história, mas antes dessa reflexão ela passa por um processo familiar e psicológico a partir de suas características físicas. Ela pontua que sofreu opressão estética ao não ser permitida viver uma estética negra, aceitando seus cabelos e traços físicos. Seu relato demonstra o profundo desrespeito que ela passou nos ambientes familiares e escolares. E mesmo realizando as intervenções nos cabelos, usando produtos químicos para alisar, não foi possível adequar-se totalmente a estética do padrão. Com o conhecimento atual ela entende que a o processo de alisamento do cabelo foi uma forma de aproximar-se do padrão branco, pois antes o volume do seu cabelo era visto como um problema na escola, na família e nos círculos de amizade. Alisar o cabelo foi bom no primeiro momento, mas o resultado da química capilar acarretou problemas nos seus cabelos afetando a sua autoestima e causando isolamento. Ângela cita que sua mãe tinha preocupação sobre os seus cabelos, pois o alto volume dos seus cabelos poderia ser interpretado como maus cuidados por parte dela. Em um primeiro momento sua mãe não percebia que o que sua filha passava poderia ser considerado racismo, mas hoje em dia Ângela diz que conversa bastante com sua mãe sobre isso e ela está mais aberta para entender acerca disso.

Outro fato a ser destacado na sua fala é o quanto que a estética negra é desrespeitada por pessoas brancas. Os produtos vendidos para o procedimento de alisamento foram feitos por uma mulher branca que prometeu realizar o procedimento e não surtiu os efeitos desejados. Seu cabelo danificado foi motivo de risos e chacotas, inclusive dos seus irmãos, que afetaram a sua autoestima. Ela chorava bastante e diz sentir-se uma extraterrestre, um exemplo de como corpos negros são tratados como algo tão diferente e estranho que deveriam ser de “outro mundo”, não fazendo parte da realidade social. A opção da transição capilar foi

também um caminho de aceitação de seus cabelos, mesmo sofrendo racismo e tendo dificuldade de encontrar produtos, ela manteve o posicionamento de usar os cabelos de forma natural. Para Munanga (2009), identidade e características físicas estão entrelaçadas no processo de aceitação de si mesmo: “a identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.” (p.19)

Um importante teórico sobre a identidade do negro no Brasil é Sousa (1983) que, por meio da psicanálise, analisa o processo de tornar-se negro. Compreender-se como pessoa negra foi um processo que Ângela e Conceição passaram durante a sua adolescência ao entrar em contato com professores que as fizeram refletir sobre as suas vivências. Sousa (1983) expõe por meio da psicanálise que o processo de auto identificação do negro faz parte de um momento de ruptura com uma sociedade pautada na branquitude, onde o negro é visto sem um pertencimento que o permita identificar-se com os seus antepassados.

Sobre identidade negra, Gomes (2005) diz:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e feitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeadas de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelecer” (GOMES, 2005, pág. 43)

Cabral (2016) corrobora com essa afirmação de Gomes (2005), sob uma perspectiva dos estudos culturais, a identidade não é única, e não é coesa, tendo as relações sociais do cotidiano, associadas às relações de poder que regem os espaços institucionais. Hall (2005), importante teórico que pesquisou as teorias sobre os estudos culturais, relaciona identidade e globalização ao analisar as mudanças nas sociedades modernas. Os efeitos da globalização nas sociedades têm como características a integração entre as nações, mudanças no tempo-espaço, acontecimentos locais passam a ter impactos em outras partes do mundo, tendo um mundo mais interconectado. Segundo seus estudos, duas formas de identidades estariam mais ressaltadas no mundo globalizado: a) identidade que tem como referência o tradicionalismo, fortalecimento das identidades nacionais e resistências à globalização; b) Identidades híbridas, multiculturais e contraditórias.

A ocorrência dessas identidades em um mundo globalizado e de maneira híbrida ocorre no interior das instituições sociais: família, igreja, trabalho, mídia, escola etc.

Instituições essas que são citadas pelos jovens ao falarem que a religião da família é fator de silenciamento sobre temas sociais, principalmente o racismo, machismo e homofobia. Ao mesmo tempo em que outras instituições oferecem espaço para que esses temas sejam debatidos, como as redes sociais e canais de vídeos, e a escola.

Ao falar sobre como se identificam racialmente, as participantes negras ressaltam as situações de racismo que passaram. As participantes que se identificam racialmente como brancas citam situações de racismo que observaram ao longo da vida, compreendem que ser branco é ter o privilégio de não ter sofrido racismo, porém não tematizam sua identidade com as relações raciais do cotidiano.

Sobre branquitude, Cardoso diz:

Nos estudos sobre a branquitude, no Brasil e em outros países, existe o consenso de que a identidade racial branca é diversa. No entanto, na busca por uma definição genérica, podemos entender a branquitude da seguinte forma: a branquitude refere-se à identidade racial branca, a branquitude se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência do cenário local e global. (CARDOSO, 2010, p.5)

Assim como a identidade negra é influenciada no mundo globalizado, a identidade branca também é influenciada, mas tem como principal característica manter-se como o padrão social, como o centro referencial a ser seguido de maneira não questionadora. A falta de tematização racial da branquitude é uma característica que ressalta como não foi necessário para esses indivíduos pensar a sua identidade racial, está no centro implica que o outro é o diferente.

## 5.2 Educação racial e racismo na escola

O exercício seguinte é referente à quando perceberam a presença do racismo na escola. Maria iniciou lendo um texto de sua autoria:

Maria - Olha, olhando pra minha infância com os mesmos olhos de hoje em dia não demora muito pra notar o racismo, em apresentações escolares onde no dia da consciência negra os professores pintavam os rostos dos alunos com tinta preta, no dia do índio faziam palestras grotescas e de visão favorecendo e engrandecendo o homem branco europeu, além de vestir nos alunos adereços de cultura indígena tratando como fantasia. O favoritismo dos professores sendo na maioria das vezes algum aluno branco, cabelo liso e olhos claros, em votações para o aluno mais bonito da classe o ganhador sempre era esse mesmo querido pelos professores. Muitas situações que hoje em dia não demoraria para eu notar o racismo, mas antigamente era visto como belo, ninguém se incomodava (ou pelo menos não aparentavam), tratavam como algo normal todas essas situações, eu já tratei como algo normal e aceitável. Durante meu fundamental I e II não tive nenhum professor que falasse sobre isso, em casa era igual (acredito que por conta da criação de meus

pais eles acabaram aceitando essas situações, meu pai passou muito tempo tentando ignorar o racismo, tanto que até hoje falar sobre seu passado é raro) só fui notar a presença do racismo e como ele é diariamente presente em nossa sociedade nos meus 12/13/14, quando passei a me questionar sobre inúmeras questões, foi quando passei a pesquisar, ler, e com muita dificuldade fui abrindo meus olhos para a verdade que escondem do jardim de infância ao fundamental. Mentira essa que muitos acreditam até hoje, acreditam na frase "somos todos iguais", não, não somos, não somos todos tratados iguais e não precisa ir muito longe pra notar. Percebi isso quando conversava com meus pais sobre meus avós, bisavós, ..., ambos com infância pobre, mas minha mãe sabe a sua linhagem por parte de mãe bem mais que por parte de pai (minha avó-branca meu avô-preto), já meu pai não sabe nada e o pouco que sabe são partes soltas, pois esse privilégio foi tirado dele. Quando notei o racismo? Quando decidi olhar em volta.

Maria foi uma das participantes que interagiu menos, na localidade onde mora o acesso à internet é ruim. A maior parte de suas participações foram por meio do grupo do *WhatsApp* e do chat do *meet*. Seu texto tem elementos interessantes que podem ser notados nas falas de Olga, são mulheres brancas e que tem pais negros que não sabem sobre os seus antepassados, diferente de suas mães brancas que tem esse conhecimento. Para Maria, o racismo aparece quando ela começa a questionar-se e pesquisar sobre aos 12 a 14 anos, ao fazer isso ela retoma suas memórias de infância e percebe situações no cotidiano escolar e em sua família que demonstram as diversas formas de manifestação do racismo.

Em seguida, cada um comentou sobre esses casos em que sofreram racismo ou perceberam o racismo na escola.

Ângela - Eu queria dizer o que o texto me lembrou muito do tempo que eu entrei na escola no sétimo ano e os professores, eles já tinham os preferidos, os queridos, que era sempre uma menina, a Robertinha. Que ela era loira, cabelo liso, branca e tipo os professores endeusavam aquela menina de uma forma que era tão surreal. Porque na sala tinha muita gente, os alunos de pele escura os professores não reconheciam, para eles só tinham ela de mais inteligente, a mais importante. Quando a gente leu esse texto eu me lembrei que não importava o quanto eu pudesse me esforçar, porque eu era uma pessoa esforçada no nono ano, mas eles não reconheciam isso, eles só me viam como uma pessoa revoltada. Vocês acreditam, eu tinha um professor que era o Robney, ele me via como uma pessoa extremamente revoltada porque eu não aceitava o que ele dizia. Porque as coisas que ele dizia, a maioria era fascista ou homofóbico. Ele viu ela [robertinha] como uma pessoa dócil, meiga, que só queria ajudar todo mundo, que era muito inteligente e eu que tinha, sei lá, não é nem soberba não, mas talvez mais inteligente do que ela ele só me viu como uma pessoa negra revoltada que não aceitava o que ele queria. E trazendo isso para os dias de hoje eu vejo pela minha sala que os alunos brancos são extremamente idolatrados na escola em que eu estudo, sendo que tem pessoas pretas que tem esse mesmo padrão de inteligência, de força de vontade e não é reconhecido. A escola é racista quando ela quer menosprezar professores negros e eu também queria dizer que na igreja a gente passou pela mesma coisa, a igreja se torna racista quando ela disse que todo mundo é igual, que a luta antirracista só serve para separar as pessoas e reforçar a ideia de que Deus tem os seus preferidos, entendeu? Eu comecei a pensar, quando a minha vida mudou radicalmente do oitavo ano, eu comecei a ter consciência do racismo e a luta antirracista. Quando eu passei pela minha transição e a minha transição mudou a minha vida radicalmente, eu comecei a me aceitar mesmo. Hoje eu sou curada, eu não sinto mais nada não, eu sofri demais, já passou.

Acredito que eu trago isso para minha vida como aprendizado e é como eu disse, eu sempre acho pessoas que passaram pelo que eu passei. Porque eu tive que bater em muita gente para as pessoas poderem parar de mangar de mim, já doeu muito e hoje em dia é só uma cicatriz graças a Deus

Cristina - Quando notei o racismo? Quando decidi olhar em volta. Essa frase, acho mais impactante porque ela faz uma síntese exatamente do racismo que ocorre há séculos que só percebe se você fizer um pequeno esforço para enxergar. Foi no primeiro ano do ensino médio que eu comecei a me aprofundar mais nesse tema, mas a gente sabe que tem uma coisa diferente com a desigualdade desde a infância, você sabe que algumas pessoas são tratadas muito diferentes. Eu ia citar o caso de uma colega minha, não vou citar o nome dela, mas a gente não se fala mais hoje em dia, foi da minha infância. Ela era negra e ela era linda, linda mesmo, mas as pessoas tratavam ela com indiferença eu acho que a palavra certa é humilhar mesmo, que tinha um grupo lá de meninas que era tudo branca e elas se achavam as patricinhas. Elas ficavam humilhando direto essa menina, ficavam direto pegando no pé, sabe? Teve outro caso de uma menina que eu acho que foi a primeira que eu percebi que tratavam ela diferente, mas quando eu consegui compreender o racismo melhor foi no ensino médio quando eu comecei a estudar mais sobre esse assunto.

Olga – Na minha escola, também teve uma menina que ela era bem pobre, nunca escondeu isso, e ela conversava normal com todo mundo, muito simpática, fiquei amiga muito rápida com ela. Só que sempre deu para notar a diferença dos tratamentos do professor com ela para o resto da escola. Todo mundo se referia a ela como não chegue perto dela, não converse com ela, esse tipo de comportamento hoje a gente entende que é puramente racismo, não chega nem a ser preconceito, era de fato porque eles agiam e afastavam todo mundo de perto dela. Teve uma situação, foi a que eu fiquei com mais raiva, a gente era muito amiga, era o 4º ano eu acho, você sentava em dupla e eu cheguei sentei do lado dela, só tinha uma cadeira do lado dela eu sentei lá. Sem problema nenhum conversando com ela de boas e a professora pegou e chegou em mim e falou “você não quer sair daqui? Você não quer se sentar nessa cadeira aqui?” é assunto que dá até processo se você for procurar. O modo como eles, os próprios professores, faziam bullying com ela. Não tinha nenhuma lógica sobre isso e vê um professor propagando racismo e todo esse bullying com aluna é preocupante, chega a ser triste demais e os professores falavam esse tipo de coisa com ela. Os mesmos professores que no dia da consciência negra estavam propagando “Ai meu Deus racismo é errado não sei o quê” quando era para falar sobre sei lá a questão de assalto essas coisas que tinha nas escolas ele sempre volta para o lado do racismo também. Propagavam essa questão e é uma hipocrisia tão grande desses professores que antigamente você nem se importava, eu não me importava, não incomodava e achava era normal todo mundo tratar ela desse jeito. Hoje em dia eu olho para trás e digo “Meu Deus, eu deveria ter agido de outra maneira”, mas eu penso “O que é que eu, uma criança no quarto ano, poderia fazer a respeito para calar um bando de professores que estavam todos formados?” Eram todos maduros, eu não sei se eu poderia fazer alguma coisa, mas eu acho que eu me arrependo muito de não ter aberto os meus olhos para isso antigamente porque eu acredito que por culpa minha e de muita gente que não chegou a tempo não puderam salvar a infância dessa menina. Foi triste, ela passou muita coisa.

Maria – Assim, não foi atualmente, faz acho que um pouquinho de tempo, no 9º ano, na época 2018 por aí. Tinha um menino na minha sala que ele era negro e chamavam ele de sujo só pelo fato da cor dele, entendeu? Isso eu achava muito errado na época, eu até falava muito com a galera, mas mesmo assim a galera continuava porque não tinha certo conhecimento e nem procurava saber.

Ângela – para uma sociedade ser antirracista tem que começar pela desconstrução da raiz, por exemplo, a gente tinha que começar a mostrar para as crianças principalmente que a maioria das crianças que estuda em escola pública são negras,

não é? Negras e pardas, negras e pardas se a mesma coisa então, são negras. A gente começaria dizendo que essas pessoas são capazes de preencher todos os espaços. A gente vê que a nossa educação ela é muito limitada, a maioria das pessoas, elas buscam o básico porque a escola não incentiva para ser uma escola antirracista. Tinha que desconstruir tudo isso, tinha que encorajar os jovens a dizer que sim eles são capazes de ocupar lugares incríveis tanto na medicina quanto disso e aquilo sem precisar ter que doar sua vida, a sua saúde mental, todo seu esforço. Eu acho que começaria daí, começaria com essa reconstrução estrutural, entendeu? Eu acredito que essa é a pior falha da população em relação aos estudos das escolas, eles querem nos limitar, nos ensinam, mas não suficiente para que a gente possa ser pessoas evoluídas. Como escolas públicas eu acredito que seria assim. Também acho que se a gente melhorasse mesmo, tivesse uma sociedade antirracista, se a gente aprender mais sobre quem fomos, quem éramos, o que aconteceu, tá entendendo? Porque hoje em dia a única vez que a gente é citado na história, os negros, é na escravatura. Em todas as aulas de História, de toda a nossa vida escolar gira em torno do que pessoas brancas fizeram, a nossa literatura é constituída por vários daqui do Brasil, vários homens brancos, a gente acaba que não dando valor para arte, para cultura, do nosso país, não é? Acaba que passando esse costume de geração em geração até alguém venha para quebrar esse ciclo vicioso.

Os seus relatos são em maior parte por conta de professores que pintavam o rosto dos estudantes em alusão ao dia da consciência negra ou dia do índio, a exaltação da história e cultura europeia nas aulas, o favoritismo com estudantes brancos e as atitudes racistas com estudantes negros. Em sua fala Ângela diz que desde muito nova sentia um tratamento diferenciado dos professores em relação a ela comparada com outros alunos e que sua reação de reivindicar um melhor tratamento era entendido como revolta ou birrenta. Em sua escola atual ela diz continuar percebendo isso, principalmente no quesito de desempenho escolar, onde os estudantes negros são tratados como menos capazes, não recebendo atenção dos professores e sendo julgados como não inteligentes. Por fim ela relata que passou por um processo de cura, todo o racismo que sofreu não doe mais como antes e que procura converter suas vivências em ajuda para outras pessoas.

O relato de Olga e Cristina são em relação a identificar colegas que sofreram racismo na escola. Ambas relatam que durante o ensino fundamental vivenciaram colegas de sala sofrerem exclusão e isolamento promovida por professores, que justificavam essas ações com falas racistas para toda a turma. Falas essas que atacavam estudantes negros por meio do corpo, ao classificá-los como sujos e também seu intelecto ao dizer que são menos capazes. Esse caso pode ser tomado como exemplo da atitude de professores que reforçam o racismo ao invés de combatê-lo. Demonstra mais uma vez que o racismo brasileiro não é velado e sim brutal, pois pode destruir a autoestima da pessoa para sempre e gera enormes feridas. Olga diz sentir-se muito mal por não ter ajudado a colega na época, mas que na época dos fatos não tinha a consciência que tem hoje. Faz-se importante pontuar que ela, sendo branco e tendo

pais interraciais, procura entender vivências do passado e assim ter atitudes diferentes no presente.

Para Olga, Maria e Cristina compreender o racismo está relacionado com o contato de alguém próximo que despertou para o assunto, a escola nos anos do ensino infantil e fundamental não discutiram essa temática. No ensino médio o assunto é abordado por alguns professores, mas não de maneira tão significativa, a ponto de elas estudarem mais sobre o tema por meio de pesquisas na internet e acesso a perfis nas redes sociais que abordam esse conteúdo. Para Ângela, a escola foi racista com ela e isso fez com que ela procurasse entender as situações que passou. Nos encontros sobre esses assuntos, ela foi a única a apontar o antirracismo como forma de combater a discriminação racial alinhada a uma tomada de consciência dos estudantes negros.

Por fim, fiz um exercício para saber qual o contato que elas tiveram com autoras e autores negros e quantas professoras e professores negros tiveram. Esse exercício permitiu saber se durante a sua trajetória escolar o assunto foi abordado e por quais professores.

Nome	Quando percebeu racismo na escola	Teve contato com obras de autores/autoras negras na escola?	Texto ou obra que lhe marcou na escola	Quanto professoras/professores negros teve na escola?
Cristina	Ao falar sobre racismo na escola lembra de uma colega de turma, no ensino fundamental, que era excluída e xingada.	Não teve contato com autores/autoras ou obras sobre racismo ou cultura afro-brasileira. Lembra de ter ouvido falar sobre Nelson Mandela em algum momento na escola e uma professora de história incentivou que os	Texto: A última crônica, de Fernando Sabino	4 professores

		estudantes pesquisassem sobre o movimento negro.		
Olga	Ao falar sobre racismo na escola lembra de uma colega de turma, no ensino infantil, que era excluída e sexualizada. Lembra de os professores promoverem separação entre os alunos e essa colega.	Não teve contato com autores ou obras sobre racismo ou cultura afro-brasileira	Livro: No fundo dos seus olhos, de Giselda Nicolelis	4 professores
Ângela	Sofreu racismo na escola. Era tida como raivosa e a transição capilar foi o momento mais marcante durante a sua trajetória escolar, pois foi quando começou a compreender mais sobre o racismo.	Não teve contato com autores ou obras sobre racismo ou cultura afro-brasileira. Lembra de um professor durante a semana cultural ter instigado os alunos a pesquisarem sobre cultura africana.	Livros: Diário de Anne Franklin e Tabacaria, de Fernando Pessoa.	3 professores



Maria	Ao falar sobre racismo na escola lembra de um garoto que era chamado de sujo pelos outros colegas.	Não teve contato com autores ou obras sobre racismo ou cultura afro-brasileira	Textos de Machado de Assis	4 professores
-------	--	--	----------------------------	---------------

Para Ângela, a escola foi um lugar onde sofreu racismo de professores e colegas de turma, ao mesmo tempo em que teve contato com professores que ensinaram e instigaram pesquisar sobre gênero e raça. Para Cristina, Olga e Maria a escola não teve a mesma marca, mas fazendo uma retrospectiva, com o entendimento que têm hoje, elas relatam diversos casos de racismo e como na época não identificaram tais casos como situações de discriminação racial.

O contato com a literatura negra e intelectuais negros foi inexistente para todas elas, na grade escolar e na biblioteca não tiveram contato com escritas sobre a realidade de um país majoritariamente negro. Levando em conta que o tempo escolar é de 12 anos, ensino médio e ensino fundamental, elas lembram de ter tido em média 4 professoras ou professores negros em todo o ensino básico.

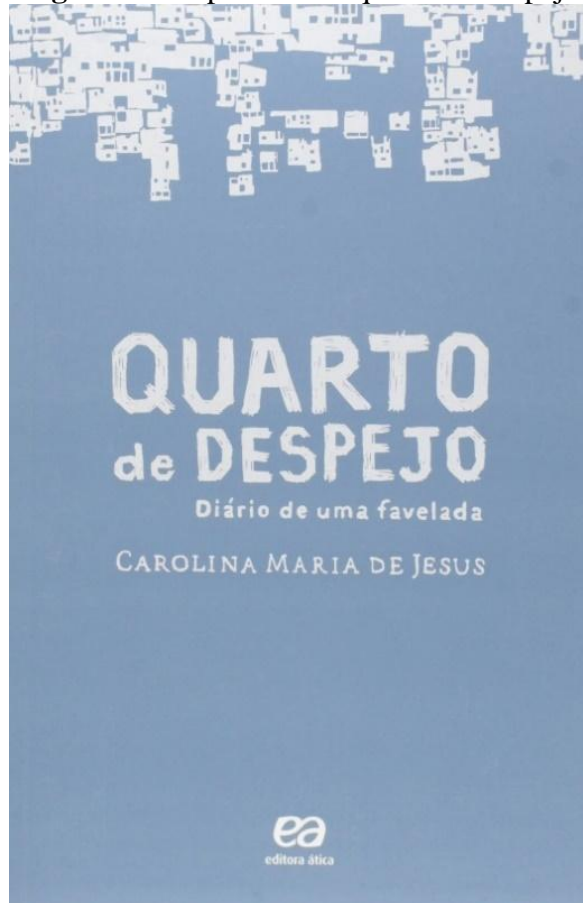
### 5.3 Leitura do livro quarto de despejo

A leitura do livro quarto de despejo foi realizada após todas as discussões sobre identidade racial e racismo na escola. Para a discussão do livro foram utilizadas as fichas de leitura de como iniciar as discussões e analisar a obra. As fichas mais utilizadas foram O Questionador, Iluminador de passagem e O Perfilador, onde os participantes exploraram mais o livro. A familiaridade que o grupo teve com as fichas possibilitou fluir as discussões de tal modo que não era mais necessário relembrar as funções de cada ficha.

Inicialmente, fizemos a análise do livro apenas com base nas percepções de cada um/a, sem que fosse feita a leitura do livro. Esse exercício possibilitou conhecer o que cada um/a esperava encontrar na obra. Para esse exercício foi utilizada a ficha de leitura questionador,

onde são feitas perguntas para que seja realizada uma análise da obra. A primeira pergunta era sobre o motivo do livro ser Quarto de Despejo e como elas e eles interpretavam a capa.

**Figura 6** – Capa do livro quarto de despejo



**Fonte:** Google Imagens

Isaque - Acho que é o lugar onde é depositado tudo aquilo que é inconveniente ou sem utilidade. Eu acho que ela escolheu porque o quarto de despejo seria basicamente os cadernos e livros que ela usa, seria o quartinho de despejo dela onde ela despeja todas as emoções, a fome, a dor, era como se fosse uma válvula de escape para ela.

Cristina - É uma metáfora, o quarto de despejo, na verdade acho que é uma metáfora relacionada a escrita dela, aos livros dela, que a maioria são desabafos, creio eu, e acontecimentos da vida dela no cotidiano. Eu acho que é justamente isso, o quarto de despejo deve ser uma metáfora para essas coisas.

Olga - Eu acho também essa questão, mas o momento que é dito “quarto de despejo multiplicado estão transbordando” pode-se ligar também nas falas dela e na opinião dela. Não que ela viveu ali, não é algo do passado, é um presente também com todos os problemas que ocorreram lá e continua ocorrendo na mesma intensidade, até mais, pois as favelas aumentaram. Então é um problema antigo, é um problema de hoje e está atrelada a nossa sociedade eu acho que pode ter muitos significados quarto de despejo tanto na questão dela considerar os diários dela um quartinho dela onde ela pode colocar as opiniões ou um quarto de despejo também pode ser uma opinião falada.

Maria - Quarto de despejo é o local onde ela escreve os diários.

O exercício de interpretar a capa do livro possibilitou saber o que os participantes esperavam da obra, a referência inicial é de que se trata de algo relacionado a favela, tanto por conta da ilustração quanto o subtítulo da obra. O quarto de despejo é interpretado por elas apenas como um lugar metafórico, em que a autora deposita ali suas angústias, e um lugar físico, sendo o lugar onde os diários são escritos. A palavra despejar é entendida como largar algo em local indesejado, e o sentido duplo levantado por eles pode ser entendido como consequência da exclusão social.

Sobre as impressões iniciais do livro elas responderam:

Ângela - A vida dela é bastante corrida, ela cuidava da filha e tinha que trabalhar, comprar as coisas, tudo muito caras, tava sem dinheiro depois no outro dia tinha que trabalhar de novo. A carestia era alta. Outra coisa que eu quero muito falar é que eu amei o livro pelo simples fato dela não ter mudado a escrita dela. Toda palavra que por mais que absurda que seja de errado, quase que você não entende, ele coloca aquele tem maior orgulho de dizer esse livro é feito em uma caligrafia dela, você vai ver palavras erradas, mas é com a escrita dela, nada desse livro foi alterado. Eu acho isso muito bacana mesmo.

Olga - Ela tinha que escolher ou comprar o sapato para filha dela ou comprava o de comer. Ela tinha que se alimentar, teve que fazer isso, a solução foi pegar o sapato no lixo para consertar e dar para a filha dela.

Olga e Ângela surpreenderam-se com as situações vivenciadas por Carolina, os demais participantes também levantaram pontos sobre como a vida dela era difícil. A criação dos filhos, a fome, as brigas com os vizinhos e seu trabalho foram temáticas de vários encontros. A preservação da escrita dela, mesmo com grafia errada, foi notada por Ângela, como forma de manter o protagonismo dela.

No início do livro Cristina utilizou a ficha de leitura Conector, ligar uma passagem do livro a uma situação vivida, e levantou um debate sobre a religiosidade. Trecho citado por Carolina:

16 DE JULHO Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comessem carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. (JESUS, 2019, p.12)

Cristina - Falando sobre mau olhado, rezadeira lá. Me lembrou que de tempo em tempo a mãe me levava para rezar na mulher, ela pegava uma planta passava em mim ficava dizendo alguma coisa que eu não lembro. Ela fez isso até eu ter uns oito

anos e depois pronto, depois parou, a mulher também ficou idosa, já era uma idosa, e pronto parou.

Ângela - Minha mãe nunca gostou. Quando eu ficava doente minha avó pedia para ela me levar na rezadeira e minha mãe dizia que era coisa de macumbeiro.

Carlos - No geral eu meio que acredito. Quando a rezadeira foi rezar em mim ela pegou realmente uns galhos de arruda que tem em frente à casa dela, eu só não reparei se o negócio murchou. Que eu estava de olho fechado. Eu sempre fico de olho fechado. No geral eu não gosto muito de frequentar esse negócio de rezadeira porque tipo a hipocrisia por aqui reina só o que dá é o pessoal na igreja dia de domingo “glória ao Senhor” e por aí depois tá lá em casa de rezadeira para fazer tudo que não presta na vida dos outros.

Olga - Na minha família faziam soldado 33. Eu não sei o que é bem, mas é um negócio que você tinha que fazer um templo, tinha que ter no mínimo três pessoas. Ficava a pessoa na casa, uma pessoa na encruzilhada mais próxima e você na porta da casa. Aí tinha que esperar esse soldado chegar, não sei se era em espírito, não sei. Sei que minha mãe contava que uma vez o meu tio não seguiu isso, ficou com medo que quando o soldado chegou perto dele para falar com ele, ele não respondeu, ignorou, fingiu que não tava vendo, ela disse que o espírito foi bater lá na casa dele e derrubou ele junto com as coisas porque não fizeram direito o negócio. Aí depois disso daí nunca mais fizeram. Ela vive contando isso daí.

Cristina - O pessoal que é católico que passa pela encruzilhada 6 horas da noite e se benze. A mãe toda vida que passava ela se benzia.

Falar sobre religiosidade despertou curiosidade por parte de todos os participantes, principalmente, relacionando o sincretismo e a diferença entre candomblé, umbanda e espiritismo, foi o que elas e eles mais exploraram nesse dia. Todas relataram em algum momento ter passado em uma rezadeira quando crianças e demonstraram falta de entendimento do que seria a separação entre cristianismo e religiões de matrizes africanas.

As religiões de matrizes africanas é motivo de curiosidade e também de levanta o debate sobre como a intolerância religiosa está presente de diversas formas na sociedade brasileira, expondo que é uma face do racismo e uma construção da colonialidade. Nogueira diz:

A verdade é que o Brasil, como sociedade ocidental, não nasceu como uma democracia religiosa. Não é necessário que se vá muito longe na história do nosso país para entender que a intolerância religiosa e a farsa da laicidade têm como origem o colonialismo. Desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores. (NOGUEIRA,2020 p.20)

Ainda utilizando a ficha de leitura, com perfil Conector, Ângela refere-se a um trecho e se emociona ao falar sobre a sua vó. Trecho citado:

10 DE MAIO Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubistchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (JESUS, 2019, p.2019)

Ângela - Uma coisa que me chamou muita atenção desse livro é que todo mundo batia nos filhos dessa pobre, todos os vizinhos. Eu não sei o que diabo é isso que todo mundo bate nos filhos dela, e os povos eram presos, era uma putaria sem fim, mas eu consigo entender. Vamos primeiro ler a página 29, 10 de maio. Vocês lembram que eu disse que todo mundo batia nos filhos dessa pobre? Dia 10 de Maio leitura. “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome.” Tu é doido! Quando eu tava lendo esse livro me deu uma vontade tão grande de chorar, mas tão grande, que meu Deus. Só escutando as histórias da minha mãe, e da minha avó, da minha bisa, que você vê que realmente isso é verdade. Meu pai costuma até falar assim “olha, desperdiçar água, desperdiçar energia, eu ainda não fico tão chateado, mas eu fico doente se eu ver um prato de comida indo para o lixo. A única coisa que a gente não deixa desperdiçar é comida.” A infância deles foi muito necessitada, então eles trouxeram isso para a vida o tempo, eu lembro sempre que a minha vó falava muito que o Lula fazia muito bem a ela. É aquela coisa que até o pessoal manga dizendo que ele comia calango, não sei o que, que o pessoal faz meme, eu não sei se aquilo era verdade ou não, mas ele foi o presidente muito bom porque ele pensava no próximo. A minha avó ela dizia “eu amo ele porque ele era pobre e quando ele assumiu a presidência ele continuou pobre o que esse homem fez por mim, se hoje eu tenho a minha casinha pronta é porque ele me deu condições para construir ela.” Fala desse jeito que ele deu condições para ela construir.

Em muitos momentos Ângela ressaltou as semelhanças entre as situações narradas pela autora e suas vivências familiares e o contexto político atual. Na fala acima ela resalta o trecho em que Carolina diz sobre ter um dirigente que saiba o que é passar fome e liga com a figura do ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Para a família dela o governo de Lula foi importante por ter facilitado o acesso a eles terem a sua casa própria. Essa lembrança vem acompanhada de emoção por lembrar de sua avó e a importância dela na sua formação.

Um ponto que chamou bastante atenção de todos foi o trabalho de Carolina e a relação de conflito que ela tinha com os vizinhos:

Ângela - Carolina, ela escreveu um bilhete né? Eu fico imaginando o quanto é difícil para ela catar papel. Imaginei isso no meio da rua, catar pedacinho por pedacinho de papel, quanto que ela não tem que juntar para fazer um papel inteiro.

Cristina - Eu estava vendo. Estava reparando os horários que ela ficava até 11 horas da noite catando papel e acordava cedo do dia para ir comprar as coisas para continuar catando papel, para encher o balde de água para lavar as roupas e etc. Eu

fiquei pensando meu Deus amanhã não tem tempo para nada e tem dias que ela acorda tão afobado e ela quer ficar deitada um pedacinho e não tem tempo. Ela tem que trabalhar para poder catar papel e ter dinheiro.

Ângela - Com 3 filhos, cadê o pai dessas crianças? Já passei muita necessidade na minha vida, mas nunca ao ponto de passar fome. Era muito apertada a situação, mas passar fome não. Eu consigo sentir a dor dela que já passou isso, já faz tempo, é uma dor tão grande que você tem vontade de pegar ela nos braços e sei lá. Eu não tenho nem expressão para explicar isso daqui.

Olga - Também tem que as mulheres da favela não gostavam da Carolina porque ela era bonita. Muitas sentindo ciúmes, só lembro do meme “garota leva tijolada por ser muito bonita”. É isso aí é a cara da garota do mundo.

Cristina - Eu acho que é porque ela fala bem. Tem uma parte que uma mulher foi falar para ela que todo mundo fica encantada com ela porque ela fala bem.

Isaque - Talvez as crianças não sejam mal-educadas. Na página 15 no dia 18 de julho que a mulher tentou bater no filho dela com pedaço de pau. Essa parte me chama atenção. Talvez as crianças nem sejam mal-educadas, mas talvez seja uma forma dos vizinhos descontar a raiva que sentem na mãe.

A relação de Carolina com os vizinhos despertou muito interesse, os relatos de maus-tratos dos vizinhos aos seus filhos e a Carolina foi motivo de especulações por parte dos participantes. A hipótese mais levantada foi de que gerava incomodo aos vizinhos o fato dela escrever sobre eles, inclusive nominalmente, e pelo fato dela ser vista como mais instruída educacionalmente. Nesse dia ficou perceptível que as participantes criaram um vínculo afetivo com a autora, demonstrando um sentimento de acolhimento para com o sofrimento dela e seus filhos.

A discussão referente ao dia 3 de julho apresentou uma das personagens do livro que foi mais comentada durante toda a leitura. Montar o perfil da personagem Leila foi um dos momentos mais divertidos, além de entrar a questão de como a autora entende as relações etnorraciais.

**3 de julho...** quando eu estava no ponto do Bonde a Vera começou a chorar. queria pastéis. eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para pagar o bonde e 8 para comprar carne moída. A Dona Geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar os pastéis, ela comia e cantava. E eu pensava: o meu dilema é sempre a comida! Tomei o bonde. A velha começou a chorar porque não queria ir em pé e não tinha lugar para sentar.

... Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: Será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? Será que o predomínio de lá suplanta o nosso? Será que as nações de lá é variado igual aqui na terra? Ou é uma nação única? Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela?

... Quando eu comecei escrever ouvi vozes alteradas. Faz tanto tempo que não a briga na favela. (...) Era Odete e o seu esposo que estão separados. Brigavam porque ele trouxe outra mulher no carro que ele trabalha. Elas estavam na casa do seu Francisco irmão do Alcino. Saíram para rua. Eu fui ver a

briga. Agrediram a mulher que estava com Alcino. Quatro mulheres e um menino avançaram na mulher com tanta violência e lhe jogaram no solo. A Marli saiu. Disse que ia buscar uma pedra para jogar na cabeça da mulher. Eu pus a mulher no carro e Alcino e mandei eles ir-se embora. Pensei em chamar a polícia. Mas até a polícia chegar elas matavam a mulher. O Alcino deu uns tapas na sogra, que era a pior agitadora. Se eu não entro para auxiliar o Alcino ele ia levar desvantagem. As mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa.

... A Odete revoltou-se comigo por ter defendido Alcino. Eu disse:

- Você tem quatro filhos para criar.

- Eu não me importo. eu queria era matá-la.

Quando eu empurrava a mulher para dentro do carro, ela disse-me:

- Só a senhora é que é boa.

Eu tinha impressão que eu estava retirando um pedaço de osso da boca dos cachorros. E a Odete vendo seu esposo sair com a outra no carro, ficou furiosa. Vieram chingar-me de intrometida. Penso que a violência não resolve nada. (...) Assembleia de favelados é com paus, faca, pedradas e violências.

... A favela é o quarto das surpresas. Esta é a quinta mulher que o Alcino traz aqui na favela. E a sua esposa quando vê, briga.

... A favela hoje está quente. Durante o dia a Leila e o seu companheiro Arnaldo brigaram. O Arnaldo é preto. Quando veio para favela era menino. Mas que menino! Era bom, educado, meigo, obediente. Era o orgulho do pai e de quem lhe conhecia.

- Este vai ser um negro, sim senhor!

É que na África os negros são classificados assim:

- Negro tú

- Negro turututú

- É negro sim senhor!

Negro tú é o negro mais ou menos. Negro turututú é o que não vale nada. E o negro *Sim Senhor* é o da alta sociedade. Mas o Arnaldo transformou-se em negro turututú depois que cresceu. Ficou estúpido, pornográfico, obsceno e alcoólatra. Não sei como é que uma pessoa pode desfazer-se assim. Ele é compadre da dona Domingas.

Mas Que compadre!

Dona Domingas é uma preta boa igual ao pão. Calma e útil. Quando a Leila ficou sem casa foi morar com Dona Domingas.

... A dona Domingas era quem lavava a roupa da Leila, que lhe obrigou a dormir no chão e lhe dar o leito. Passou a ser a dona da casa. Eu dizia:

- Reage, Domingas!

- Ela é Feiticeira, pode botar um feitiço em mim.

- Mas o feitiço não existe.

- Existe sim. Eu vi ela fazê.

É porque a Leila andava dizendo que consertava vidas. E eu vi várias senhoras ricas aparecer por aqui. Havia tal Dona Guiomar, Edvirgens Gonçalves, mulher que tem vários nomes e várias residências porque compra a prestação e não paga e dá o nome trocado onde compra. Quando sai na rua parece a Maria Antonieta. E a dona Guiomar concorreu para escravizar a dona Domingas. (...) A dona Domingas recebe uma pensão do seu extinto esposo. E é obrigada a dar dinheiro para Leila que é companheira do Arnaldo. Ele sendo compadre da Domingas, era para defender a comadre. Mas ele explorava. Dividia o dinheiro entre os dois. E ainda praticava suas cenas amorosas perto do afilhado.

... A Dona Domingas saiu de casa. Foi para Carapicuíba, morar com dona Iracema. Ficou seu filho Nilton. Eu fiz tudo para retirar o menino. Mas a Leila lhe dizia:

- Eu sou feiticeira. Se você for embora eu faço você virar um elefante.

Eu encontrava o Nilton:

- Bom dia, Nilton. Você não quer ir com a tua mãe?

- Eu não vou porque a Leila disse-me que ela é feiticeira e se eu for embora ela vai fazer eu virar um elefante e o elefante é um bicho muito muito feio. Sabe, Dona Carolina, e se ela fazer eu virar um porco? Eu tenho que comer lavagem

e alguém há de querer me pôr no chiqueiro para eu engordar. Vão me capar. E se ela fazer eu virar um cavalo, alguém há de me pôr para puxar uma carroça e ainda me dá chicotada.

...Quando o Nilton começou a passar fome, foi com a mãe. Pensei: A fome também serve de Juiz

Um dia eu discutia com a Leila. Ela e o Arnaldo puseram fogo no meu barracão. Os vizinhos apagaram. (JESUS, 2019. p. 50 – 52)

Ângela: O modo que ela tratava a dona Domingas, que abrigou ela, de um modo bem aproveitador eu acho que ela foi bem ingrata. Também acho que era mais isso que incomodava o fato como ela enganava as pessoas falando, se aproveitava, não é? Se você não fizer tal coisa para mim do jeito que eu quero eu vou transformar você em um elefante. Pela fala dela só uma feiticeira sabe transmitir um terror em determinados grupos para poder se aproveitar disso. É o perfil de uma pessoa que é a Leila, aproveitadora, acho que é isso.

Olga - Obviamente é uma mulher branca, no texto foi dito que o marido dela é um homem preto e quando foi falar sobre ela não cita nada sobre isso. Talvez teriam citados se ela fosse uma mulher negra. Eu acho que ela é uma mulher branca, não sei. É uma charlatã daquelas que toma aqui um feitiço você vai conseguir tal coisa, conseguir emprego, isso e aquilo e no fim é só para explorar as pessoas. Talvez ela seja isso, não sei. Dependendo das crenças as pessoas acreditam nas coisas, não é?

Maria - Ela era daquelas senhoras que mistura erva e faz remédio? Sei lá. Só me passou isso, mas acho que curar ela deve curar e não transformar ninguém em animal. A Leila era ruim, não é? Para ela usar de determinados argumentos para dar medo e ele é criança talvez falar qualquer coisa ele acreditasse.

A personagem Leila aparece em muitos momentos no diário, a discussão desse dia foi sobre como ela tratava as outras pessoas. Para todos os participantes, Leila é descrita como uma pessoa ruim e nas situações em que aparece é sempre em torno de uma confusão ou fazendo mal a alguém. Questionei se eles achavam se Leila era uma mulher branca ou negra. A resposta foi de que Carolina especificava a cor apenas das pessoas negras e por isso que elas consideravam que Leila seria branca.

Ângela pontua sobre como Carolina refere-se as pessoas negras em seus diários.

Ângela - Eu consigo entender ela. O posicionamento dela é de uma pessoa racista, mas ela não é racista porquê ela tem falta de conhecimento. Ela pode parecer racista porquê na nossa sociedade o racismo é enraizado. E você ter nascido no tempo que ela nasceu você automaticamente sem querer, sem consciência alguma, você reproduz esse racismo. Um exemplo vivo é a minha avó, ela foi criada com a irmã dela que era branca. Parece até coisa de novela. A minha avó sempre diz lá em casa que só quem podia ir à escola era a irmã, só quem podia usar batom era a irmã. Ela tinha que estar na casa de um e outro limpando as coisas. Ela era obrigada a ler jornal para o pai a força e não podia gaguejar. Ela dizia assim “Eu li na marra, apanhando no pé do ouvido direto” É uma coisa tão absurda, mas que antes era correto na vida da minha avó. Ela reproduz isso até hoje. Ela dizia que o pai dela dizia assim “pega essa nega veia e bota para lavar os pratos lá na tua casa” com quem passasse na rua. Então a Carolina, ela reproduz o que a sociedade impõe. É como os meninos disseram que o branco é o correto e o preto é sempre o errado. A coisa está preta, a inveja branca que é a inveja boa entre aspas. Tudo é direcionado ao branco ser bom e ao preto ser ruim.



Olga - Deixa eu ver se eu acho que a parte que eu quero falar página 30 dia 13 de Maio “Hoje amanheceu chovendo e ela segue falando que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” ela termina o texto dela assim “no dia 13 de Maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual, a fome” Traz todo um carrego do passado, as consequências de uma política que valoriza o capital, as consequências de um passado que afirma que a escravidão não acabou, só mudou o seu modo de impacto. Essa parte aqui foi uma das que mais me chocou, eu até anotei aqui.

A discussão sobre se a autora reproduz o racismo foi levantada por outros participantes que argumentaram que em muitos trechos Carolina exalta o negro e se coloca como uma pessoa muito feliz em relação a seu pertencimento étnico-racial. Essa contradição apontada foi argumentada por eles que é um reflexo da educação colonial presente na sociedade brasileira, que tem um discurso de negação do racismo e “exaltação” da diversidade étnica do país. Ângela refere-se mais uma vez a sua avó, fazendo um paralelo de algumas falas da autora que ela considera racista e como sua avó referia a pessoas negras, sendo ela uma mulher negra, mesmo que pontuando, enquanto a irmã branca da avó era tratada decentemente, ela era mantida na subserviência e humilhação. Tudo isso lembra por demais a carga escravagista que carregamos com sua perversidade e requintes de crueldade, não somente física, mas também psicológicas e emocionais. Há nesse exemplo trazido uma reflexão sobre o porquê das atitudes da personagem Leila, que o grupo interpreta como sendo branca pelo tipo de ação que realiza muito parecidas aos motivos das humilhações no período escravagista em que foram tantas as exações por simples demonstração de superioridade. O interessante é que isso acontece também entre pessoas que vivem condições sociais semelhantes, como no caso na família da avó da Ângela e no caso da família da comadre dona Domingas, totalmente destrutada enquanto tal, tendo o sentido de comadre completamente desvirtuado.

Para os participantes, mesmo não tendo contato com intelectuais negros da época, Carolina tinha uma formação antirracista informal no cotidiano. Passar por situações em que ela sofreu racismo a fez perceber que o branco era o ideal a ser alcançado e o negro ainda sofria com as consequências da escravidão.

A discussão final do livro infelizmente teve alguns obstáculos, pois alguns participantes ficaram impossibilitados de acessar a internet, o retorno das aulas presenciais dificultou a participação nos vídeos chamados e alguns começaram a trabalhar. Sobre o fim do livro, Olga e Carolina dizem:

Olga - Eu gostei bastante do final. Assim, não teve um final, foi algo bem aberto dando a entender que teve uma continuidade da rotina dela, mas teve uns

acontecimentos no final. A presença de algumas pessoas que foi bem chamativo a meu ver e eu conheci mais a Carolina no final do livro do que no início dele. O lado dela romântica, algumas coisas que ela colocou, à presença que eu achei mais impactante na vida dela foi a do Seu Manoel. No início não deixa mostrar que gosta realmente dele, que tem algum sentimento por ele, mas do meio para o fim ela acaba se abrindo e contando isso, demonstrando isso. E a parte também que apareceu o Cigano foi um momento bem caótico na vida dela, foi uma montanha russa de sentimentos. Eu acredito que ela passou a confiar nele, ter um relacionamento com ele depois ela meio que quebra a cara que ele não é uma pessoa que ela esperava. Gostei bastante dos movimentos da Carolina no decorrer desses anos, embora a evolução dela foi rotineira, ela foi se abrindo aos poucos, a gente passa a conhecer ela e é até meio estranho depois que termina pegar o livro de novo. É como se a gente tivesse vivido com ela isso tudo, tivesse lá do lado dela enquanto ela tivesse vendo todas essas coisas. É bem estranho e chega a nostálgico. A gente conseguiu interagir com a Carolina, compreender ela, sentir o que ela tava sentindo e que ela tava passando.

Cristina - Eu peguei um pouquinho da fala da Olga e eu assino embaixo. Eu achei o livro muito chocante, eu senti muitas coisas boas e coisas ruins. O que essa mulher passou, o que essa mulher fez, Jesus, misericórdia. Eu fiquei mais feliz principalmente naquele episódio que ela tinha publicado o livro dela aí ela foi lá para o jornal, se não me engano, para o departamento lá e ela comeu salada e ela sonhou com isso. Fiquei muito feliz quando eu vi isso, mas mesmo assim eu fiquei triste porque quando chega no outro ano após a publicação do livro ela continua com a mesma rotina, diz que ela não enriqueceu, ela teve apenas o dinheiro para sair da favela, ela não conseguiu enriquecer. Eu acho que ela foi ignorada por um tempo, foi um sucesso no começo, mas depois ela foi ignorada de novo. Isso é triste, mas eu acho que foi muito bom mesmo. Eu fico feliz por ela mesmo ter passado por tantas coisas, ter conseguido ter partes boas na vida e ela escreve muito bem. A situação foi muito boa e essa parte do pai da Vera que o cara era rico só dava 200 cruzeiros para ela era muita meu Deus do céu. E ele via como era o estado da casa dela, como é que ela vivia e só dava 200 cruzeiros por mês e às vezes nem dava isso.

Olga e Cristina gostaram da leitura do livro, a conexão que conseguiram fazer com a autora permitiu que elas refletissem sobre o contexto social e racial da época conectando com o atual momento de pandemia. Ter “vivido com a autora” é compreender que muito do que é relato no diário continua sendo realidade no país, e durante o período de pandemia ficou mais evidente a desigualdade social envolvendo marcadores de raça e gênero. Os sentimentos relatados pelas duas é de alegria por Carolina ter conseguido sair da favela e de desapontamento ao saberem que suas obras seguintes não fizeram tanto sucesso e ela sofre um esquecimento por parte dos que leram seu primeiro livro.

#### **5.4 Percepção dos participantes ao fim das discussões**

O encerramento da pesquisa ocorreu após o término da leitura do livro de Carolina de Jesus. Fiz alguns questionamentos sobre o grupo para saber dos participantes qual avaliação

eles faziam do grupo. Primeiro, perguntei sobre qual leitura gostaram mais e todas responderam que Quarto de Despejo foi a melhor discussão dentre todos os textos lidos ao longo do grupo.

Sobre o que aprenderam elas responderam:

Cristina - Sobre questões raciais, religiões de matriz africana, democracia brasileira, pra pesquisarmos sobre os partidos políticos que vamos escolher também e diversas outras coisas.

Ângela - Eu aprendi a ter mais empatia por mim. Aprendi que não preciso ser tão dura comigo, porque o mundo já é suficiente. E entra várias outras novidades.

Maria - A identificar frases racistas, machista e homofóbica e entender com isso está presente, infelizmente, no corpo social.

Olga - De tudo um pouco, quando falo de tudo um pouco é de fato DE TUDO, fora o que era proposto que era questões étnicos raciais, me auto conheci de diversas maneiras diferentes, uma pauta sobre a inflação acabava rodando de boca em boca, tira uma parte, acrescenta outra, e quando via já estávamos entrando na religiosidade. Debates sobre sexualidade, gênero, negritude... as vezes só íamos conversando sobre nosso dia e do nada já pegávamos no ar uma referência de determinado livro, acontecimento, e se dava início a uma nova pauta.

Isaque - Aprendi a ouvir, ler e entender um pouco mais sobre a luta dos outros e minhas lutas.

As discussões sobre relações raciais abordaram também questões sobre a realidade da sociedade brasileira, fazendo com que os participantes tenham conhecido, ou aprofundado, temáticas transversais e que fazem parte da obra para um melhor entendimento da sociedade. Durante as leituras e interpretações discutimos sobre a temática do machismo, homofobia, autoconhecimento, gênero, negritude, religiosidade, empatia para com o próximo e consigo mesma.

Sobre as discussões e se elas relacionavam ao cotidiano, responderam da seguinte maneira:

Cristina - Sim. Eu como uma mulher branca, não passei pelas mesmas vivências que uma mulher preta passou, muitas histórias que ouvi (na vida também mas principalmente no período de conversas do grupo) me fizeram refletir sobre meus privilégios e evitaram que eu cometesse o “protagonismo branco”, ou seja, aprendi a ouvir mais e a compreender.

Ângela - Sim, principalmente situação mínimas de racismo, tanto na infância quanto no mundo do trabalho.

Maria - Sim, pois desde que as pautas foram instruídas no étnicoleituras eu passei a perceber em diversas ocasiões a fala de pessoas com frases racistas, machistas, homofóbicas...

Olga - Sim, sempre. Tudo acabava em referências.

Isaque - Sim, coisas que passavam despercebidas por mim, agora são frutos de reflexões.

Para Cristina e Ângela os assuntos abordados tiveram um impacto nas suas percepções sobre situações vividas e como elas se veem, além de refletir sobre o seu lugar socio-racial para se compreender melhor na branquitude sistema. Para Olga, Isaque e Maria as temáticas tiveram mais relações em como os outros indivíduos, falam sobre melhor identificação do racismo nas suas diversas facetas de interseccionalidade temáticas de racismo, homofobia e machismo.

Cristina - Gostei do esforço dos professores pra tornar os assuntos mais interessantes, e conquistar nossa atenção, e também da empolgação (mesmo em dias que eles estavam cansados, conseguimos ter uma boa conversa e aprender bastante com o compartilhamento das nossas vivências. Não teve pontos que não gostei, claro que algumas opiniões discordei, porém era uma troca de conhecimentos e vivências, então isso seria natural e eu não classificaria como algo que não gostei, até pq é importante que haja oposição pra enriquecer nossa opinião embasada em outros pontos de vista.

Ângela - Eu mais gosto do respeito entre opiniões opostas. O que eu menos gosto é na hora do encerramento.

Maria - O que eu mais gostei no etnicoleitura foi o acesso a leitura, a informação, ao conhecimento, ao debate e a escrita.

Olga - Gostei pelo fato de que independente do tema, eu ia sabendo que estaria livre para opinar e ser corrigida, acredito que foi um sentimento de ambos os participantes. No decorrer dos meets, houveram divergências em vários pontos, mas foi dessa forma que o grupo foi enriquecendo, mesmo não havendo muitos participantes, ocorreram relatos diversificados. Acredito que minha tristeza do grupo foi dada pela quantidade de participantes, a falta de apoio no início, mas isso não nos impediu de continuar.

Isaque - Gostei dos assuntos abordados, das companhias. Já os pontos negativos: Não percebi nenhum.

Perguntei pontos positivos e negativos sobre o grupo e foi unanime que todos tenham gostado do grupo, participado das discussões e das atividades de escrita. Também ressaltaram a importância do debate, o fortalecimento de conhecimentos não aprofundados na escola, o contato com obras literárias e o contato com ideias deferentes possibilitando reflexões do cotidiano. Em relação aos pontos negativos, ao serem questionados, não foi levantado nenhuma questão sobre isso.

Em relação ao que aprenderam, as participantes destacaram as temáticas dos encontros ressaltando assuntos que se ramificavam em outras temáticas. Também destacaram que as discussões foram relevantes para contribuir com aporte teórico, pois conheceram novos

autores e aprofundaram seus conhecimentos. Além de uma mudança sentimental, Ângela pontua que aprendeu a ter mais empatia consigo mesma, demonstrando que a escrita de si e as discussões fizeram com que ela entendesse mais sobre o racismo que sofreu na infância.

Participante	O que você considera que aprendeu no grupo?
Isaque	Aprendi a ouvir, ler e entender um pouco mais sobre a luta dos outros e minhas lutas
Olga	De tudo um pouco, quando falo de tudo um pouco é de fato DE TUDO, fora o que era proposto que era questões étnicos raciais, me autoconhecimento de diversas maneiras diferentes, uma pauta sobre a inflação acabava rodando de boca em boca, tira uma parte, acrescenta outra, e quando via já estávamos entrando na religiosidade. Debates sobre sexualidade, gênero, negritude... as vezes só íamos conversando sobre nosso dia e do nada já pegávamos no ar uma referência de determinado livro, acontecimento, e se dava início a uma nova pauta.
Cristina	Sobre questões raciais, religiões de matriz africana, democracia brasileira, pra pesquisarmos sobre os partidos políticos que vamos escolher também e diversas outras coisas.
Ângela	Eu aprendi a ter mais empatia por mim. Aprendi que não preciso ser tão dura comigo, porque o mundo já é suficiente. E entra várias outras novidades.
Maria	A identificar frases racistas, machista e homofóbica e entender com isso está presente, infelizmente, no corpo social.

Sobre as discussões que foram realizadas e se foi possível conectar com as suas realidades, elas responderam.

Participante	As discussões no grupo fizeram com que você refletisse sobre o seu cotidiano? (Explique)
Isaque	Sim, coisas que passavam despercebidas por mim, agora são frutos de reflexões.
Olga	Tudo acabava em referências diárias
Cristina	Sim. Eu como uma mulher branca, não passei pelas mesmas vivências

	que uma mulher preta passou, muitas histórias que ouvi (na vida também mas principalmente no período de conversas do grupo) me fizeram refletir sobre meus privilégios e evitaram q eu cometesse o “protagonismo branco”, ou seja, aprendi a ouvir mais e a compreender.
Ângela	Sim, principalmente situação mínimas de racismo, tanto na infância quanto no mundo do trabalho.
Maria	Sim, pois desde que as pautas foram instruídas no étnicoleituras eu passei a perceber em diversas ocasiões a fala de pessoas com frases racistas, machistas, homofóbicas...

A reflexão relatada por Ângela, em relação ao que ela considera que aprendeu, pode ser identificada nas outras participantes. No cotidiano elas passaram a perceber mais as situações de discriminações, assim como os seus posicionamentos em relação a falas discriminatórias.

Ângela e Conceição tiveram a percepção de suas identidades ainda na escola, ao terem contato com professores que conversaram sobre questões raciais com elas. Maria, Cristina, Olga e Isaque refletem sobre suas identidades, mas não apurei elementos suficientes para afirmar que entendem suas identidades relacionadas ao contexto. Por fim, afirmo que as ações do grupo promoveram a ocorrência do letramento racial crítico.

## 6 CONCLUSÃO

A conclusão inicial é que o grupo Etnicoleituras foi para além de um local de pesquisa, também um momento de partilha em relação a sentimentos e percepções. Eu, enquanto pesquisador, passei por dias em que foi muito difícil ler as (auto)biografias de alguns dos participantes, assim como houve dias em que foi preciso parar e conversar sobre a dor de perder um parente por conta da Covid-19.

Igualmente difícil foi manter-se motivado para ter um ritmo de escrita e discussão no grupo, em meio a crises de ansiedade, desânimo, doenças e tristeza por conta de parentes que contraíram Covid-19 ou faleceram. O Etnicoleituras construiu-se em meio a esse cenário, mas em muitos momentos as reuniões de orientação e mensagens dos participantes deram-me forças para prosseguir com a pesquisa.

Em meio ao material coletado, ao longo dos 20 encontros, foi possível discutir sobre análise e pertencimento étnico-racial dos participantes, levando em conta o contexto em que a pesquisa foi realizada: isolamento social, situação em que cada participante estava inserido, dentre estas, a dificuldade de acesso à internet e situação familiar.

As reuniões online tiveram como vantagem a possibilidade de participação de jovens de diversas localidades, porém com a quarentena alguns deles informaram que não poderiam falar sobre alguns dos assuntos ao microfone, pois geraria desconforto em alguns parentes. Para contornar essa situação propus atividades de escrita, que foram bem aceitas por todos os participantes. Nesse sentido, a utilização dos círculos de leitura foi bem aceita ao alinhar as leituras com as escritas, principalmente quando o texto lido era de autoria própria delas.

A minha hipótese de que seria possível fazer com que os jovens refletissem sobre as suas identidades raciais por meio da sua (auto)biografia confirmou-se durante as discussões dos textos (auto)biográficos. As participantes do grupo tinham um certo grau de conhecimento sobre os assuntos discutidos no grupo, porém o desafio foi promover a reflexão sobre esses temas com a realidade de cada uma, ao ponto em que foram produzidos textos de autoria de cada participantes.

Angela foi a participante que mais produziu escritas e falas ao longo dos encontros, expondo em alguns momentos traumas que lhe marcaram e que considerava importante partilhar como forma de cura. Cristina demonstrou reflexão em relação ao papel da branquitude na luta antirracista, em seus textos e apontamentos ela cita atitudes que está tomando no seu cotidiano. Foi bastante interessante os apontamentos de Olga por conta da sua relação familiar, ela pontuou sobre seu pai enquanto um homem negro e sua mãe enquanto

uma mulher branca, e sobre os sentimentos com a localidade em que vive. Maria escreveu bastante sobre a sua infância e situações que passaram despercebidas na escola, principalmente a violência racial. A participante Conceição trouxe relevantes apontamentos, sua escrita e conhecimentos sobre o tema estavam bem avançadas, muito por já ter participado de um grupo na escola que abordava essas temáticas. Isaque foi o que interagiu menos durante os encontros, porém seus apontamentos foram relevantes para compreender sobre a sua localidade e sobre as estratégias que jovens negros desenvolvem para não sofrer racismo.

A contribuição das participantes, cada uma com suas especificidades, resultou em textos autorias, discussões e falas que permitiram conhecer melhor cada uma, além de apreender que por meio da trajetória delas era possível abordar as diversas facetas do racismo. O grupo foi bastante diverso, o que possibilitou tocar em diversos outros assuntos sociais que elas consideravam ser importante de abordar por conta da realidade em que viviam nas suas famílias e localidade.

Por meio do que foi produzido nos encontros é possível afirmar que ocorreu letramento racial e letramento literário por meio das obras lidas e autoras estudadas. É possível afirmar que as participantes conectaram as leituras e discussões com as suas vivências por meio de textos (auto)biográficos e relatos.

A ocorrência desse letramento não tenho como afirmar até que nível foi aprendido sobre as relações raciais, pois é um processo ininterrupto, porém a ampliação desse letramento é perceptível ao questionar as participantes sobre as suas aprendizagens. Realizei um questionário para identificar qual a percepção das participantes sobre o grupo e o que consideraram que aprenderam.



## REFERÊNCIAS

- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.
- BRITO, Maria. **Poemas malungos: CÂNTICOS IRMÃO**. Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Laura Padilha. 2011. 178 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**. 2010, v.8, n.1, p.607-630.
- CABRAL, A., & Schneider, M. O legado de Stuart Hall e a Comunicação Comunitária. **Revista MATRIZES**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 107-124, Jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i3p107-124> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122596>. Acesso em: 20 out. 2020.
- COSSON, R. **Círculo de leitura e letramento literário**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014
- COSTA, M de F.V. **Ecos do silêncio em narrativas (auto)biográficas**. In: ATEM, Erica e Costa, Maria de Fátima. (Org.). *Alteridade: o outro como problema*. V.1, p. 50-61. 1ed. Fortaleza Gráfica Ltda, 2011.
- COSTA, M de F.V. **Brincar e escola: o que as crianças têm a dizer?** Fortaleza: Edições UFC, 2012 (Coleção de Estudos das Pós-Graduação)
- Costa, Maria de FátimaV. (Org.). **Alteridade: o outro como problema**. V.1, p. 50-61. 1ed. Fortaleza Gráfica Ltda, 2011.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas: Com atividades Reflexivas**. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2015.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. História**. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Heloisa Pires. Buscando caminhos nas tradições. In: MUNANGA, Kabengele; organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisado p. 101-116. Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Luís Armando Gandin, Júlio Emílio Diniz-Pereira e Álvaro Moreira Hypolito. Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação. **Educ. Soc**, São Paulo, v. 23, p.275-293. Jan./jun. 2018. DOI: 10.1590/S0101-73302002000300014

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. Documentos de uma militância pan-africanista. Riode Janeiro: Ipeafro, 2019.

NGOENHA, Severino. **Filosofia Africana**: Das Independências as Liberdades. 1. ed. atual. [S. l.: s. n.], 1993. 165 p.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020, 160pp. (Coleção Feminismos Plurais).

PASSAGGI, Maria da Conceição. **A pesquisa (auto)biográfica em educação**: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: ATEM, Erica e

RATTS, Alex; RIOS, Flavia M. **Lélia Gonzalez**: Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos**, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **LETRAMENTO**; Um Tema em Três Gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, N. S. 1983. **Tornar-se negro** ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social Rio de Janeiro: Zahar

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

THEODORO, Helena. Buscando caminhos nas tradições. In: MUNANGA, Kabengele; organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisado p. 83-100. Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

## **APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: “Letramento Racial Crítico: o letramento como forma de análise da afirmação das identidades etnoraciais ”

Nesse estudo pretendemos: Compreender as contribuições do letramento racial crítico por meio das narrativas (auto)biográficas para a afirmação das identidades dos jovens participantes do grupo étnicoleituras.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é: a importância do letramento racial crítico como forma de ensino para a educação contra o preconceito racial presente na sociedade brasileira. E poder refletir sobre a forma em que os jovens participantes do grupo se identificam e se posicionam frente ao tema sobre raça.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): A metodologia utilizada será a pesquisa (auto)biográfica. Onde os participantes irão escrever sobre as suas vivências em relação aos temas raciais e falar as suas opiniões sobre os temas abordados durante o grupo etnicoleituras.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo de durante os encontros do grupo ou atividades de escrita (auto)biográficas os sujeitos podem sentir desconforto por alguma lembrança desagradável ou por considerar algum tema sensível a ser discutido. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do(a) menor

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Endereço d(os, as) responsável (is) pela pesquisa:

**Nome:** Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo  
**Instituição:** Universidade Estadual do Ceará  
**Endereço:** Rua Padre Cícero. Bairro Rodolfo Teófilo  
**Telefones para contato:** (85) 996130823

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

## ANEXO A – AVALIAÇÃO DO GRUPO

### Participante Isaque

1) O que você achou das discussões feitas no grupo?

Importantes, possuem seu peso na atualidade gerando sempre bons argumentos, conversas e pontos de vistas diferentes.

2) Do que você mais gostou no grupo e do que você não gostou no grupo?

Gostei dos assuntos abordados, das companhias. Já os pontos negativos: Não percebi nenhum.

3) Qual leitura você gostou mais?

"Quarto de Despejo" Até mesmo ganhei um livro

4) O que você considera que aprendeu no grupo?

Apreendi a ouvir, ler e entender um pouco mais sobre a luta dos outros e minhas lutas

5) As discussões no grupo fizeram com que você refletisse sobre o seu cotidiano?

(Explique)

Sim, coisas que passavam despercebidas por mim, agora são frutos de reflexões.

6) Como você avalia o grupo?

Como um novo lar em que posso me sentir bem.

### Participante Olga

1) O que você achou das discussões feitas no grupo?

Eu achei que foram ótimas, os assuntos abordados sempre iam casando, criando raízes que nos levaram a discussões tanto didáticas, quanto pessoais.

2) Do que você mais gostou no grupo e do que você não gostou no grupo?

Gostei pelo fato de que independente do tema, eu ia sabendo que estaria livre para opinar e ser corrigida, acredito que foi um sentimento de ambos os participantes, no decorrer dos meets, houveram divergências em vários pontos, mas foi dessa forma que o grupo foi enriquecendo, mesmo não havendo muitos participantes, ocorreram relatos diversificados. Acredito que minha tristeza do grupo foi dada pela quantidade de participantes, a falta de apoio no início, mas isso não nos impediu de continuar.

3) Qual leitura você gostou mais?

Sem dúvida alguma, o livro Quarto de despejo.

4) O que você considera que aprendeu no grupo?

De tudo um pouco, quando falo de tudo um pouco é de fato DE TUDO, fora o que era proposto que era questões étnicos raciais, me auto conhecimento de diversas maneiras diferentes, uma pauta sobre a inflação acabava rodando de boca em boca, tira uma parte, acrescenta outra, e quando via já estávamos entrando na religiosidade. Debates sobre sexualidade, gênero, negritude... as vezes só íamos conversando sobre nosso dia e do nada já pegávamos no ar uma referência de determinado livro, acontecimento, e se dava início a uma nova pauta.

5) As discussões no grupo fizeram com que você refletisse sobre o seu cotidiano?

(Explique)

Tudo acabava em referências diárias

6) Como você avalia o grupo?

Dou nota 10/10

### **Participante Cristina**

1) O que você achou das discussões feitas no grupo?

Achei engrandecedor, e apesar das discussões serem sérias levamos com leveza sem tirar a seriedade do assunto, mas de forma didática também pra todos aprenderem. Foi como uma conversa em grupo sobre um assunto importante, pra mim foi valioso



2) Do que você mais gostou no grupo e do que você não gostou no grupo?

Gostei do esforço dos professores pra tornar os assuntos mais interessantes, e conquistar nossa atenção, e também da empolgação (mesmo em dias que eles estavam cansados, conseguimos ter uma boa conversa e aprender bastante com o compartilhamento das nossas vivências. Não teve pontos que não gostei, claro que algumas opiniões discordei porém era uma troca de conhecimentos e vivências, então isso seria natural e eu não classificaria como algo que não gostei, até pq é importante que haja oposição pra enriquecer nossa opinião embasada em outros pontos de vista.

3) Qual leitura você gostou mais?

COM CERTEZA “Quarto de despejo” da Carolina Maria de Jesus. Esse livro foi um divisor de águas na minha vida e me chutou brutalmente de dentro de uma bolha, me fez ter uma visão bem mais realista e profunda sobre muitos aspectos atemporais do nosso país.

4) O que você considera que aprendeu no grupo?

Sobre questões raciais, religiões de matriz africana, democracia brasileira, pra pesquisarmos sobre os partidos políticos que vamos escolher também e diversas outras coisas.

5) As discussões no grupo fizeram com que você refletisse sobre o seu cotidiano?

(Explique)

Sim. Eu como uma mulher branca, não passei pelas mesmas vivências que uma mulher preta passou, muitas histórias que ouvi (na vida também mas principalmente no período de conversas do grupo) me fizeram refletir sobre meus privilégios e evitaram q eu cometesse o “protagonismo branco”, ou seja, aprendi a ouvir mais e a compreender.

6) Como você avalia o grupo?

Foi tudo excelente, o esforço do professor Victor principalmente deve ser reconhecido por mim e pelos integrantes do grupo, mas também sou grata pelos integrantes e os outros professores. Foi de suma importância cada fala.

**Participante Ângela**

1) O que você achou das discussões feitas no grupo?

Extraordinárias.

2) Do que você mais gostou no grupo e do que você não gostou no grupo?

Eu mais gosto do respeito entre opiniões opostas. O que eu menos gosto é na hora do encerramento.

3) Qual leitura você gostou mais?

Quarto de despejo

4) O que você considera que aprendeu no grupo?

Eu aprendi a ter mais empatia por mim. Aprendi que não preciso ser tão dura comigo, porque o mundo já é suficiente. E entra várias outras novidades.

5) As discussões no grupo fizeram com que você refletisse sobre o seu cotidiano?

(Explique)

Sim, principalmente situação mínimas de racismo, tanto na infância quanto no mundo do trabalho.

6) Como você avalia o grupo?

Eu avalio como excelência.

**Participante Maria**

1) O que você achou das discussões feitas no grupo?

Muito boas, agregou muito meu conhecimento e me ajudou na construção do pensamento. As discussões corroboraram para um olhar crítico sobre várias temáticas.

2) Do que você mais gostou no grupo e do que você não gostou no grupo?

O que eu mais gostei no etnicoleitura foi o acesso à leitura, a informação, ao conhecimento, ao debate e a escrita.

3) Qual leitura você gostou mais?

Quarto de Despejo- Carolina Maria de Jesus

4) O que você considera que aprendeu no grupo?

A identificar frases racistas, machista e homofóbica e entender com isso está presente, infelizmente, no corpo social.

5) As discussões no grupo fizeram com que você refletisse sobre o seu cotidiano?

(Explique)

Sim, pois desde que as pautas foram instruídas no étnicoleituras eu passei a perceber em diversas ocasiões a fala de pessoas com frases racistas, machistas, homofóbicas...

6) Como você avalia o grupo?

Otimo.

## **ANEXO B – COMENTÁRIOS DOS PARTICIPANTES SOBRE O LIVRO QUARTO DE DESPEJO**

Pesquisador: Qual o motivo do nome do livro ser esse?

Isaque: Acho que é o lugar onde é depositado tudo aquilo que é inconveniente ou sem utilidade. Eu acho que ela escolheu porque o quarto de despejo seria basicamente os cadernos e livros que ela usa, seria o quartinho de despejo dela onde ela despeja tipo todas as emoções, a fome, a dor, era como se fosse uma válvula de escape para ela.

Cristina: É uma metáfora, o quarto de despejo, na verdade acho que é uma metáfora relacionada a escrita dela aos livros dela que a maioria são desabafos creio eu e acontecimento da vida dela cotidiano eu acho que é justamente isso o quarto de despejo deve ser uma metáfora para essas coisas.

Olga: Eu acho também essa questão, mas o momento que é dito “quarto de despejo multiplicado estão transbordando” pode-se ligar também nas falas dela e na opinião dela não que ela viveu ali não é algo do passado é um presente também com todos os problemas que ocorreram lá continua ocorrendo na mesma intensidade até mais, pois as favelas aumentaram. Então é um problema antigo, é um problema de hoje e está atrelada a nossa sociedade eu acho que pode ter muitos significados quarto de despejo tanto na questão dela considerar os diários dela um quartinho dela onde ela pode colocar as opiniões ou um quarto de despejo também pode ser uma opinião falada.

Maria: Quarto de despejo é o local onde ela escreve os diários.

Pesquisador: Quais as impressões iniciais do livro?

Ângela: A vida dela é bastante corrida, ela cuidava da filha e tinha que trabalhar, comprar as coisas, tudo muito cara, tava sem dinheiro depois no outro dia tinha que trabalhar de novo. A carestia era alta.

Olga: Ela tinha que escolher ou comprar o sapato para filha dela ou comprava de comer. Ela tinha que se alimentar, teve isso que fazer a solução, foi pegar o sapato no lixo para consertar e dá para a filha dela.

Cristina: Falando sobre mau olhado, rezadeira lá. Me lembrou que de tempo em tempo a mãe me levava para rezar na mulher, ela pegava uma planta passava em mim ficava dizendo alguma coisa que eu não lembro. Ela fez isso até eu ter uns oito anos e depois pronto, depois parou, a mulher também ficou idosa, já era uma idosa, e pronto parou.

Ângela: Minha mãe nunca gostou. Quando eu ficava doente minha avó pediu para ela me levar na rezadeira e minha mãe dizia que era coisa de macumbeiro.

Isaque: No geral eu meio que acredito. Quando a rezadeira foi rezar em mim ela pegou realmente uns galhos de arruda que tem em frente a casa dela, eu só não reparei se o negócio murchou. Que eu estava de olho fechado. Eu sempre fico de olho fechado. No geral eu não gosto muito de frequentar esse negócio de rezadeira porque tipo a hipocrisia por aqui reina só dá o pessoal na igreja dia de domingo glória ao Senhor e por aí depois tá lá em casa de rezadeira para fazer tudo que não presta na vida dos outros.

Olga: Na minha família faziam soldado 33. Eu não sei o que é bem, mas é um negócio que você tinha que fazer um templo, tinha que ter no mínimo três pessoas. Ficava a pessoa na casa, uma pessoa na encruzilhada mais próxima e você na porta da casa. Aí tinha que esperar esse soldado chegar, não sei se era em espírito, não sei. Sei que minha mãe contava que uma vez o meu tio não seguiu isso, ficou com medo que quando o soldado chegou para ele para falar com ele ele não respondeu, ignorou, fingiu que não tava vendo, ela disse que o espírito foi bater lá na casa dele e derrubou ele junto com as coisas porque não fizeram direito o negócio. Aí depois disso daí nunca mais fizeram. Ela vive contando isso daí.

Cristina: O pessoal que é católico que passa pela encruzilhada 6 horas da noite e se benze. A mãe toda vida que passava ela se benzia.

15 de Maio – pág. 15

Isaque: Talvez as crianças não sejam mal educadas. Na página 15 no dia 15 de julho que a mulher tentou bater no filho dela com pedaço de pau. Essa parte me chama atenção. Talvez as

crianças nem sejam mal educadas, mas talvez seja uma forma dos vizinhos descontar a raiva que sentem na mãe.

10 de Maio – pag. 29

Ângela: Uma coisa que me chamou muita atenção desse livro é que todo mundo batia nos filhos dessa pobre, todos os vizinhos. Eu não sei o que diabo é isso todo mundo bate nos filhos dela e os povos eram preso era uma putaria sem fim, mas eu consigo entender. Vamos primeiro ler a página 29, 10 de maio. Vocês lembram que eu disse que todo mundo batia nos filhos dessa pobre? Dia 10 de Maio leitura. “O Brasil precisa dirigido por uma pessoa que já passou fome.” Tu é doido! Quando eu tava lendo esse livro me deu uma vontade tão grande de chorar, mas tão grande, que meu Deus. Só escutando as histórias da minha mãe, e da minha avó, da minha bisavó, que você ver que realmente isso é verdade. Meu pai costuma até falar assim “olha, desperdiçar água, desperdiçar energia, eu ainda não fico tão chateada, mas eu fico doente se eu ver um prato de comida indo para o lixo. A única coisa que a gente não deixa desperdiçar é comida.” A infância deles foi muito necessitada então eles trouxeram isso para a vida o tempo todo eu lembro sempre que a minha vó falava muito que o Lula fazia muito bem a ela. É aquela coisa que até o pessoal manga dizendo que ele comia calango, não sei o que, que o pessoal faz meme, eu não sei se aquele era verdade ou não, mas ele foi o presidente muito bom porque ele pensava no próximo. A minha avó ela dizia eu amo ele porque ele era pobre e quando ele assumiu a presidência ele continuou pobre o que esse homem fez por mim, se hoje eu tenho a minha casinha ela pronta é porque ele me deu condições para construir ela. Fala desse jeito que ele deu condições para ela construir e na outra frase é na página 32.

13 de Maio – pág. 30

Olga: Deixa eu ver se eu acho que a parte que eu quero falar página 30 dia 13 de Maio “Hoje amanheceu chovendo e ela segue falando que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” ela termina o texto dela assim “no dia 13 de Maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual, a fome” Traz todo um carregamento do passado, as consequências de uma política que valoriza o capital, as consequências de um passado que afirma que a escravidão não acabou,, só mudou o seu modo de impacto. Essa parte aqui foi uma das que mais me chocou, eu até anotei aqui.

13 de Maio – pág. 32

Ângela: Carolina, ela, escreveu um bilhete né? Eu fico imaginando o quanto difícil para ela é catar papel. Imaginei isso no meio da rua, catar pedacinho por pedacinho de papel, quanto que ela não tem que juntar para fazer um papel inteiro.

Cristina: Eu estava vendo. Estava reparando os horários que ela ficava até 11 horas da noite catando papel e acordava cedo do dia para ir comprar as coisas para continuar catando papel, para encher o balde de água para lavar as roupas e etc. Eu fiquei pensando meu Deus amanhã não tem tempo para nada e tem dias que ela acorda tão afobado ela quer ficar deitada um pedacinho e não tem tempo. Ela tem que trabalhar para poder catar papel e ter dinheiro.

Ângela: Com 3 filhos, cadê o pai dessas crianças? Já passei muita necessidade na minha vida, mas nunca ao ponto de passar fome. Era muito apertada a situação, mas passar fome não. Eu consigo sentir a dor dela que já passou isso, já faz tempo, é uma dor tão grande que você tem vontade de pegar ela nos braços e sei lá. Eu não tenho nem expressão para explicar isso daqui.

Olga: Também tem que as mulheres da favela não gostavam da Carolina porque ela era bonita. Muitas sentindo ciúmes, só lembro do meme “garota leva tijolada por ser muito bonita”. É isso aí é a cara da garota do mundo.

Cristina: Eu acho que é porque ela fala bem. Tem uma parte que uma mulher fala para ela que todo mundo fica encantada com ela porque ela fala bem.

20 de Maio – pág. 37 e 38

Maria: Tem umas três vezes que o título do livro quarto de despejo e falado não é? Que é digno de estar em um quarto de despejo porque o que está no despejo ou queima-se, joga-se fora que é o modo como são colocados na sociedade. E eu achei muito impactante essa parte que ela diz também né. Tem outra parte que ela disse que quando tá na cidade ela se sente como se tivesse na sala da casa e a favela é o quintal. Todo o livro ela cita muitas questões política das pessoas da favela, também comentam muito a respeito do livro ser um grande diário que conta a fofoca da cidade toda. Para uma pessoa que é Maria Fifi é muito bom. Eu achei que ia trocar nomes e até alguma censura, mas não, ela taca o pau em todo mundo e ainda faz ameaça “olha vocês tão fazendo isso comigo, mas eu vou botar no meu livro. Um

dia todo mundo vai ver” E ela fez isso. Ela é o tipo de pessoa passiva agressiva, mas no fundo ela tá contando a vida das pessoas. Meu Deus do céu! Como é que essa daqui não pegou um processo?

Dia 3 de Julho – pag. 50

Olga: O modo que ela tratava a dona Domingas que abrigou ela tipo de um modo bem aproveitador eu acho que ela foi bem ingrata também e acho que era mais isso que incomodava o fato como ela enganava as pessoas falando se aproveitava não é se você não fizer tal coisa para mim do jeito que eu quero eu vou transformar você em um elefante pela fala de sou uma feiticeira sabe transmitir um terror em determinados grupos para poder se aproveitar disso é o perfil de uma pessoa que é a Leila aproveitadora acho que é isso

Pesquisador: Vocês consideram que a Leila possa ser uma mulher branca?

Celina: Obviamente é uma mulher branca no texto foi dito que o marido dela é um homem preto e quando foi falar sobre ela não cita nada sobre isso talvez teriam citados se ela fosse uma mulher negra eu acho que ela é uma mulher branca e não sei

Pesquisador: O que vocês acham da relação da Leila com a Dona Domingas?

Olga: Ela foi alvo de violência não sei se física mas psicológica foi que ninguém vai sair do seu recinto saiu foi embora assim que ela chegou a Leila ela deixou o leito dela para ela dormir foi dormir no chão então obviamente pessoa não vai dizer dorme aqui na minha cama que eu vou dormir no chão eu vou lavar suas roupas daqui o salário que eu ganho ninguém faz isso por querer exploração muito abuso psicológico não diria físico porque eu não sei que não fala nada aí mas que ela sofreu muito na mão deles dois ela sofreu

Pesquisador: O que é esse feitiço?

Olga: é uma charlatã aquelas que toma aqui um feitiço você vai conseguir tal coisa conseguiu emprego isso e aquilo e no fim é só para explorar as pessoas talvez ela seja isso não sei dependendo das crenças pessoas acreditam nas coisas não é



Cristina: Ela era daquelas senhoras q mistura erva e faz remédio? Sei la. Só me passou isso. Mas acho que curar ela deve curar e não transformar ninguém animal. A Leila era ruim, não é? Para ela usar de determinados argumentos para dar medo e ele é criança talvez falar qualquer coisa ele acreditasse.

Pesquisador: Vocês já ouviram alguma história parecida com a da Dona Domingas?

Olga: eu não sei se vai ter muita ligação mas a parte dessa exploração mais recentemente passou no jornal uma senhora negra que foi encontrada em situação de maus-tratos que estava trabalhando em uma casa para outra senhora Branca já Fazia anos que ela estava lá em situação totalmente de maus tratos dormia com os cachorros os cachorros defecavam na cama dela ela dormia lá ridículo toda aquela situação não tinha roupa os sapatos eram sacos amarrados não recebia nada era direto transferido para conta da patroa dela a filha dela achava que ela estava morando lá para trabalhar sendo bem tratada não tinha contato nenhum com exterior que encontrou com ela foi uma vizinha e o segurança da casa achavam estranho era um terror total então tem essa situação do racismo de hoje em dia eu acredito que o racismo que a Leila era uma mulher branca e o que ela fez com essa senhora que estava aí na história não é.

7 de Junho – pág. 53

15 de Junho – pág. 61

Cristina: Eu queria falar dois trechos o da página 53 do dia 7 de junho no último parágrafo. E o da página 61 dia 15 de junho é um outro episódio. Esses são dois trechos que eu achei mais marcante. Eu fiquei chocada

Maria: Achei impactante essa parte, reforça a ideia do quanto que essa mulher é forte e corajosa. "Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar. Então resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida. Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói porque quem não é forte desamina”

13 de Maio – pág. 30

Olga: Deixa eu ver se eu acho que a parte que eu quero falar página 30 dia 13 de Maio “Hoje amanheceu chovendo e ela segue falando que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” ela termina o texto dela assim “no dia 13 de Maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual, a fome” Traz todo um carregamento do passado, as consequências de uma política que valoriza o capital, as consequências de um passado que afirma que a escravidão não acabou,, só mudou o seu modo de impacto. Essa parte aqui foi uma das que mais me chocou, eu até anotei aqui.

Pesquisador: O que vocês acham sobre as falas da Carolina referente a negros e brancos?

Ângela: Eu consigo entender ela. O posicionamento dela é uma pessoa racista, mas ela não é racista porque ela tem falta de conhecimento. Ela pode parecer racista porque na nossa sociedade o racismo é enraizado. E você ter nascido no tempo que ela nasceu você automaticamente sem querer, sem consciência alguma, você reproduz esse racismo. Um exemplo vivo é a minha avó, ela foi criada com a irmã dela que era branca. Parece até coisa de novela. A minha avó sempre diz lá em casa que só quem podia ir à escola era a Expedida, que era irmã dela, só quem podia ir para escola era Expedida, só quem podia usar batom era a Expedida. Ela tinha que estar na casa de um e outro limpando as coisas. Ela era obrigada a ler jornal para o pai a força e não podia gaguejar. Ela dizia assim “Eu li na marra, apanhando no pé do ouvido direito” É uma coisa tão absurda, mas que antes era correto na vida da minha avó. Ela reproduz isso até hoje. Para você ter noção de até hoje ela sempre fala assim “minha família tão linda, são tudo alvinha, tudo branquinho, meu Deus eu tenho orgulho da minha família”. Ela reproduziu que ela passou a vida inteira vivendo. Ela dizia que o pai dela dizia assim “pega essa nega veia e bota para lavar os pratos lá na tua casa” com quem passasse na rua. Então a Carolina, ela reproduz o que a sociedade impõe. É como os meninos disseram que o branco é o correto e o preto é sempre o errado. A coisa está preta, a inveja branca que é a inveja boa entre aspas. Tudo é direcionado ao branco ser bom e ao preto ser ruim. É que nem você perguntar antes quando existe orgulho LGBT. Eu conheço uma pessoa que me disse “Ruth, se eu pudesse eu tinha nascido hétero porque eu não queria sofrer e passar pelo que eu sofro hoje”. Então eu consigo olhar com um olhar de empatia. A Carolina, toda vida que ela fala alguma coisa que ela faz alguma comparação com a pessoa branca e pessoa negra não é

ela foi induzida ali, ela foi coagida a aceitar aquilo dali a todo custo. Ela era pobre, favelada, que ela tinha que aceitar isso que ela era pior, que ela era ruim. Eu consigo muito entender ela. Outra coisa que eu quero muito falar é que eu amei o livro pelo simples fato dele não ter mudado a escrita dela. Toda palavra que por mais que absurda que seja de errado, quase que você não entende, ele coloca aquele tem maior orgulho de dizer esse livro é feito em uma caligrafia dela, você vai ver palavras erradas, mas é com a escrita dela, nada desse livro foi alterado. Eu acho isso muito bacana mesmo.

Ângela: Eu ia falar isso. A raça só existe para pessoas negras, não para as pessoas brancas. Se você for parar para pensar uma coisa tão injusta a gente automaticamente reproduz uma ação que já está enraizado se você não lutar todo dia incansavelmente contra o racismo, contra homofobia, contra a discriminação e tal você acaba que sendo engolido por isso. Engolido mesmo, uma coisa que a gente nunca para pra pensar, no casamento eu vos declaro marido e mulher. Não é marido e esposa como se a mulher não fosse capaz de ser fiel a um homem se ela não fosse reconhecida como esposa ela só é mulher. “Eu vos declaro marido e mulher” e a gente reproduz isso anos e anos da nossa vida até chegar uma pessoa e dizer se eu não aceito isso olha no meu casamento padre você vai ter que dizer eu vos declaro marido e esposa se eu for casar na igreja. Tem coisas que você se levanta e luta incansavelmente ou aquilo nunca muda e só piora. Tem dias que eu tô tão cansada de militar de falar as coisas, tão cansada que eu fico assim, meu Deus porque que eu sou assim? Porque é que eu não posso ir numa praia e só curtir a praia? Olha aquele homem assediando uma mulher. Minha mente fica trabalhando o tempo todo tanto quando eu vou me deitar minha mente ainda fica trabalhando.

30 de Maio – pág. 46

Isaque: Quando o José Carlos chega em casa com uma sacola de biscoitos que tinha encontrado no lixo, o medo de ter veneno na comida. A frase que ela falou me deu uma pontada: “Eu comi pensando naquele provérbio: Quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer.

27 de Maio – pág. 44

Cristina: Nesse dia, o frigorífico joga creolina no lixo, pro favelado não catar comida pra comer. Creolina é uma substância com cheiro ruim, de remédio.

Esse episódio me chamou atenção tbm pq ela descreve a fome, e o pensamento dela diante disso. Ela pensa "Haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer?"

22 de Junho – pág. 68

Maria: tem uma parte, sobre um homem chamado Zuza (pág 68) ele fala” vocês estão morrendo de fome?” essa pergunta me pareceu totalmente ignorante, típico político brasileiro. Nesse capítulo é nítido a invisibilidade social, pois ela e seus filhos são ignorados por aqueles que têm uma melhor e maior condição social. A mãe uma vez me disse que a pior coisa era eu pedir algo e ela não poder dar. As escolhas que ocorrem no livro me marcam muito, ter que escolher entre uma roupa ou o alimento.

Olga: Essa parte dela de sempre classificar as pessoas, "vizinhos de tijolos" "vizinhos da casa de madeira"... Me lembra a frase "você é o que tem" Me faz pensar, como Carolina se vê diante dessa realidade Lendo eu sinto um vazio na Carolina, como o medo de ainda estar na favela, o medo de no futuro nada mudar, ela sempre fala que acredita na melhora, mas deixa transparecer uma incerteza, nos dias de chuva ela transparece isso, o período depressivo e pensativo dela.

14 de Julho – pág. 69

Olga: Eu ia falar uma coisa que me chamou atenção. Acho que vai apartir do 14 de junho do meio para o fim houve uma presença meio que uma decadência emocional da Carolina, a presença muito chamativa da questão do suicídio. A primeira vez eu acho que foi citada ela dizendo “quero ver como é que eu vou morrer ninguém deve alimentar a ideia do suicídio hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte é um herói porque quem não é forte e desanima” é na página 69. Ela fala de uma deficiência de alimentação no estômago e por infelicidade. Ela meio que estava com a convicção muito forte, falava que debatia que o livro dela seria lançado na esperança muito grande que realmente iria sair da favela. E meio que do meio para o fim ela foi ter umas recaídas. Eu acredito que a partir de um momento teve uns dias de chuva que ficaram bem mais recorrentes questão do período depressivo dela aumentou bastante e foi deixado muito claro a presença disso. Eu acho que a Carolina tinha uma depressão muito forte, tinha momentos que ela ficava que ela não conseguiu se levantar pelo

fato dela guardar tudo para si, que ela tinha filhos, ela não podia desistir, ela tinha na mente a ideia de que “hoje eu queria me suicidar”. Ela carregou todo esse fardo com ela, ela não podia dizer aos filhos, mas ele sempre fica ressaltando que se ela fizesse estava aí seria melhor porque não precisaria trabalhar. É um modo muito difícil e foi muito recorrente isso que eu acho que volta para aquela ideia que o Vitor falou do medo do leitor se a Carolina vai estar vivo ou não até o final do livro. O que é que vai acontecer?

Cristina: é uma decadência mesmo até sobre a profissão dela q eu tinha citado, no começo ela dizia que não reclamava, que era acostumada e ela so refletia sobre o cotidiano. Mas uns anos dps ela já sente uma insatisfação bem maior, e sempre imagina a vida dela diferente daquilo com mais frequência.

Olga: Eu gostei bastante do final assim não teve um final foi algo bem aberto dando a entender que teve uma continuidade da rotina dela, mas teve uns acontecimentos no final, presença de algumas pessoas que foi bem chamativo a meu ver e eu conheci mais a Carolina no final do livro do que no início dele. O lado dela romântica algumas coisas que ela colocou à presença que eu achei mais impactante na vida dela foi a do Seu Manoel no início não deixa mostrar que gosta realmente dele que tem algum sentimento por ele mas do meio para o fim ela acaba se abrindo e contando isso, demonstrando isso, e a parte também que apareceu o Cigano foi um momento bem caótico na vida dela, foi uma montanha russa de sentimentos. Eu acredito que ela passou a confiar nele, ter um relacionamento com ele depois ela meio que quebra a cara que ele não é uma pessoa que ela esperava. Gostei bastante dos movimentos da Carolina no decorrer desses anos, embora a evolução dela foi rotineiro ela foi se abrindo aos poucos a gente passa a conhecer ela e até meio estranho depois que termina pegar o livro de novo. É como se a gente tivesse vivido com ela isso tudo, tivesse lá do lado dela enquanto ela tivesse vendo todas essas coisas é bem estranho e chega a nostálgico. A gente conseguiu interagir com a Carolina, compreender ela, senti o que ela tava sentindo, que ela tava passando, eu achei bacana.

Cristina: Eu peguei um pouquinho da fala da Celina e eu assino embaixo. Eu achei o livro muito chocante, eu senti muitas coisas boas e coisas ruins. O que essa mulher passou, o que essa mulher fez, Jesus, misericórdia. Eu fiquei mais feliz principalmente naquele episódio que ela tinha publicado o livro dela aí ela foi lá para o jornal, se não me engano, para o

departamento lá e ela comeu salada e ela sonhou com isso. Fiquei muito feliz quando eu vi isso, mas mesmo assim eu fiquei triste porque quando chega no outro ano após a publicação do livro ela continua com a mesma rotina, diz que ela não enriqueceu, ela teve apenas o dinheiro para sair da favela, ela não conseguiu enriquecer. Eu acho que ela foi ignorada por um tempo, foi um sucesso no começo, mas depois ela foi ignorada de novo. Isso é triste, mas eu acho que foi muito bom mesmo. Eu fico feliz por ela mesmo ter passado por tantas coisas ter conseguido ter partes boas na vida e ela escreve muito bem. A situação foi muito bom e essa parte do pai da Vera que o cara era rico só dava 200 cruzeiros para ela era muita meu Deus do céu. E ele via como era o estado da casa dela, como é que ela vivia e só dava 200 cruzeiro por mês e às vezes nem dava isso.

9 de Junho – pág. 170

Olga: Ele apareceu porque não queria ser exposto. Ele agradeceu que não botou o nome dele, mas eu acho que a Carolina ficou com ressentimento muito grande por ele. Eu não acredito que ela bate muito bem com ele. No dia 2 de julho ele aparece novamente e tem uma parte que é assim que ela fala “ele deu-me 150 cruzeiros e 20 para cada filho, ele mandou os filhos saírem para nós ficarmos sozinho. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se.” Então deu a entender que aconteceu algo dentre os dois nesse período. Não que ela quisesse, chega a ser um pouco preocupante, mas chama bastante atenção o desgosto de ser mulher. Então obviamente ela não tem uma relação saudável com ele, de certo modo eu peguei um nojo desse cara. É isso.

Isaque: Pronto, eu não terminei o livro eu tô na página 102, mas eu estou gostando do livro. Me interessou muito, antes eu não era acostumada a ler esse tipo de livro, diário, mas depois que eu comecei a ler eu gostei muito. Para terminar ainda eu gostei que o livro tem muito altos e baixos, todo dia diferente do outro, todo dia uma batalha.

Olga: Tem a questão religiosa também, a questão que as pessoas precisam de uma divindade para se apoiar, a Página 140 lá no final, o diálogo dela com outra mulher, quando a mulher fala que não vai se suicidar porque vai esperar Deus concertar o mundo.